

Helder Lopes

P
e
d
r
a
d
a
s

contributos
para a
rotura do
processo
pedagógico

n^o

Charco



Pedradas no Charco

Contributos para a rotura do processo pedagógico

Helder Lopes

Título:

Pedradas no Charco – Contributos para a rotura do processo pedagógico

Autor:

Helder Manuel Arsénio Lopes

ISBN:

978-989-8805-05-8

Editor:

Universidade da Madeira 2015 - Funchal, Portugal

Índice

PREFÁCIO	5
PREÂMBULO	7
Artigos publicados no DIÁRIO de Notícias da Madeira	53
Compreender o Desporto, compreender as pessoas	55
Desporto, uma ferramenta poderosa	56
Repensar a formação	58
O Clube é uma Escola, a Escola deveria ser um Clube	59
Avaliar e produzir como no Desporto	61
Desporto e Saúde – Equívocos e potencialidades	63
A resistência à mudança	64
A mudança – Uma questão de Equilíbrios	66
Formar pessoas e ganhar campeonatos	67
Não há idades para os “Porquês?”	69
Formar ou formatar?	71
Avaliar a Avaliação	72
SOS competência	74
Componentes críticas versus janelas de oportunidade	76
Crise? A culpa é do processo pedagógico	78
As Gorduras Institucionais	79
As Gorduras na cabeça das pessoas	81
“Lavar/Semear/Colher”	83
A Mesada	84
(In) Coerências	86
“Cientificamente Provado”	88
Treinar para os exames	90

Idolatrar ou Denegrir – únicas alternativas?	92
Selecionar a assobiar para o lado	93
Diploma e Qualificação	95
Desenvolver o Espírito Crítico	97
O Discurso e o Percurso	99
Ano Novo, Vida ...	100
“O Vilão espertanho”	102
Soluções e Problemas	103
Porque que é que às vezes as coisas não acontecem?	105
Projetar o futuro	107
“Achologia”	108
“Consta que ...” versus “Cientificamente provado”	110
Dez minutos por dia	112
Regras e Normas	113
“Preparar para a imprevisibilidade”	115
Um Mar de oportunidades	116
O Desporto - uma ferramenta poderosa	118
“Os Iluminados”	120
Talento versus Trabalho	121
Desporto e Ciência	123
Os pais e o processo pedagógico	125
No meu tempo ...	127
Coordenar capacidades e potencialidades	129
Expetativas e Frustrações	131
“Des-confianças...”	134
Novas etapas ... velhos problemas	136
“Desenrascanços...”	138

Educar para a impunidade?	140
A árvore e a floresta	142
“Falar para o Boneco”	144
Indiferença e indignação	146
Prestar contas para evoluir	149

PREFÁCIO

Desde Maio de 2010 que lideramos mais um capítulo da notável história do resistente DIÁRIO. Uma etapa comprometida com os valores que herdamos, com as exigências decorrentes do estatuto editorial e com as múltiplas vozes de uma sociedade por vezes refém.

Desde logo, apostamos na contribuição da cidadania com rosto para a diversidade do pensamento. Aliás, no DIÁRIO, cabe ao Diretor subordinar a atuação deste jornal "a critérios de pluralismo". Um pluralismo que não se esgota na partidocracia das vinganças e dos interesses, ou nas conceções autoritárias dos que não admitem as diferentes formas de expressão e ignoram, entre outros princípios inquestionáveis, que no nosso projeto jornalístico os artigos devidamente assinados representam apenas e só a opinião daqueles que foram convidados a escrever.

Neste tempo ousado, não faltaram tentativas de atentados contra tudo o que há de mais elementar nos meios de comunicação, princípios inalienáveis como independência e a liberdade de expressão. Não faltaram expedientes irracionais que desrespeitam a Constituição e a liberdade de imprensa. Uma liberdade que "abrange o direito de informar, de se informar e de ser informado, sem impedimentos nem discriminações", exercício que "não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura".

As manobras valeram múltiplas recomendações da ERC, nomeadamente uma, "que não cabe aos poderes regionais a definição e implantação de níveis satisfatórios de pluralismo nos órgãos de comunicação social, uma vez que estes devem resultar das dinâmicas próprias".

Mau grado todas as atitudes mesquinhas e proibições ridículas, atropelos premeditados e alguma aversão ao jornalismo que questiona,

é incómodo e fez um pacto com a ética e com a verdade, não nos rendemos. O DIÁRIO é palco privilegiado para a partilha da opinião livre e consequente. Em nome do pluralismo que sempre defendemos e praticamos. Para que não esmoreça a missão democrática de dar tempo e espaço à diversidade. Para que possamos continuar a refletir conhecendo o pensamento de quem se realiza em diversas áreas da nossa sociedade. Para que haja universalidade neste jornal regional.

O distinto professor universitário Helder Lopes tem mantido desde Outubro de 2010 uma ininterrupta e generosa colaboração mensal com o DIÁRIO. Uma participação ativa em que se tem comprometido com a sua área de especialidade, o Desporto e a Educação. Mas sobretudo com o Homem.

Nos seus mais de 50 artigos tem agitado as águas por vezes estagnadas, de olhos fixos numa necessária viragem no processo pedagógico que já não dá resposta aos problemas de hoje, quer nas escolas, como nos clubes. Tem definido rumos sustentados e alternativas fundamentadas, pois como traçou no início da odisseia opinativa, “a cidadania passa por querer e saber atuar, mas antes de mais é preciso compreender”.

É também graças ao seu testemunho interessado no essencial que a opinião partilhada no DIÁRIO é serviço público, motivo de reflexão e expressão da democracia com alma. É uma dádiva numa terra onde ainda abunda a “achologia”, o comodismo e, pior, o anonimato. Só podemos estar gratos a tamanha frontalidade.

Ricardo Miguel Oliveira
Diretor do DIÁRIO de Notícias da Madeira
Abril de 2015

PREÂMBULO

AS CAUSALIDADES DO PROCESSO PEDAGÓGICO

Pedem-nos um preâmbulo (CAIXA 1). É com prazer que procuramos dar algum contributo (deixamos algumas das muitas articulações que contem, como exemplos - um texto não é um mero repositório de dados mas vive dos conteúdos que contem e do que dele somos capazes de retirar), despretensioso, para um trabalho que através dos anos tratou um tema tão difícil como a educação e os seus efeitos e consequências. Ainda mais difícil porque tal se dá num âmbito de divulgação e alerta, num tratamento de problemáticas que, até para os especialistas, são difíceis de abordar.

CAIXA 1 - Pré-ambular é, certamente, diferente de pré-faciar (dar um primeiro rosto), apesar de alguns dicionários insistirem que são sinónimos, função que está seguramente bem entregue. Preambulando preparamo-nos para a viagem e mais do que elencar algumas opiniões -Veja-se o que nos diz Helder Lopes nos artigos de 13/01/2014, “Os Iluminados” e em 12/06/2013, “Achalogia”.

Vamos procurar disponibilizar ao leitor algo que possa ser útil na jornada. De outro modo seria falta de atenção ou mesmo de respeito pelo autor que preambulamos, por simultaneamente o ignorarmos.

Mas a educação, como hoje praticamente tudo, não é um campo reservado a alguns entendedores e peritos. No respeito pelas competências próprias e específicas, exige-se uma participação ‘cidadã’, pois se alguns têm a responsabilidade de ser produtores todos somos consumidores, beneficiados ou vítimas dos seus efeitos colaterais, num mundo sem fronteiras físicas mas com sérias limitações (predominantemente culturais) em se expressar de uma forma globalizada, responsável, independente e individualizada.

Ora ser, simultaneamente, globalizada, independente e individualizada poderá parecer encerrar contraditórios, mas não, pois o todo vive da pessoa e do particular e não de uma amálgama que tudo confunda e baralhe. O todo vive do somatório de particularidades (o indivíduo e as suas células) que, sendo responsáveis, desempenham funções diferenciadas numa estratégia global mas com operacionalizações que dependem das competências próprias e dos objetivos, diferenciados, que naturalmente visam.

É a riqueza das partes que, numa estrutura de equipa, de acordo com as funções que assumem e as competências próprias procuram otimizar desempenhos e rendibilizar os recursos (humanos e materiais) disponíveis, sonhando alto e vivendo a ambição.

Alguns gostariam que em termos sociais se formassem equipas, que se fossem do futebol seriam constituídas só de guarda-redes ou de atacantes (o que no futebol seria pura estupidez), mas que na sociedade não sendo menos obtusas, mas com incongruências que são no entanto menos evidentes porque as análises são predominantemente superficiais e os erros que lhes estão na base foram tantas vezes repetidos que passaram a ser encarados com naturalidade. Para além dos aspetos imediatos temos de contar com os efeitos colaterais resultantes e os problemas, reiteradamente profundos, que levantam.

Mas não é fácil, pois não só se deram mudanças de alguns aspetos fundamentais das nossas vidas, com presenças evidentes (porque são a 'forma', por vezes não mais do que a embalagem), como os computadores, os telemóveis, os robots, as automatizações, etc., mas também, já menos visíveis (porque são os 'conteúdos', frequentemente imateriais), como as modificações nas dinâmicas das vidas dos indivíduos e das sociedades que, porque estamos embrenhados no dia-a-dia (tantas vezes entranhados em minudências feitas - de propósito? - só para entreter e perder tempo - Veja-se Helder Lopes, artigos de

16/01/2012, “As Gorduras Institucionais” e de 13/02/2012, “As Gorduras na Cabeça das Pessoas”), por vezes deixamos escapar.

Vamos assim procurar ajudar o leitor avisando para alguns aspetos que poderão eventualmente facilitar a sua interpretação dos textos e, eventualmente, permitir ser mais incisivos na análise crítica dos seus conteúdos.

O exercício da individualidade, neste quadro integral, é ainda muito difícil, pois tudo se conjuga numa conspiração para ficarmos num passado onde as barreiras se erguiam em fronteiras que procuravam respeitar as limitações de pessoas, países, ciências, etc.. (Veja-se, Helder Lopes, artigo de 13/05/2011, “A Mudança - Uma questão de Equilíbrios”).

Mas as limitações (artificiais) dos espaços e dos tempos explodiram, ganhando dimensões (insuspeitadas até há pouco tempo) que hoje já conseguimos percorrer de forma ainda balbuciante mas curiosa e interessada. Uma viagem ousada, perigosa, atrevida, mas, sem dúvida, desafiante, atraente e tentadora.

Como em qualquer outra viagem a bagagem de quem a empreende pode não ser mais do que um empecilho que dificulta a deslocação tal como a apreciação e integração no contexto, nas particularidades que este oferece. Mas pode também ser um conjunto de recursos que facilitam a exploração e fruição dessas particularidades e a integração que permite experimentar. (Veja-se Helder Lopes, artigo de 13/05/2011, “A Mudança - Uma Questão de Equilíbrios” e artigo de 13/04/2011, “A Resistência à Mudança”).

Uma viagem não é só percorrer mas, sobretudo, viver. Preparar a viagem, ‘fazer as malas’, pode (deve) ser uma parte do prazer de partir que seria pena desperdiçarmos.

CONTEXTUALIZANDO NO QUADRO GERAL

Num mundo em permanente mudança, onde as adaptações devem acompanhar - por vezes mesmo antecipar para construir, com uma intencionalidade que procura a realização 'dos sonhos' - as transformações constantes que se nos impõem (ou que nos impomos, embora, lamentavelmente, nem sempre sonhemos o que desejamos), alguns (demasiados) dedicam-se a preservar, tentando opor-se ao movimento, por vezes com boas intenções que como todos sabemos enchem o inferno, por falta de visão ou por um conservadorismo que, se vingasse, destruiria a nossa (dos indivíduos e das sociedades) possibilidade não só de sobreviver, mas também de o fazer com qualidade e até dignidade.

Uma qualidade e dignidade que, hoje, ultrapassado que está um período de carências que faziam com que a sobrevivência fosse o objetivo imposto. Finalidades que são exigências aceitáveis num contexto onde a subsistência embora não esteja garantida está minimamente acautelada.

[**Nota** - há uma 'mancha de óleo' que pouco a pouco vai alargando, levando 'o mundo de abundâncias' a âmbitos cada vez mais amplos - como se passa com a terrina da sopa, é verdade que alguns se servem primeiro que outros, mas a terrina não ficará vazia antes de completar a rodada. Um 'espírito preservativo', que acima indicamos, de procurar parar o mundo opondo-se ao movimento (possível em terra, difícil no mar e impossível no ar - é a evolução dos transportes) torna-se não só prejudicial mas também perigoso, pois traduz e pretende efetivar uma visão "que já foi". Portanto nocivo não por moda mas porque, desenquadrado das realidades atuais, leva a soluções que iníguas.

Mas, pensamos, é no entendimento, na educação diríamos, utilizando o exemplo da sopa, que, se deve basear a criação das condições para que haja uma distribuição equitativa. Não por idealismos piedosos, mas porque os conflitos têm, tantas vezes feito cair a terrina ao chão e partir-se.

Riscos haverá em todo o lado e em todas as opções - para os primeiros é preciso verificar se não está quente demais, os últimos poderão ter a sopa já um pouco fria.

Muitos já esqueceram que ainda há bem pouco tempo, escassas dezenas de anos, a sopa não chegava para todos num mundo de carências que, como dizíamos, se vai sucessivamente encolhendo.

Hoje debatemo-nos com obesidades resultantes da má gestão do excesso de sopas e até porque na ânsia de encher com a sopa já nem conseguem comer quando chega a fruta e os doces].

UMA COMPILAÇÃO DE TEXTOS

É contra esta tendência estagnadora e as resistências que se opõem a transformações, ponderadas e equilibradas, que temos sempre visto Helder Lopes se bater (estes artigos são disso um ténue testemunho), nas dezenas de anos em que nos conhecemos, lutando contra a banalização e procurando soluções que nem sempre são fáceis e evidentes. Contra as reações à mudança e a falta de visão, mortal, de quem receia desafios, entretendo-se (justificando-se?) com um presente miserabilista, que sai muito caro em proveitos disponíveis e até em vidas.

Esta compilação de trabalhos é mais um passo nesta longa marcha, juntando quase cinco anos de reflexões que apesar de terem surgido de ‘tempos a tempos’, com a periodicidade marcada pelo jornal, encontraram os seus leitores fieis.

Devemos, portanto, considerá-las como um processo (uma continuidade, não um agregado de acasos isolados), em que as ocorrências se vão sucedendo e interligando, como uma corrente em que cada elo irá influenciar a funcionalidade do todo (por isso irá ‘quebrar pelo mais fraco’) e não como um agregado de acontecimentos, contributos pontuais e isolados que não se afetam entre si.

Mas, como acima indicámos, não é fácil interpretar o mundo, as ideias, as intenções, ou até os prazeres, os gostos, tudo enfim. Corremos, deste modo, o risco de apresentar algumas ‘ferramentas interpretativas’ para que o leitor possa dispor de mais alguns instrumentos para a análise dos textos que se seguem, cumprindo a função de um preâmbulo, pensamos nós.

Mas atenção, apesar de termos o prazer de há muitos anos trabalhar com Helder Lopes, no debate, na complementaridade e no confronto de posições, nem nos passa pela cabeça que esta seja a interpretação do autor dos artigos que se seguem, ou até a sua perspetiva.

Porém de facto o que interessa é a posição do leitor. A representação que certamente fará do que apresentamos, na sua atuação de indivíduo e não a aceitação de um conhecimento que lhe é despejado por cima. É neste sentido que procuramos dar um contributo, tentando mesmo provocar as reações que, como o piri-piri e a pimenta, agitem ‘papilas gustativas’ de modo a fazer sobressair o sabor ‘dos pratos’ e/ou facilitar digestões.

ALGUNS CONCEITOS ÚTEIS

A comunicação

Como todos sabemos numa comunicação existe um emissor (quem transmite a mensagem), um sinal (a mensagem em si) e um recetor (quem recebe a mensagem e a interpreta). Os três constituem um todo e se não forem vistos em conjunto dificilmente poderemos perceber como funciona uma comunicação e os problemas que podem existir.

É frequente o esquecimento (ou a ignorância?) de que o valor da mensagem, da comunicação, está na interpretação que lhe é dada pelo recetor (que tem muitas vezes pouco a ver com o que o transmissor pretendeu ou o sinal encerra) e não com a intenção de quem transmite ou com o talento e a qualidade do sinal. Logo no início alertámos para

que ‘um texto não é um mero repositório de dados mas vive do que contém e do que dele conseguimos retirar, portanto das relações e articulações que somos capazes de realizar.

Comunicar é ligar, emparelhar com o outro, mais do que exprimir-se ou declarar qualquer coisa, como imaginam alguns mais egocêntricos.

Tal como, aparentemente pelo menos, uma aula e uma conferência deveriam ser para quem a elas assiste, a política para o cidadão que dela recebe apoios, sendo portanto serviços (no entanto todos sabemos que qualquer destas servem muitas vezes para quem devia ser servidor delas se sirva para se pavonear e/ou se servir). Já o desporto, quando feito em situações competitivas, devido ao esforço que exige numa aproximação aos limites do desportista, nos mostra uma outra funcionalidade e exige-nos uma outra posição, sendo diferente de uma mensagem - o desporto é para quem o faz, para o espetáculo que apresenta e para o espetador que sabe ver. Separar estas três vertentes destrói o todo, quer para os desportistas amadores, quer para os profissionais. (Veja-se Helder Lopes artigo de 14/10/2010, “Compreender o Desporto, Compreender as Pessoas”, o de 14/11/2010, “Desporto, uma Ferramenta Poderosa” e ainda o de 14/12/2010, “Repensar a Formação”).

PRECISÃO, RIGOR E OBJETIVIDADE

Deste modo, para facilitar o entendimento vamos fornecer alguma informação que, pensamos, permite uma grelha de interpretação dos textos mais fina (fina = precisa + rigorosa + objetiva - três fatores que se complementam mas que muita gente, dicionários mesmo, consideram, de forma errada, como sinónimos).

A EDUCAÇÃO

Toda a motivação do trabalho de Helder Lopes se tem centrado na educação e as publicações que aqui são compiladas têm sempre esta preocupação presente.

Mas o que é educação? É uma palavra muito utilizada mas, como acontece com muitas outras (por exemplo: desporto, política, democracia, amor, equidade, etc.) cada um emprega o conceito que encerra da maneira que bem lhe apetece (já para não dizer da forma que lhe dá jeito, quando lhe dá jeito). Corremos mesmo o risco de ter que pensar que o último ministro da educação que mostrou que sabia o que era educação (alguns outros talvez o soubesses mas não o mostraram, pensamos) foi ... Veiga Simão, com a reforma do sistema educativo que tem o seu nome, lá para os anos sessenta do... século passado. (CAIXA 2)

CAIXA 2 – DISFUNCIONALIDADES NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO

Pelo que acabamos de afirmar julgamos que devemos ir um pouco mais fundo na definição da nossa posição.

Pelo tamanho que apresenta juntamos no final deste texto uma caixa contextualizando o conceito de educação, até porque, como já várias vezes verificámos a mudança de contexto por vezes faz com que as verdades passem a mentira ou vice-versa.

Educar é fazer as transformações e adaptações que preparam para a vida - ou, se quisermos, numa outra definição que já dá uma indicação como o fazer, é o desenvolvimento das capacidades e potencialidades do indivíduo, naturalmente cada um com as suas (capacidades e potencialidades) e relacionadas com as competências que permitem a integração num tempo e num espaço próprios. (CAIXA 3)

CAIXA 3 – APROFUNDANDO O CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Pelas razões já invocadas na Caixa 2 apresentamos também no fim deste texto um aprofundamento sobre esta temática.

É verdade que muitos insistem em defender algumas deturpações que por aí andam e dizem que educação é: cumprir um conjunto de rotinas pré-estabelecidas e ser capaz de despejar de uma forma certinha um grande número de conhecimentos.

Mas é evidente que esta perspetiva não colhe, se nos dedicarmos a pensar um ‘poucoquinho’.

Não será mesmo difícil fazer uma demonstração por absurdo de que assim não é. Vejamos:

UMA DEMONSTRAÇÃO

Temos (alguns ainda aí não vivem, pois estão ainda num mundo ligeiramente ao lado, embora partilhem o espaço) um mundo de objetos conectados e ligados em rede (o que se iniciou ainda há tão pouco tempo mas que já está tão generalizado, mesmo quando não temos plena consciência do que já existe).

Objetos que são capazes de ter um sentido crítico, de tomar decisões adaptadas a cada situação e até mesmo de aprender e evoluir na qualidade das suas prestações.

Corremos, deste modo, o risco de a seguinte afirmação estar correta: frequentou as melhores escolas com notas máximas e tem um curso superior feito com o melhor desempenho, isto é, com o melhor aproveitamento (ou seja, recordemos a definição que acima apresentamos - “cumpre um conjunto de rotinas pré-estabelecidas e é capaz de despejar de uma forma certinha um grande número de conhecimentos”).

É, portanto, evidente que quando se limita a executar (executante é alguém que se limita a fazer, realizar) o que aprendeu nos cursos e pelo que foi avaliado e a fazê-lo muito bem, é estúpido (para os mais moderados, não tão inteligente) que nem uma porta pois não se adapta às diferentes situações e problemas que enfrenta, nem é capaz de aprender com os erros que faz.

O que aprendeu (e ‘pelos vistos’ até aprendeu bem pois teve notas máximas) foi a ser capaz de reproduzir um conjunto vasto de conhecimentos e a resolver alguns problemas tipificados com rotinas que constituem as respostas consideradas (institucionalmente) como adequadas.

Hoje ninguém quererá ser assim, certamente, porque lhe faltará a qualidade e dignidade de vida de que acima falamos.

Claro que houve tempos em que esta era a pessoa ideal para entrar numa ‘cadeia de montagem’, na fábrica ou no escritório ou até na vida social, cumprindo todas as regras estabelecidas, sujeitando-se às normas e sendo, evidentemente, um escravo do ‘dever’ (termo que aqui tem um sentido que consideramos horrível, já não bastava ser escravo).

[Nota - repare-se como, uma consequência colateral deste quadro contextual que nos levou numa sequência lógica a cometer um erro grave: a expressão ‘estúpido que nem uma porta’ - que, palpita-nos, deve ter sido criada por alguém que levou com a porta na cara - não faz qualquer sentido hoje em dia, pois as portas sabem abrir e fechar nas alturas certas, seleccionam quem pode passar, são capazes de evoluir e aprender de modo a serem cada vez mais eficientes corrigindo os erros e adaptando-se aos problemas que experimentam, etc.

Note-se ainda que a estupidez pode ser característica de indivíduo, organização ou sociedade].

Educação não é, portanto, algo de abstrato que se mostra apresentando um diploma garantindo ter frequentado um curso (o que é bem diferente de ‘ter aprendido’, que por sua vez é diferente de ‘saber’; nenhuma destas expressões significando, nas suas diversas

modulações da forma como se está perante o conhecimento a existência de ‘sabedoria’).

Temos ainda que o processo educativo extravasou, há muito tempo, do muro das escolas e da dimensão de uma população jovem que era preciso integrar no grupo dos ‘já preparados’ (ou condicionados?), de uma sociedade. Seremos uma caixa-de-ressonância das verdades e mentiras que por aí se dizem não será um papel muito dignificante nem causador de qualidade de vida (outra vez a dignidade e a qualidade de vida) para qualquer indivíduo (docente, jornalista, político, etc.) que por aí ande.

Quando falamos em desenvolvimento das capacidades e potencialidades dos indivíduos falamos conseqüentemente, e logicamente, em algo que vai muito mais longe do que a capacidade de decorar textos e dados e de os reproduzir em exames ou de ser um erudito (... “ninguém sabe mais do que ele sobre”... o que é hoje, abusivamente, esquecer a net ou algum computador com algumas ‘memórias’ sobre o assunto) capaz de entreter grandes assembleias com discursos que mostram competência na repetição e exposição de conhecimentos. Uma competência que estará longe, neste âmbito, de poder competir com qualquer smartphone (ou mesmo com os telemóveis menos ‘smarter’) que esteja agora no mercado.

Em educação, portanto, desenvolvemos sim 1 - a compreensão e o domínio que temos de nós próprios, 2 - como somos capazes de estender as nossas capacidades ao território que conseguimos atingir e eventualmente controlar, e 3 - como conseguimos estabelecer relações com coisas, pessoas, fenómenos, acontecimentos, processos, etc..

Educação é muito mais do que preparar para o desempenho de uma função profissional, ou ainda pior ganhar os automatismos e formas de agir de um determinado emprego.

O conceito de emprego e o desempenho de um emprego são funcionalidades próprias de uma época e o corolário lógico de uma certa estrutura e dinâmicas sociais hoje ultrapassadas (fora de prazo).

As empresas (empreendimento) empregadoras hoje podem dar lugar a companhias (comunidade que irá empreender) - mas é uma discussão para outros espaços. (CAIXA 4)

CAIXA 4 – EMPREGO, TRABALHO OU PRODUÇÃO?

Alguns pensarão “que desgraça, ficaremos sem emprego”; outros pensarão “que desgraça, teremos de nos preparar para tantos desempenhos”.

É estranho como se consegue achar que é uma desgraça tudo e o seu contrário. O preço do petróleo sobe, é uma desgraça, desce é uma desgraça, mantém-se o preço é uma desgraça. O que temos, de facto, é uma incapacidade de adaptação e a procura de um espaço de imobilismos que alguns consideram ‘de conforto’.

Ora o que temos é um conjunto de referenciais que, também ele, se tem de ajustar a uma nova realidade e conceção do mundo em que nos integramos (não enfrentamos, integramo-nos).

O homem tem limites e dimensões. A rendibilização (na vida e não no âmbito restrito do emprego como alguns pensam) das capacidades disponíveis faz-se evoluicionando nesse espaço de ação. Aproveitando o que temos ao nosso dispor - o Homem (todos os seres vivos, de acordo com as suas características - características = dimensões próprias) é um ser explorador, procura utilizar as suas disponibilidades.

O conforto não está em mover-se ou em imobilizar-se demais - mas em explorar ambas estas opções tanto quanto possível. [Nota - a maioria das pessoas não têm consciência de quanto a imobilidade é difícil e mesmo dolorosa - faça a experiência, leitor, deixando imóveis alguns segmentos, mesmo em posições de repouso e veja a dificuldade que tem ao fim de poucos minutos].

Outros perguntarão: “mas então tenho de saber fazer tudo, não me posso especializar em algumas coisas!”. “Que horror”, claro.

Sendo ainda um horror, pois, a especialização passou a ser uma outra coisa também. Da especialização na execução de uma tarefa passamos para uma especialização em pilotar, conceber, estruturar, organizar, etc., tarefas ou estratégias.

Deixámos de ser executantes para passarmos a ser gestores de dinâmicas. De repetidores passámos a ser líderes. Não é uma opção é uma obrigação pois as ‘máquinas’ não dão qualquer hipótese de podermos concorrer com elas - e, defendemos nós, ainda bem, pois precisamos delas para nos servirem!

FERRAMENTAS (CONCEPTUAIS E MATERIAIS)

OS SEUS EFEITOS E CONSEQUÊNCIAS

O conhecimento e a informação de que podemos dispor são, certamente, ferramentas muito úteis para conseguirmos cumprir com estas intenções. São meios e não fins em si próprios, ao contrário do que alguns imaginam ou até pretendem (e talvez gostassem, mesmo).

Ferramentas que podem ser materiais ou conceptuais. Um martelo é uma ferramenta material, já a matemática ou a história são ferramentas conceptuais. Mas, salientamos, a determinante que marca a ação da utilização de uma ferramenta vai muito para além da sua constituição e é também definida pelo uso que lhe é dado. Um remédio, uma outra ferramenta, pode ser usado para curar ou para matar, a função cumprida depende da utilização que lhe é dada, portanto do seu utilizador.

Assim, por exemplo, podemos do mesmo modo utilizar um martelo:

1. Para uma ‘função académica’ descrevendo-o - “um martelo é uma ferramenta, tem uma cabeça que pode ter ‘orelhas’ para tirar pregos, tem um cabo que pode ser de madeira... e por aí adiante... analisando cada uma das suas componentes ou

funções que poderá desempenhar, sem nunca o utilizar para fazer obra.

2. Para uma função de produção, usando-o - percebendo que é mais fácil pregar um prego com ele do que com uma pedra e vendo como emprega-lo para realizar o fim em vista ... cuidado com os dedos....

A terminologia e o conteúdo que descrevemos em 1- virão a seu tempo, de acordo com as necessidades.

[Nota - De qualquer modo se não utilizarmos os termos de que necessitamos, iremos esquecê-los, pois a memória tem limites e saber esquecer é uma prova de boa rendibilização dos recursos disponíveis. Já a compreensão que podemos retirar da funcionalidade de um martelo (se é que a conseguimos em 1- indo mais longe que a descrição) não será esquecida - é como se organicamente soubéssemos distinguir entre a funcionalidade e o acessório. O mesmo acontece com o nadar e o andar de bicicleta, quem aprende não esquece (não seria uma problemática a debater e refletir nos âmbitos da educação?).]

3. Veja-se como num caso ou no outro podemos introduzir conhecimentos estruturados como a física, a matemática, o português etc. para acrescentar à nossa compreensão do fenómeno martelo, mas em 1 tenderemos a continuar a ser descritivos e em 2 inclinar-nos-emos para aprofundar a função que pretendemos que seja desempenhada, escolhendo por isso as facetas e as abordagens que melhor correspondam ao que pretendemos.

No primeiro caso diremos, por exemplo - O martelo pode ser analisado como sendo uma alavanca que nos vai permitir acelerar uma massa de modo a acumularmos a energia muscular passando a ter uma energia cinética que.... - e descrevemos o objeto.

No segundo caso diremos, por exemplo - o centro de massa está aqui, se utilizarmos a força muscular esta massa vai ser acelerada passando a ter uma energia cinética que... - descrevemos a funcionalidade.

Parece que é quase o mesmo, mas é completamente diferente. No primeiro caso continuamos a ser descritivos, inventariamos as partes que constituem o fenómeno. No segundo caso indicamos as funções que estão a ser cumpridas. O fenómeno é o mesmo mas a atitude de quem sobre ele fala é completamente diferente.

Veja-se, por exemplo, o que acima dizemos sobre a comunicação e o que nos diz Helder Lopes em qualquer dos seus artigos, quando fala de desporto, de saúde, de educação, etc.. Se estiver a falar com base em conceções descritivas as articulações desporto/ saúde/ educação, etc. poderão não ser compatíveis a partir de algum aprofundamento do tratamento dos fenómenos. Porém se percebermos que é sempre o homem o centro de qualquer destes fenómenos, estamos a ver formas de transformação e adaptação que fazem parte da mesma funcionalidade e que hoje até já temos um conhecimento capaz de considerar a complementaridade dos processos, sendo naturalmente mais eficaz para custos semelhantes. (Nota - mais abaixo seremos mais específicos em algumas destas relações).

Quando a escola (lato senso) escolheu tratar de uma forma 'teórica' os fenómenos que estuda definiu o seu, da escola, destino de vir a ser académica (palavra que hoje tem um sentido pejorativo de falta de sentido utilitário), gerando (ou apropriando-se de) uma rotura entre o 'mundo do trabalho' e o 'mundo dos estudos e dos tratamentos teóricos', definiu o seu destino - passou a ser descritiva e abandonou o sentido aplicado que pode ter.

Hoje vemos, todos os dias, as consequências desta opção nos conflitos ‘escola técnica’/ escola básica e secundária ou ‘politécnicos’/universidades.

Discute-se (descreve-se) as consequências do facto e não (se analisa) as causas que conduziram a esse facto, o que leva a debates que se não fossem trágicos seriam mesmo cómicos - por exemplo, os institutos politécnicos que não fazem ideia do que poderiam ser, querem ser universidades, as universidades que não sabem o que poderiam fazer entretêm-se a ...fazer como no passado - as consequências são, pensamos, evidentes ... mas esta seria uma outra discussão.

Por vezes tomamos decisões sem compreender bem as consequências que têm e os efeitos que delas resultarão. Veja-se Helder Lopes, artigo de 12/06/2011, “Formar pessoas e ganhar campeonatos”, ou em 09/09/2014, “Novas etapas...velhos problemas, ou ainda em 11/11/2014, “ Educar para a impunidade”

Ora preocupados com os problemas que nos afligem perdemos a visão de conjunto e então não é fácil tomar consciência do que fazemos e das consequências que isso possa ter. Algumas contabilizações, mesmo que sejam feitas de uma forma grosseira e com valor meramente indicativo podem-nos fornecer referenciais para termos um sentido crítico que nos permita tomar consciência mais apurada da forma como vivemos a nossa existência.

CONTABILIZANDO

Quando falamos em educação é normal pensar-se de uma forma abstrata (uma coisa que apesar de ser importante não tem um sentido concreto lá muito bem definido), ou, pelo inverso, em coisas tão grandes que deixam de ter diretamente um sentido real, por exemplo os efeitos de um curso na vida de uma pessoa ou de uma sociedade (fazem-se uma contas jogando com médias onde é dito que quem tem um curso

superior tem mais garantias de ter um emprego, mas só acredita nestas contas mal feitas quem nunca andou à procura de um electricista ou de um canalizador, por exemplo).

[Nota - isto significa sair das nossas dimensões de referência, tal como noutras medidas teremos: por exemplo, um milésimo de milímetro ou um ano luz - a distancia percorrida pela luz, 300000km/s, num ano, a luz que leva cerca de 8 minutos entre o sol e a terra; ou, numa outra unidade, o €, um trilião que é um bilião de biliões de €. São coisas que estão naturalmente fora da nossa compreensão, pelo menos da nossa].

Ora educação é, num sentido genérico, desenvolver o sentido crítico e a capacidade de reflexão que nos permite compreender um pouco melhor os fenómenos e o que deles decorre (note-se que não é conhecer a verdade, uma verdade que possivelmente nem existirá e, conseqüentemente, não permite “ter uma certeza” - Veja-se Helder Lopes, artigo de 13/07/2013, “Consta que... Versus Cientificamente provado - Duas mentiras”). Tal significa, também, escolher a dimensão em que o tema será tratado - ao microscópio, sem instrumentos ou num telescópio?

Não basta fazer recomendações ou fazer avisos bem-intencionados. Se não tocarmos a sensibilidade que alerte para a dinâmica de situações que são, por vezes, mesmo paradoxais. E se não tivermos compreendido a importância dos referenciais que utilizamos para a compreensão daqueles fenómenos.

Pensemos que a educação nos permite fazer um pouco melhor o que realizamos (um pouco menos mal, que vem a dar ao mesmo); dar um pequeno contributo no sentido positivo ou retirar o pequeno emperramento que podemos provocar para que as coisas não corram mal. Mas será que vale a pena todo esse esforço (ou prazer de realizar?) só para “dar um pequeno contributo”?

Concretizamos em dois exemplos para vermos as consequências que pode ter fazermos algumas contas e perceber como até pequenos (quase que irrelevantes) fatores podem ter quando saímos de um referencial do nosso dia-a-dia para irmos um pouco mais longe (note-se que há mesmo uma matemática e uma economia dos grandes números, que abordam este tipo de problemáticas e tratam problemas que saem das dimensões chamemos-lhes ‘vulgares’):

1. Pensando em € - Se perdermos (ou deixarmos de ganhar) **1 € por dia**, falamos em 365 € ano, 3650 € ao fim de dez anos. Para a população portuguesa, grosso modo 10 milhões, teremos - 36 500 000 000 € - trinta e seis mil e quinhentos milhões de € - aproximadamente metade do orçamento do estado num ano ou metade da fortuna do Bill Gates, ou cerca de dezoito vezes a fortuna do português mais rico financeiramente.
2. Se pensarmos em unidades tempo. Imaginemos que ganhamos (ou perdemos, o que vem a dar no mesmo, mas no sentido inverso) **cinco minutos por dia**, teremos ganho (ou perdido) 2h 30 minutos num mês, 30 horas num ano (mais do que um dia). Para os mesmos 10 milhões de pessoas da população portuguesa teremos portanto, ao fim de um ano, 300 milhões de horas/ano e ao fim de dez anos 3 000 000 000, três mil milhões de horas, ou seja 125 milhões de dias, ou 342 465 anos.

Não acredita? Faça as contas, para isso lhe serve a educação que tem. E é bom que não acredite em tudo o que lhe dizem e que vá verificar quando tiver alguma desconfiança. Para isso também lhe serve a educação (não teremos aldrabado as contas só para ver se o leitor é um crédulo que vai nas nossas histórias?). Uma educação que lhe servirá ainda para não ser desconfiado demais, nem crédulo demais - e a perceber que quando se enganar o erro terá um custo. (CAIXA 5)

CAIXA 5 - AS RELAÇÕES E ARTICULAÇÕES QUE IMPORTA NÃO PERDER

Dando um enorme salto, mas é isso que estamos a pedir ao leitor que gere articulações e relações a partir dos conteúdos que apresentamos, estes números só por si explicam e justificam as dificuldades que estamos a viver na constituição de uma nova dinâmica, a da criação da Comunidade Europeia.

Primeiro espaço mundial em termos económicos falta encontrar as ‘economias de escala’ e as subsidiariedades que rendibilizem o todo. Alguns, erradamente querem seguir modelos com outras ‘lógicas’ e outras coerências (os EUA, a China, etc.) ou pensar a Europa como um estado ‘normal’ mas maior com a capital em Bruxelas.

Ora estes 1€ ou os 5 minutos podem resultar de um pequeno erro nas decisões que tomamos, uma lei mal feita, um regulamento que está errado, o atraso que provocamos, o palpite que estava certo, e até ... note-se, as angústias que temos de fazer tudo muito bem feitinho para que nada corra mal. Estes 1€ e/ou os 5 minutos ganham-se ou perdem-se com coisas aparentemente mesquinhas, certamente pequeninas, mas fundamentais. Veja-se Helder Lopes, artigo de 10/02/2014, “Talentos versus Trabalho” e ainda em 10/03/2014, “Desporto e Ciência”.

São valores que não significam fazer mais ou fazer menos, manifestam que se faz na justa medida (pois como dizia o outro, que até tinha razão, “demais, a mais ou a menos, é sempre demasiado”).

DIMENSÕES DO HOMEM

Falámos acima em dimensões humanas. Para além do tamanho e do peso temos muitas outras dimensões que são também fundamentais.

Dimensões humanas que representam a relação entre a capacidade de tratar dados e o filtro que limita ao tratável - uma questão de rendibilizar custos/benefícios. Ou seja cada um de nós (no fundo cada

ser vivo, qualquer que ele seja) é o produto (final - até vemos o que se segue) de transformações e de adaptações que ocorreram durante milhões de anos (nota- veja-se de novo o que se passou ao fim de dez anos nas contas que acima fizemos).

De uma forma sucinta e, conseqüentemente, de um modo relativamente grosseiro, transformámo-nos porque houve erros no ajustamento nas cópias que resultam da reprodução tendo alguns destes erros resultado afinal vantajosos (é uma vantagem da reprodução sexuada, haverá outras) ou em choques com o contexto e para além disso estamos, permanentemente a realizar adaptações que procuram integrar-nos de forma mais eficiente no contexto em que vivemos.

Transformamo-nos e adaptamo-nos:

1. Um exemplo muito 'caseiro': se sofremos uma fratura e engessarmos - isto é transformámo-nos.
2. Os músculos que deixaram de trabalhar atrofiam, eventualmente há outros que se desenvolvem mais por serem mais solicitados e passamos a fazer um conjunto de ajustamentos não só a nível físico mas também na forma de atuarmos, na estrutura da nossa vida e como somos levados a pensar, em tudo enfim - ou seja adaptámo-nos.
3. Se nos forem exigidas transformações ou adaptações que ultrapassem os nossos limites, não resistimos e morremos.

A educação não é uma coisa que aparece magicamente ou porque decorámos um monte de livros, ou porque aprendemos a fazer algumas contas, ou outras coisitas como estas - veja-se os conteúdos dos currículos dos cursos.

A educação é um conjunto de transformações e de adaptações que ocorrem para além do que acontece nas nossas vidas fruto dos acasos e

das circunstâncias, procurando complementar estes acasos e circunstâncias, de modo a melhorar (intenção nem sempre conseguida) a evolução do indivíduo.

Ora as transformações e adaptações não ocorrem porque haja ‘boas intenções’ (o que quer que isto signifique) ou porque um qualquer ‘pai natal’ as ponha no sapatinho (se tal acontecer será um acaso ou uma circunstância - mas nós não contaríamos muito só com isso).

As transformações e adaptações acontecem porque o indivíduo é colocado perante condições em que é obrigado ou motivado a cumprir (é solicitado para - e claro que estando motivado, porque quem corre por gosto não cansa, terá maior disponibilidade para se sujeitar mais às solicitações feitas) e que, se não ultrapassar nenhum dos seus limites (físicos, psicológicos, culturais, etc.), porque um ser vivo (qualquer ser vivo) é reativo procurando rendibilizar as suas capacidades e potencialidades, as transformações e/ou as adaptações vão acontecer.

Ler um livro, aprender matemática, treinar futebol, pilotar um avião, etc. provocarão efeitos não pelas intenções com que as pessoas são levadas a fazê-lo ou que lhes digam que devem provocar, mas pelas solicitações que provocam e portanto pelas transformações e adaptações que exigem que aconteçam. As intenções (por melhores que sejam - e como todos sabemos o inferno está a transbordar delas) não chegam. É a resolver problemas e a viver situações que somos levados a solicitar alguns comportamentos (desde o fazer força ao pensar, o solucionar contas da matemática ou ao procurar os dados necessários para resolver perguntas com que nos confrontamos).

Não vale a pena dizer ‘tens que ser bonzinho’ ou ‘paga os impostos de boa vontade porque o estado precisa e faz bem a toda a gente’ ou ‘isso dá muito prazer mas faz mal à saúde’ - criem-se sim as condições para que as coisas devam ocorrer como desejado (e dificilmente a resposta desejada será obtida com bom rendimento se acrescentarmos

respetivamente... “ou então levas um estaladão”, ou “... senão o professor, o polícia, o inspetor, o fiscal, e muitos outros, demais eventualmente - em muitas profissões e funções, que frequentemente deviam e podiam ter um carácter predominantemente de orientação, informação e um sentido pedagógico, mas que se limitam - limitam-se é uma força de expressão - a ser repressivas, isto é, castigam-te ou multam-te ‘até ao tutano’ ”). (CAIXA 6)

CAIXA 6 - UMA OPÇÃO ENTRE ‘MUNDOS’

- Um espaço, note-se, que já podemos escolher com uma grande diversidade de opções, viajando portanto, e um tempo que ‘lá virá o tempo’ em que poderemos fazer o mesmo, mas que hoje já pode ser em larga medida optado - da idade da pedra à era do espaço - pela escolha do lugar em que nos situarmos.

Numa outra taxonomia podemos também perceber que há o ‘mundo dos desejos’ e o ‘mundo das obrigações’, perfeitamente separados pela fronteira entre o ‘eu gostava, posso?’ (que tem como indicador os olhinhos a brilharem do prazer prospetivos do gozo que vai dar) e o ‘tens de’ (que tem como indicador o afundar a cabeça entre os ombros e o abaular das costas como quem se prepara para levar uma paulada).

Uma fronteira que é, muitas vezes, baralhada pela educação (uma educação que é um tópico fundamental no assunto aqui tratado).

Veja-se como até sobre a mesma função. Como se consegue distinguir entre “podes comer” e “tens de comer”; entre “podes ler o livro” e “tens de ler o livro”; entre o “podes correr” e o “tens de correr”; entre o “podes produzir” e o “tens de produzir”; entre o “podes amar” e o “tens de amar”...

Uma das grandes vantagens do desporto, talvez a sua maior vantagem - porque “quem corre por gosto não cansa”, o que é sem dúvida um exagero, e porque ‘correr’ (objetivo imediato), dentro de certos limites (a menos não faz efeito e a mais, se ultrapassar os limites de transformação e adaptação do indivíduo pode matar ou pelo menos lesionar seriamente) vai permitir gerar transformações e adaptações (objetivos mediatos) que vão bem mais longe do que o que vemos ‘à superfície’, isto é, não se ficam pelos aspectos fisiológi-

cos e anatómicos, mas desenvolvem também as capacidades que estão na base destas transformações e adaptações, como seja, a montagem de estratégias ajustadas, a vontade, o prazer do esforço, a comunicação e o diálogo, com os outros, consigo próprio e com o contexto... - uma infinidade de fatores essenciais ao funcionamento do indivíduo, que são muitas vezes esquecidos até pelos especialistas nos conhecimentos em causa, infelizmente porque são incompetências que todos pagamos muito caro.

ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO

COMO FAZER

Mas como fazê-lo? Todos nós assistimos a discursos que pelo menos mostram boas intenções (embora, frequentemente, alguma – séria - incompetência ou, pelo menos, alguma falta de informação), que visam levar-nos a fazer o que seria ‘bom’ (bom é um conceito muito vago e com interpretações muitas vezes contraditórias mesmo). Não temos nada contra as boas intenções, gostamos mesmo muito de boas intenções, mas a verdade é que não funcionam.

As perguntas põem-se:

1. Se as escolas não transmitirem conhecimentos e forem capazes de verificar e avaliar se os alunos os adquiriram o que poderão fazer?
2. Que meios poderão utilizar para transformar os alunos e criar as condições para que estes se adaptem aos contextos em que se insiram, contribuindo e permitindo utilizar o desenvolvimento das suas capacidades e potencialidades, como acima citamos que são os objetivos do processo educativo?

Esta é a enorme rotura que vai ser - está mesmo já a ser - realizada ou por capacidade dos profissionais diretamente ou indiretamente ligados

às suas áreas ou ‘pela força das circunstâncias’ - isto é pela desadaptação (uma outra adaptação que se poderá impor) às condições existentes, a eliminação dos menos aptos (e alguns outros que irão por arrastamento). Transformação forçada ou substituição por mais capazes de responder às necessidades.

Um processo que tem custos (individuais e sociais) certamente mais altos do que um reajustamento atempado.

Um processo que passa por várias vertentes essenciais:

- As avaliações
- Os objetivos visados
- As estratégias e os conteúdos tratados

- As avaliações

As avaliações são um fator essencial em cada processo, porque permitem diagnosticar os erros do processo, ajustar as respostas e a qualificar e quantificar processos, os seus efeitos e consequências.

- Os objetivos visados

É essencial passar-se de uma perspetiva de aquisição de cada vez mais conhecimentos para uma outra de capacidade de procurar o conhecimento necessário, eventualmente até criá-lo, para a capacidade de desenvolver e utilizar as metodologias necessárias e responder não a situações estereotipadas e típicas (respostas que podem e devem ser automatizadas, robotizadas), mas a desenvolver as potencialidades e capacidades que permitam enfrentar as surpresas estratégicas (CAIXA 7), ou seja, a preparar para o inesperado e a prever o imprevisível.

CAIXA 7 - A SURPRESA ESTRATÉGICA

A necessidade de lidar com a incerteza e a perturbação - planear torna-se diferente pois para além de prepararmos a ação temos de organizar a reação e além disso de separar a noção da tarefa da de

estratégia/quadro operacional. Uma gestão da estratégia implica debruçar-se entre os recursos empenhados (tantos quanto possível para potenciar os efeitos) e as reservas (estratégicas) que permitem responder às surpresas que possam acontecer. Para isso tem de não estar implicadas na execução da tarefa. Há portanto uma liderança operacional e uma liderança estratégica e as respetivas organizações que têm que ser concebidas, coordenadas, estruturadas e pilotadas.

- As estratégias e os conteúdos tratados

O conhecimento é um mero instrumento para a construção da sabedoria e dos saberes, incluindo, naturalmente, a capacidade de os procurar, gerar e utilizar, preparando para a construção de respostas às surpresas estratégicas que têm de ser enfrentadas. Construir sabedorias e saberes vai muito mais longe do que acumular conhecimentos e saber reproduzi-los. É fundamental saber triturar e digerir o conhecimento para tirar dele o sumo possível e eliminar o que na altura não é utilizável (digerir é isso, absorver o que serve, procurar isolar e evacuar o que não serve; note-se que somos envenenados quando neste processo de digestão não conseguimos isolar e evacuar o que não é útil; veja-se ainda que ‘um veneno’ é algo que pode ser proveitoso dentro de alguns limites, passando a ser veneno a partir desses limites; e que o oxigénio, o leite, a água, o conhecimento, o prazer, entre tudo o mais, podem ser venenos, assim como podemos ter problemas de sobrevivência na sua falta).

O professor deixa de ser um expositor de matérias/ controlador de processos e comportamentos (frequentemente com posologias desajustadas às necessidades do aluno - correndo o risco de serem ‘venenosos’ ou, pelo contrário, de não atingirem as doses necessárias), para passar a ser um ‘compagnon de route’, um parceiro para um percurso, que abre perspetivas, faz críticas e organiza o debate, ajudando a conduzir a procura que permite treinar para as respostas às surpresas estratégicas que são, hoje, o desafio que enfrenta o homem

que quer orientar e definir o trabalho (talvez melhor a produção - pois há trabalho que pode não significar produção, é só transpiração, lato senso) das máquinas que o servem, de modo a que o possam assistir cada vez melhor.

Um professor que não tem de ser um erudito (possuidor de muito conhecimento) (CAIXA 8) mas um especialista em abrir novos trilhos e um crítico e aconselhador de quem pretende partir.

CAIXA 8 - OS ERUDITOS, A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Fomos treinados de forma eficiente mas, como infelizmente tantas vezes acontece (uma consequência das mudanças do mundo - ou da má preparação dos docentes), com objetivos deficientemente definidos, o ver o mundo 'às fatias', numa laminação que ajuda a preparar as lamelas que vamos 'meter no microscópio' mas que dificulta uma visão de conjunto, não responde aos problemas que enfrentamos.

Conhecemos, bem e profundamente muitas vezes, algumas das partes mas ignoramos completamente como se comporta o conjunto e quais as variáveis que o compõem o conjunto (ignoramos mesmo que exista este conjunto e por isso nem procuramos conhecê-lo) e, ainda menos, as funções que estas podem assumir, ou seja, sintetizando, vamos muito bem a lado nenhum ou, se quiserem 'foi um grande remate, pena foi que não acertou na baliza'.

Sem haver uma noção estratégica as táticas, as operacionalizações, os objetivos, não têm sentido. Num mundo estável e perene, quando as mudanças estruturais levavam pelo menos duas ou três gerações a ganhar forma e a estabilizar, esta continuidade era útil pois permitia compreender os erros que estavam a ser feitos corrigi-los e aproveitar a continuidade para rendibilizar as experiências feitas e os processos adquiridos.

Hoje, quando a resposta correta à afirmação 'no meu tempo...' é sem dúvida 'se então estava certo, hoje está desatualizado', porque o mundo entretanto mudou (pense em coisas tão banais como o carro de há cinco anos, o telemóvel de há dois anos, o computador do ano passado), temos de ir mais longe, sabendo o que queremos,

como queremos, para que queremos, assim o que podemos, como podemos, para que podemos, etc.

O Homem, ator, autor e objeto da nossa atuação, assim como, ferramenta, material, e objetivo da nossa ação, para além de pouco conhecido e ainda menos compreendido, é um ser complexo e pouco maleável aos erros que são cometidos na sua manipulação (estranhamente porque se transforma e adapta e, conseqüentemente, não admite o 'oh desculpe enganei-me, voltamos ao princípio').

Mas este mesmo Homem é um indivíduo coerente e estruturado de uma forma eficiente. Isto é, desenvolveu estratégias de atuação que, apesar de serem capazes de se ajustarem a casos particulares têm uma constância em termos abstratos, esquemas de atuação (que se devem consolidar em 'esquemas mentais', pois mesmo as situações abstratas têm, certamente, um suporte material onde se baseiam e não são produto de artes mágicas) que podemos perceber, mesmo que de forma indireta (e com cuidado), colmatando algumas das muitas ignorâncias que temos acerca das suas funcionalidades.

Todos sabemos como o músculo se desenvolve (dentro de certos limites) quando é solicitado e se atrofia quando não o utilizamos, gerando-se neste processo estratégias e formas de atuação que melhor se adaptem às necessidades que vamos sentindo. Deste modo transformamo-nos e adaptamo-nos ganhando novas capacidades e performances numa prova de inteligência funcional. Um processo que não é feito só pela aquisição de novas aptidões, mas também pela eliminação das que estão desatualizadas.

Hoje sabe-se que o saber afinal ocupa lugar e também, numa demonstração desta capacidade de adaptação do Homem que quando sabemos que podemos dispor de memórias externas (a escrita como o registo no computador ou a capacidade de ir ver à net não são mais do que isso, memórias externas - e não magias, deuses ou bruxarias), fixamos menos os factos concretos e dedicamo-nos a registar as formas de a eles aceder - uma estratégia de rendibilização de recursos.

PERGUNTAMOS:

- Para quando a aprendizagem do esquecimento no programa das nossas escolas?
- E a adaptação dos programas e das avaliações aos recursos hoje disponíveis?

Um professor que pode ser definido pelo seguinte haiku:

*Era um perfume tão subtil
que deixava entrever
os cambiantes que não tinha*
-FA

Dando um sentido operativo (a funcionalidade de) à afirmação
“ninguém ensina nada a ninguém mas todos aprendem com tudo”.

Concretizando em algumas áreas disciplinares (áreas que certamente irão ser, estão já a ser, complementadas com interdisciplinaridades e transdisciplinaridades que mais do que as substituem, complementam):

- A. Na matemática mais do que saber aplicar alguns métodos matemáticos não será importante perceber a diferença entre 1 - conceptualizar ou 2 - limitar-se a usar alguns processos ou até só fórmulas?

Damos dois exemplos básicos e muito simples.

1. Lembram-se da expressão de alguns alunos do ensino básico, classificando um problema: “este é de multiplicar!” O que significa que identificou um padrão e não resolveu um problema. Depois é fazer a operação identificada com os valores que estão no enunciado do problema. Quantas vezes são apresentados problemas que têm valores a mais e inúteis

para a sua solução, mas que impõem a quem responde a ser capaz de selecionar os valores necessários? Depois admiram-se que até os alunos muito bons não saibam resolver problemas reais? E ainda menos sejam capazes de estruturar as respostas a perguntas? E não sejam capazes de formular as perguntas interessantes?

2. Ou, outra expressão: “Demonstrar por $a + b = c$ ”! Mas não entenderão que não é possível definir completamente a e b , portanto c será sempre indefinido a partir de um nível de precisão que pode mesmo ser diferentes da precisão de a ou de b .

B. Outros exemplos básicos no âmbito da geometria.

- Aprender a utilizar pontos, retas, planos, sólidos, os seus nomes e características e até a usá-los conhecendo e usando as regras, por exemplo, da geometria descritiva, ou as fórmulas que permitem definir as suas áreas e volumes, etc.
- Compreender a mudança de lógica que nos é dada por sermos capazes de integrar os efeitos e consequências de percebermos que um ponto é uma figura sem dimensões, portanto uma reta, que já tem uma dimensão não poderá ser construída com uma continuidade de pontos, tal como um plano não são umas retas encostadas a outras pois plano tem duas dimensões e as retas têm uma, e por aí adiante com sólidos, etc.

Pontos retas planos sólidos - são saltos lógicos e não continuidades que uma vez entendidos nos irão permitir perceber melhor o conceito de rotura de Kuhn.

- C. O confronto com paradoxos ou lógicas diferentes das que normalmente encaramos - será possível que uma folha de papel

tenha só um lado? E um só bordo? Alguns pensarão numa folha fininha, fininha, fininha - mas continua a ter dois lados, duas páginas e quatro lados, ou bordos. Mas as respostas às perguntas que acabamos de fazer são sim.

Para evitar estarmos com grandes explicações propomos-lhe, leitor a construção de um möbius - pegue numa tira de papel (por exemplo - $1/3$ de uma folha A4). Rode uma das pontas 180° (meia volta) e cole as duas pontas (caso tenha dúvidas procure imagens na net, naturalmente).

Ficou com ‘uma coisa torcida’ que se percorrer a superfície com qualquer objeto que escreva verificará que pode transitar por toda a área sem qualquer transição, só tem portanto uma página. O mesmo acontece com o bordo (se passar o dedo não se corte).

Uma pergunta - não serão lógicas diferentes 1- as duas faces da mesma moeda ou 2 -uma outra moeda só com uma face? Não será fácil perceber a existência de mais de 3 dimensões físicas se interligarmos um conjunto de möbius, conseguindo uma abstração (ou um modelo representativo de algumas conceções de multiversos)?

É que, de facto, há duas elegâncias na matemática, uma que permite por tudo muito arrumadinho porque aprendeste uns truques e sabes equacionar tudo (é a da tabuada $1+1=2$. $2+2=4$, etc.), e uma outra elegância porque percebeste que está tudo dependente dos postulados de partida e que podes ter muitos tipos de arrumação (é aquela, por exemplo, do Bertrand Russel, que, sem ser muito estúpido, levou duzentas páginas a tentar explicar porque é que $1+1=2$).

Se olharem para os programas da disciplina de matemática de praticamente todos os cursos verificarão que são listagens de ‘truques matemáticos’ (operações ou processos) que se enquadram na ‘elegância arrumativa’, esquecendo-se mesmo de citar os postulados em que se apoia e não alertando para as implicações que as opções de base têm.

Um exemplo simples para ilustrar estas implicações - quando passamos de terra (veja-se geo= terra+ metria = medição - grosseiro mas rápido) para o mar e as grandes viagens a geometria plana já não dava, as conhecidas triangulações tão uteis para mapear tinham falhas demasiadamente grandes. O Infante D. Henrique teve de criar uma escola (local de investigação e estudo, que não só de transmissão de conhecimento) de matemática para suportar os métodos de navegação, a construção de mapas, etc.. D. Manuel I correu com esta escola para a Holanda, por isso tivemos os holandeses que nos atacaram no Brasil e em Angola pois passaram a ter uma marinha mais poderosa e conseguiram dominar mares ...e terras. Da matemática podemos facilmente perceber os perigos da ignorância.

Veja-se o que nos diz Helder Lopes nos artigos de 10-10-2014, 'Desenrascanços' e 12-12-2014, 'A árvore e a floresta'.

D. No âmbito das línguas.

Uma primeira pergunta, básica também: justifica-se o relevo que hoje é dado ao treino do domínio do inglês (mas o mesmo será válido para qualquer outra língua) numa altura em que a tradução automática se faz já ao nível de um estudante da língua muito razoável e rapidamente nos aproximamos de uma tradução automática (inclusive falada) muito boa? (CAIXA 9)

CAIXA 9 – UM ALERTA PARA AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS

Note-se, porém, que as traduções procuram basear-se mais na interpretação do que na simples (e direta) aplicação da gramática e da sintaxe. As traduções 'à letra', como todos sabemos, não levam a lado nenhum (ou levam-nos a alguns disparates). Os computadores já são capazes de analisar 'lógicas' e de procurar correspondências entre formas de pensar. Nós, pessoas humanas, não deveremos desenvolver estas mesmas capacidades (embora por e com outros meios)?

Não seria preferível procurarmos o entendimento dos problemas de aculturação que permitem compreender as diferenças a nível cultural desenvolvendo um sentido crítico na área e as dificuldades levantadas a uma tradução automática? (Caixa 10)

CAIXA 10 - AS SURPRESAS ESTRATÉGICAS E OS CONTEÚDOS DOS PROGRAMAS ESCOLARES

Um incidente, um acidente, um desastre, uma calamidade - são, sempre desequilíbrios entre o tempo/recursos disponíveis, desfavorável em relação a que os sofre.

Os problemas identificados, a tempo, resolvem-se, com maiores ou menores custos (dificuldades).

As surpresas, isto é, a alteração não esperada (a tempo) que não dá, portanto, um período suficiente para que aconteçam as transformações e/ou adaptações (no homem- em si próprio, nas relações que estabelece ou no território em que evolui; no próprio contexto - o conhecimento, os meios tecnológicos, a matéria prima - pela acumulação de recursos ou nas modificações que lhe são introduzidas) fazem com que sejam ultrapassados os limites que podem ser suportados e... dá-se uma rotura.

Esta conceção de surpresa estratégica permite passar de um quadro de referência estável, fixo mesmo, para um quadro de referência dinâmico - deixamos de estar numa conceção “é assim”, para uma outra em que “se, então” (o “if” “go to” na programação informática).

A preparação para melhorar em termos dinâmicos não se faz aprendendo como, mas compreendendo as funcionalidades e problemáticas, prevendo e planeando para além das rotinas eficientes que tenham sido desenvolvidas e que podem ser cumpridas por meios automatizados ou robotizados. Naturalmente esta mudança implica modificações estruturais no processo pedagógico, ao nível das estratégias, dos quadros operativos, dos recursos tecnológicos utilizados (existem enormes desaproveitamentos e desperdícios neste campo - por falta de alterações ao nível estratégico e dos quadros operativos, de modo a rendibilizar os meios disponíveis e, estranhamente, por uma

visão tecnocrática em que se julga que a utilização de alguns gadgets irá resolver todos os problemas - ou seja procura-se aplicar uma estratégia dos quadros de referência estáveis, atuar sobre a falha e não sobre a dinâmica do sistema - em problemas que exigem uma adaptação/transformação da estrutura no seu todo, por ser mais eficiente, isto é produz mais lucros ou reduz os custos, ou ainda altera os objetivos visados, portanto melhora o rendimento).

Alguns exemplos:

Um acidente de automóvel - uma energia cinética que é preciso dissipar com forças que não ultrapassem a resistência dos corpos que as suportam - uma travagem é um ganho de tempo, um 'air bag' também, a redução das velocidades faz-se durante mais tempo; um para choques mais resistente é um aumento nos recursos materiais disponíveis, suporta forças maiores.

Um acidente financeiro - um desequilíbrio entre o deve e o haver, solucionável dando tempo ao haver para acumular mais meios ou reforçando os meios que se ganha.

O desaparecimento de uma civilização, as suas causas e consequências. Não só dentro da própria civilização mas também para todas as outras

Esperamos ter contribuído para situar o leitor e ter-lhe fornecido algumas ferramentas para fazer a sua interpretação dos textos que Helder Lopes foi apresentando durante anos e que merecem, certamente, alguma reflexão que nos permita ir mais longe do que o seu 'valor facial' e, conseqüentemente retirar deles ainda um pouco mais de prazer.

O sumo que retiramos dos frutos também depende dos espremedores que utilizamos - não é só a quantidade que conseguimos

obter, é também a qualidade como logo verificamos se triturarmos caroços e cascas.

CONCLUSÃO

A culpa certamente é do processo pedagógico - ou seja das pessoas que são responsáveis pelo seu funcionamento e não de algo abstrato '... eles o processo'. Mas todos nós, pelo menos a partir dos quatro ou cinco anos (talvez antes) temos também responsabilidades naquilo que somos e no que nos transformamos.

Quando Helder Lopes escreve os artigos publicados no Diário de Notícias da Madeira em seguida compilados está a procurar criar solicitações e gerar transformações e adaptações contribuindo para um processo pedagógico que há muito extravasou o âmbito da escola, de uma escola que se refugia cada vez mais no interior dos seus muros por receio de um mundo que afinal representa a sua maior riqueza. É na sua exploração, nos confrontos e diálogos que nele encontramos que nos definimos encontramos os caminhos e opções que desafiam imaginações e vontades.

De numa forma muito sucinta e, portanto, sintética diremos que se impõe uma rotura com um quadro conceptual que hoje já não responde de forma eficiente aos problemas que enfrentamos e à utilização de meios e recursos que passámos a ter disponíveis e que nos permitem qualidades de vida e formas de estar aos desejos e sonhos da pessoa

humana, tal como é manifestado por praticamente todos (até por aqueles que não se atrevem nem a sonhar nem a manifestar desejos).

Perseguimos, o processo pedagógico a isso nos levou, ainda mundos de normalidades, apesar de adorarmos a anormalidade.

E no entanto o vulgar, o normal portanto, não é tratado como um sinal de valorização de uma pessoa de uma situação ou de um pensamento.

Ser vulgar, trivial, banal, comum, ordinário, etc., são termos utilizados sobretudo com um sentido pejorativo.

Privilegiamos o diferente na música, no vestir, até na constituição de um prato que não seja uma mera gamela de produtos alimentícios, pois se o conflito de gostos não aparece é considerado sensaborão, insípido, desenhado. Procuramos ‘personalizar’ o carro e a casa, ter o que os outros não têm, ser diferentes.

E no entanto o processo pedagógico insiste em procurar normalizar, na docência e nas avaliações, nos comportamentos que exige e que impõe, nas metodologias que prescreve e no pensamento que tenta fomentar (talvez esteja aqui a resposta à pergunta que acima formulámos - porquê um ensino obrigatório?).

Mas não é inócua esta ação do processo pedagógico. Deixa marcas, feridas que nem sempre cicatrizam. E nem tem a desculpa de evitar males maiores, pois ou o homem é um ser completamente desprezível ou, se consultarmos a comunicação social ou a História, os maus

exemplos são tão frequentes que dificilmente poderíamos pensar que seria possível pior.

Sem ir tão longe diríamos que o leitor ainda fica incomodado com as caixas que acima apresentamos por o retirarem de um pensamento linear (linear é bom, ainda, num texto ou num pensamento - por culpa do processo pedagógico, pensamos), apesar de vivermos num mundo entranhado na net onde os 'links' nos permitem seguir a nossa trajetória pelo aproveitamento das opções que oferece e pela variabilidade dos caminhos que podem ser seguidos.

Uma outra culpa que o processo pedagógico também terá que assumir é a de o leitor poder pensar que, no texto que acima apresentamos, procuramos transmitir ideias e raciocínios e até de que podemos estar a tentar impingir concepções e juízos com que o leitor discorda ou está mesmo violentamente contra.

Já lhe terá passado pelo espírito, leitor, que, tentando viver o que afirmamos, considerando que uma comunicação vale pelo que fica no recetor e não no que consta na transmissão, que o que dizemos tem em conta o que poderá ser retirado por si, leitor, e que o mundo em que acreditamos poderá ser muito diferente daquilo que conseguimos deixar entrever?

Já terá pensado leitor, sobretudo se está ligado ao ensino superior, que as alterações profundas que foram realizadas na dinâmica geral que aí se vive pode ter sido por as pessoas terem tantas coisas sem

importância para fazer que nem têm tempo para pensar e realizar o que é importante? Que enorme desperdício estará a haver neste caso!

Não é certamente por falta de recursos ou de dinheiro. O que falta é o prazer de responder aos desafios, vontade de ‘partir’ porque o ficar já não satisfaz e podemos ir mais longe, porque a vida é um caminho e não o ponto de chegada (a morte). E falta de ambição, medida e ponderada, talvez também.

Como na matemática, que tem (pelo menos) duas ‘elegâncias’ como vimos, a que deixa tudo muito arrumadinho, permitindo resolver alguns problemas, ‘os problemas do costume’, ou uma outra em que podemos tudo desarrumar à medida das provocações com que nos deparamos, dos objetivos que pretendemos, até dos sonhos que devaneamos, deixando para os computadores e as automações o trabalho desumano e fastidioso da repetição, onde eles, os computadores, são bem mais eficientes e que dificilmente nos satisfazem para além da remuneração que recebemos em troca.

Antes de irmos para o espaço temos mundos por que podemos optar aqui na Terra.

Temos de escolher se pretendemos ficar por aquele que nos foi destinado, que conseguimos aguentar com algumas catarses e condicionamentos (onde incluímos o ‘chamar nomes aos árbitros’ e viver só pela vida da nossa equipa ou seleção - por oposição a ‘gostar de ver e viver um bom jogo’, no campo ou na bancada), ou se desejamos exercer a possibilidade de escolha definindo o que interessa, como

interessa, quando interessa, evidentemente com o contraponto de ter de escolher e construir. Isto é de conseguir ter uma vida 'própria' (note-se que *própria* é sinónimo de *decente* e de *pessoal* - talvez utilizáveis aqui em simultâneo).

A opção é simples. Basta ver como respondemos à questão que nos põe esta escolha - "Posso escolher e construir?" Ou "Que massada ter de escolher e construir!". As consequências foram, certamente, equacionadas e avaliadas.

Barca da Amieira, 2015 Março
Fernando de Almada

CAIXA 2 – DISFUNCIONALIDADES NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO

Consideramos estas disfuncionalidades como perversões pois acontecem porque se alimentam de si próprias - isto é são os erros da própria educação que vão gerar círculos viciosos e fomentar novos erros. Erros que são cada vez mais graves, não só pelo valor facial que assumem mas porque se acumulam em cima uns dos outros.

Uma perversão muitas vezes fomentada por uma educação que dizem ser um direito e que passou a ser obrigatória (porquê?).

Uma mudança da possibilidade de fazer (direito que a pessoa tem), para a de ‘tens de fazer’, ‘quer queiras quer não queiras’ (obrigação a cumprir), que tem custos enormes.

Custos que vão muito para além dos financeiros e que são muito mais importantes que estes. Damos alguns exemplos para não nos atardarmos muito sobre este tema, que no entanto é muito relevante - 1 - o mau ambiente perante o conhecimento que existe na maioria das escolas e que é gerador de indisciplina e faltas de rendibilização do processo pedagógico; 2 - os alunos (muitos) afirmarem: “acabei o curso já não tenho de ler nada nunca mais”; 3 - o sentimento de que a vida é constituída por obrigações, que se vão cumprindo quando o polícia ou o fiscal está à vista (sentimento reforçado pela inutilidade ou mesmo perversidade de tantas estruturas organizativas).

Vamos às origens da perversão, procurando entender o fenómeno -

Num tempo de carências era fundamental criar uma dinâmica que permitisse responder de forma tão eficiente quanto possível a situações críticas. A alcateia de lobos percebe-o perfeitamente. O lobo mais forte (que nós homens intitulamos de líder mas é um antropofornismo ... que tem muito que se lhe diga, até porque a noção de líder está muito desvirtuada e teria de ser amplamente debatida e aqui não é o espaço para isso) é o primeiro a comer porque quando aparece um inimigo tem que o enfrentar para dar mais tempo à matilha para fugir e é o principal

reprodutor porque a matilha depende de jovens sãos e fortes. [Nota - muito importante - qualquer transposição que se procure fazer desta situação para situações humanas no tempo de hoje, sem acautelar as características contextuais e as diferenças que existam é não só abusiva como também completamente descabida - os limites do antropofórmico].

Houve tempos em que a marinha funcionava com regras com algumas semelhanças, em que os oficiais e especialmente o comandante tinha privilégios (a câmara, a alimentação são dois fatores marcantes), porque tinha de estar em condições tão boas quanto possível quando era preciso tomar decisões. E quando o navio naufragava ia para o fundo com ele.

Hoje duas coisas essenciais se alteraram- não só 1- deixámos de viver num mundo de carências, mas 2- os problemas que enfrentamos são tão complexos que todos os membros da equipa são fundamentais (as condições existentes, causas, tornaram possível a expressão das 'boas consciências', consequências).

A educação não pode deixar de tomar em consideração estas duas mudanças não só pelos aspetos, evidentes, que gera, mas, talvez mesmo sobretudo, pelas disfunções que provoca.

Para além dos custos diretos de controlar, policiar, inspecionar e não o esqueçamos de tudo o que é necessário fazer para ser policiado, controlado, inspecionado, que certamente não será menor que o da ação de fiscalizar e punir temos ainda um outro custo (que pode ser mais difícil de quantificar mas que é mais profundo e estrutural) a considerar, naturalmente muito maior, que é a rotura social e o confronto de posições que lesa de sobremaneira a funcionalidade de uma sociedade.

“Nós” e “eles” não tem razão de ser num mundo de “gostávamos de poder” (o que significa não só podermos, mas também sabermos do que’ gostávamos de’), mas é essencial e básico no mundo do “tens de”.

Qualquer pessoa que tenha gerido uma equipa (num clube desportivo, numa escola, nas forças armadas, no estado), sabe certamente os custos e problemas que este dualismo confrontacional tem e as lesões que deixa no tecido social.

Temos, portanto, de pensar muito a sério na educação (o que queremos, o que somos capazes, o que sabemos, o que gostamos, o que precisamos...).

No tempo da instrução bastava saber se estávamos a aprender a fazer como os outros já faziam - aprendemos bem e sobretudo muito, para nos integrarmos no ‘é assim que se faz’, ‘no meu tempo’ (mas o verbo que se segue não é o ‘era’ mas o ‘é’, impondo o que já foi), num papaguear de textos (erudição!) que nos impõem, sabendo ‘como fazer’, mas não o ‘porque fazer’, o ‘quando fazer’, o ‘que pode ser feito’, o ‘gostamos de fazer’...

É que, note-se, o smartphone já existe, assim como o ‘smart-car’, o ‘smart-computador’, a ‘smart- porta’, que poderão deixar de nos servir para servirmos só para justificar a sua existência, pois corremos o risco de não termos o smart-utilizador de tudo isto.

Neste caso só nos restará fazer o papel de figurantes, num mundo inteligente de que não fazemos parte, pois não participamos (embora um ornato possa ser útil), não mais do que uma espécie de ‘bibelot’ para enfeitar, sendo, por exemplo, conduzidos, em manada, aos estádios de futebol não para ter o prazer de ver um jogo de que gostamos, mas para ser a claque do ‘nosso’ (ou o inverso?) clube, repetindo frases sem nexos (por exemplo - “atacam na vertical”, “honram a camisola”, é competente porque teve o cheiro do balneário, etc.) durante toda a semana para justificar o andarmos por aqui, ou, o que é semelhante, sendo um pagador de impostos que de vez em quando mete um voto numa urna.

A educação dá-nos um papel (não tem de ser o papel principal - se é que isto existe), uma consciência, uma intenção, um sentido, uma

vontade, etc., uma função de pessoa, de indivíduo capaz de usufruir das enormes riquezas (que vão muito para além dos valores financeiros, que não são mais do que meios de troca de coisas importantes - e não um fim em si próprios) de que dispomos hoje num mundo de abundância que, tantas, vezes, não sabemos utilizar.

CAIXA 3 – CONTEXTUALIZANDO O CONCEITO DE EDUCAÇÃO

De uma forma sintética, esquemática mesmo, com todos os erros e perigos inerentes à falta de precisão mas numa dominância da objetividade e sem faltas de rigor diremos que é fundamental entendermos a relação entre a funcionalidade orgânica das sociedades, das suas instituições, ferramentas, funções, etc.

- Há cerca (um cerca muito lato pois depende de lugares e culturas) de trezentos anos não havia escolas para mais de 80% da população que aprendia na família ou como ‘aprendiz’ funções que visavam (tinha de) suprir as ‘necessidades básicas’ - agricultores e artesãos - englobados no que se chamava de povo. O mosteiro e os perceptores preparavam uma minoria que podia ser dispensada para outras tarefas (os pilares nobreza, que eram administradores e guerreiros, e o clero que geria ‘os espíritos’).
- Nessa altura tinham-se já dado algumas revoluções industriais (vejam-se as mudanças nas fontes energéticas dominantes - o escravo, a força animal, o vento, o hidráulico, etc. - dispersas), não numeradas porque até há bem pouco tempo eram desprezadas por quem vivia já nas/das industrias dependentes das energia pesadas e concentradas - o carvão, o petróleo - a 1ª e a 2ª revoluções industriais, aquela dominada pelo vapor de água/motor de explosão, esta pela eletricidade (há quem divida em 3 revoluções separando o vapor de água do motor de explosão).

- A passagem das energias dispersas para as energias concentradas levou a uma reestruturação profunda nas sociedades - nas estruturas, nos costumes, nos vícios, nas manias, etc.
- O estado, como o conhecemos hoje (embora funcionalmente tenha aparecido há muito mais tempo, quando as tribos cresceram o suficiente para deixarem de ser estruturas de dominância de parentescos), aparece dando respostas às exigências desta nova estruturação das sociedades. Note-se que Louis XIV, o 'roi soleil', afirmava ainda "l'état c'es moi".
- A escola que ainda (porque praticamente tudo o resto já mudou) vivemos é a que foi montada, como resposta às necessidades marcadas pelas revoluções industriais numeradas. Necessidades de convergência, de centralidade das fontes energéticas pesadas que por sua vez era possibilitada porque as revoluções industriais não numeradas tinham mecanizado suficientemente a agricultura e o artesanato para poder ser libertado um grande número de pessoas destas funções sem destruir os equilíbrios sociais.
- Os filósofos com pretensões a cientistas sociais (o conceito de ciência também se transformou profundamente através dos tempos) procuraram teorizar e fundamentar estas mudanças, embora marcados pela cultura e pelas visões da época (o estudo e a investigação debruçavam-se sobre acontecimentos e não processo, na procura de um rigor e uma precisão que implicavam sérias dificuldades para lidarem com a objetividade), dificilmente puderam ter a abrangência necessária para compreender funcionalidades subjacentes e justificativas das estratégias e dinâmicas sociais como hoje as podemos ver.
- O trabalho e o conceito de emprego, que justifica a passagem do desempenho de uma função (por exemplo agricultor, artesão, guerreiro, juiz, etc.) para o assumir de um cargo (carpinteiro, motorista, serralheiro, etc. - que se condensam numa conceção,

embora ampla, de proletário), vem facilitar transformações futuras que levam à cadeia de montagem e à despersonalização do desempenho - do trabalho função para o trabalho salário.

- Os impostos, forma de concentração de capital que permitiu o pagamento de funções que numa economia de escala foram assumidas de uma forma integrada (hoje chamadas funções de soberania, isto é do soberano - veja-se como as mudanças são arrastadas) e a realização de investimentos de maior âmbito (no tempo e nos valores implicados), antes cobrados e concentrados pelo rei e pela nobreza e agora nas revoluções industriais numeradas pelo estado, que incidia sobre a terra ou a oficina do artesão e passou a incidir sobre o emprego e o capital novo conceito de fatores de produção.
- A escola e a instrução que ministrava, instrumentos e instituições fundamentais nestas mudanças, pois não só acompanharam a mudança mas foram mesmo um dos seus principais promotores e instigadores, funções que cumpriram de forma extremamente eficiente, tem de repensar não só as suas estruturas mas também as suas funções para não correr o risco de ser fator de bloqueio e de reação a mudanças que se impõem não por uma questão de modas mas para cumprir funcionalidades que visam responder a ambições que com os recursos hoje existentes podem (e devem, pensamos) ser satisfeitas.
- Debater educação sem procurarmos ver o âmbito em que a discussão se integra, que todos aceitamos que mudou profundamente em poucas dezenas de anos, faz-nos correr o risco de estar a pintar para corrigir as cores de uma superestrutura de um navio que se está a afundar.

A escola e a educação são importantes demais para se poderem perder ou abstrair dos processos de transformação que todos vivemos.

- Em mais uma demonstração por absurdo diremos que quando ouvimos expressões como “o trabalho dá dignidade” ou “o direito ao trabalho”, leia-se trabalho igual a emprego, não conseguimos deixar de nestas enunciações com um cariz profundamente salazarista recordar uma instituição dessa época e sentido a FNAT, que lembre-se, era a federação nacional para a alegria no trabalho. Outros tempos.
- Uma nota - é evidente que se o vencimento/salário estivesse sujeito/dependente da existência de um emprego, é fundamental que todos tenham um emprego disponível.

Mas se, por exemplo (há muitas outras possibilidades), formos pagos pelas funções que desempenhamos, como o artesão ou o agricultor de que acima falamos, a dignidade estará num desempenho de uma função digna de uma forma competente, e temos o direito de ser (mais do que de ter) um cidadão respeitado.

Mas a escola terá que ser capaz de preparar para o desempenho de funções (dignas - claro) permitindo o desenvolvimento das capacidades e potencialidades de cada um dos indivíduos (veja-se definição de educação que acima defendemos), não se limitando a transmitir e avaliar a reprodução de conhecimentos, muitos deles já fora de prazo.

Artigos publicados no DIÁRIO de Notícias da Madeira
(Outubro de 2010 a Março de 2015)

Compreender o Desporto, compreender as pessoas

(14-10-2010)

Cidadania passa por querer e saber atuar, mas antes de mais é preciso compreender...

O desporto, para além de tudo o que para aí se diz e de alguns disparates que se pensam, é, sem dúvida, um revelador dos homens e mulheres que nele atuam.

Se soubermos ver comportamentos e não só as aparências com que estes comportamentos se mascaram e camuflam, conseguiremos perceber aspetos surpreendentes.

O desporto é um meio privilegiado de transformação do Homem. O que fazemos ou deixamos de fazer (o treinador, o professor, o dirigente, o político, o jornalista...) tem implicações no tipo de Homem e de sociedade que se constrói.

Em muitos casos, os resultados da nossa ação ou inação só serão visíveis a médio e longo prazo. Mas uma coisa é certa, todos vamos pagar, direta ou indiretamente, o preço do que foi bem ou mal feito. Hoje facilmente compreendemos isso, mesmo que por vezes alguns não o queiram assumir.

Assim, o mérito das opções adequadas e a responsabilidade das erradas deve poder ser assumido e apontado de forma clara e sem demagogia.

Porém, não basta ter vontade de o fazer ou legislar para que tal aconteça. É essencial possuir os conhecimentos e as competências necessárias para compreender funcionalmente os fenómenos e saber intervir de forma rentável, ou seja, considerar as variáveis em jogo e utilizar os meios e o tempo disponíveis da forma mais adequada.

Nas próximas crónicas daremos exemplos daquilo que acabamos de equacionar, estabelecendo pontes com a política, a economia, a educação, a ciência, a comunicação social, etc., já que em todos estes campos, tal como no desporto, o elemento central é sempre o Homem.

Desporto, uma ferramenta poderosa

(14-11-2010)

O Desporto é um poderoso meio de transformação do Homem. É assim necessário que essas transformações aconteçam no sentido que se pretende.

Muitos dizem que o Desporto é uma escola de virtudes, que promove a saúde, o respeito pelos outros, a sã competição, etc. É claro que pode ser tudo isso e muito mais, mas também pode ser e muitas vezes, talvez demasiadas vezes, é precisamente o contrário. Ou seja, um local onde se promove a inveja e a intriga, onde não se respeita nada nem ninguém, onde todos os meios (incluindo os que colocam em causa a integridade de cada um) servem para atingir os fins, etc. Tal poderá acontecer, não só por má-fé ou porque se está a pensar essencialmente no seu umbigo, mas também por ignorância, negligência

ou manifesta incompetência e falta de profissionalismo dos múltiplos intervenientes nos diferentes níveis de intervenção.

Dirão alguns (porventura demasiados), que o mundo é uma selva e que o desporto mais não faz do que reproduzir o que se passa na sociedade. Mas nesse caso não se está a assumir o Desporto como um meio de transformação mas sim como um meio de conservação do que está instituído.

Há que perguntar em que sociedade se quer viver? É que, com o argumento do sempre foi assim e não vale a pena fazer nada, certamente que ainda vivíamos em cavernas ou como algumas tribos da Amazónia (convenhamos que nalguns casos talvez fosse preferível...).

Assim, para que se assuma e controle o que o Desporto efetivamente promove, é necessário que cada um (desportista, treinador, professor, “pai”, dirigente, político, ...) saiba o que quer e como consegui-lo. Que transformações pretende que aconteçam e como fazê-las acontecer.

Salientamos que não basta saber o que se quer, é necessário saber como fazê-lo. Ou seja, como conseguir que o Desporto seja educação, saúde, espetáculo, etc.

Em próximas crónicas daremos exemplos ilustrativos.

Repensar a formação

(14-12-2010)

Doze anos de escolaridade obrigatória e cinco de formação superior ou dezassete anos de treino desportivo parecem muito tempo, mas se considerarmos apenas os dias e as horas de aulas e de treinos/competições, facilmente concluiremos que urge rendibilizar ao máximo cada minuto, pois o tempo disponível para desenvolver personalizadas cada jovem acaba por ser reduzido.

Em 17 anos – mesmo que utilizássemos 300 dias por ano (o que é quase impossível) teríamos 5100 dias. Se os rendibilizarmos a 70% ficamos com 3570 dias, mas a 50% teríamos apenas 2550 dias.

Perguntamos – quanto tempo de uma aula de 50 minutos ou de um treino de 90 minutos são de facto aproveitados? Mas o que é aproveitar o tempo que se dispõe? É suar muito? É saber repetir e reproduzir o que o professor/treinador manda executar de forma mais ou menos padronizada para todos? Ou será desenvolver as capacidades de cada um consoante as suas necessidades e potencialidades? Quais são os objetivos da aula/treino? Que transformações pretendem promover? Visam formatar e adestrar ou ajudar a pensar, compreender e atuar em função das análises que se façam?

Que “trabalhos” inúteis fazemos em cada aula/treino, nos exercícios que selecionamos, na posologia que utilizamos, na forma como os apresentamos? Não poderíamos fazer melhor? Que meios auxiliares

utilizamos para melhorar a precisão do diagnóstico, da prescrição e do controlo do processo evolutivo de cada aluno/desportista?

Não podemos esquecer que estamos a formar, na Escola e no Clube, jovens que estarão no mercado de trabalho durante os próximos 40/50 anos, mas parece que andamos distraídos e a assobiar para o lado. Educar/treinar é alargar os limites ...

Há assim que optar entre um processo pedagógico que valoriza o decorar um conjunto de expressões e outro em que se aprende a interpretar os sinais, percebendo intencionalidades e gerindo equilíbrios.

Convém que nos questionemos se cada um de nós fez e está a fazer a sua pequena parte para rendibilizar os processos. É que muitos dos problemas que hoje vivemos e sentimos, também são consequência dos professores, treinadores, pais, dirigentes, políticos., não terem sido suficientemente competentes no passado.

O Clube é uma Escola, a Escola deveria ser um Clube

(16-01-2011)

Pensar-se que o desporto feito na escola ou no clube são coisas diferentes é um erro. Aliás dois erros – porque na escola sem otimizar a performance não conseguimos desenvolver a pessoa, no clube porque sem desenvolver a pessoa não melhoramos a performance.

A grande vantagem do desporto é que a procura de melhores resultados leva a pessoa a ultrapassar os seus limites, a transformar-se.

Quando os objetivos visados estão bem definidos as transformações dão-se no “bom sentido”. Ora, como exemplo sucinto, objetivos como a capacidade de identificar os problemas e de os resolver, a montagem de estratégias ajustadas, a concentração no trabalho, o diálogo com os outros, etc. são comuns na escola e fora dela, e não só no desporto (tal como o são os objetivos errados, como o fazer batota, o fugir ao esforço e mesmo assim querer resultados, etc.).

Mas não basta definir “bons” objetivos. É preciso rendibilizar a forma de os atingir.

A título de exemplo, se desperdiçarmos cinco minutos de cada aula de Educação Física, considerando 12 anos de escolaridade com 2 aulas por semana durante 34 semanas, tal pode representar um desperdício de mais de 4000 minutos, ou seja cerca de 90 aulas de 45 minutos (isto é, mais de um ano de aulas). Ao nível do desporto com 5 treinos por semana, “é só fazer as contas”...

E não basta trabalhar mais tempo, é preciso trabalhar melhor. No desporto estamos permanentemente a avaliar, através dos resultados obtidos. Mas não basta também avaliar, é preciso avaliar bem (o que interessa).

Veja-se, por exemplo (mau), como na escola a avaliação em Educação Física está a ser contaminada pelas avaliações noutras disciplinas (uma consequência dos erros acima identificados). Tende-se a avaliar não as capacidades atingidas, mas sim a reprodução de padrões que alguns “iluminados” consideram importantes. A aplicação dos critérios do

desporto (capacidades atingidas e performances obtidas), neste processo, implicaria a reformulação dos programas e da atuação de muitos docentes.

Os objetivos visados, as estratégias utilizadas, os caminhos seguidos, têm que ser um todo coerente para que haja o prazer do esforço e a rentabilização dos meios utilizados.

Avaliar e produzir como no Desporto

(16-02-2011)

Aviso: qualquer semelhança com situações reais é pura coincidência

Falámos, em artigo anterior, na vantagem de avaliar todas as situações correntes da mesma forma que o desporto avalia (ou deveria avaliar).

Alguns menos perspicazes poderão ter pensado “avaliar os programas escolares em golos?” Claro que não era isto, porque, por exemplo, o futebol, não é só golos. O golo é só um indicador de uma jogada bem conseguida. Os golos permitem analisar quantas jogadas foram de facto bem conseguidas (não é a posse de bola, os remates e os cruzamentos feitos, etc.). É preciso não confundir contar enxadas com cavar, como tantas vezes se faz.

Um outro exemplo – precisamos de aumentar a produtividade nacional. Como?

Se a estrutura Estado (mas serve o raciocínio para qualquer outra estrutura) fizesse regras, leis e formas de atuar que permitissem a cada

português poupar 10 minutinhos por dia (trânsito mais organizado, menos papelada, menos tempo de espera nos tribunais, hospitais e repartições públicas, escolas menos burocráticas, etc.) ganhar-se-iam 1200 milhões de euros por ano (isto é – 10 minutos x 6 milhões de trabalhadores x 5 euros à hora x 240 dias de trabalho ano). Tal não compensaria boa parte da percentagem do ordenado que agora retiram aos funcionários públicos? O valor que deixaram de participar nos medicamentos? O que é necessário pagar a mais nas escolas e universidades? Etc.

Quanto tempo perdemos, por dia, a fazer coisas inúteis, porque somos obrigados? Faça o leitor algumas contas e veja quanto é que isso representa por ano e ao fim de 20 anos... verá que ficará surpreendido, com os milhares de horas que poderia ter utilizado de forma mais produtiva.

No desporto (e na vida) o capital humano é restrito. O que podemos é aumentar a produtividade, se queremos marcar mais “golos”. Contudo, parece que não querem que sejamos mais produtivos. Manter as pessoas ocupadas a “preencher papéis e em filas de espera” muitas vezes resulta da falta de visão duns tecnocratas, porém noutros casos parece que é propositado para que não tenhamos tempo para pensar, para que não tenhamos capacidade para tomar decisões ...para que sejamos servos obedientes.

Deixem de contar enxadas e ponham-se a cavar (cavar tem muitos sentidos mas estamos certos que o leitor saberá encontrar o mais correto). Deixem-nos trabalhar.

Desporto e Saúde – Equívocos e potencialidades

(13-03-2011)

A Saúde é um estado de equilíbrio e não a mera ausência de doença, tal como é reconhecido pela OMS. Ora o Desporto é um poderoso meio para desenvolver as capacidades e competências que permitirão que cada indivíduo seja capaz de gerir equilíbrios, desde que, por exemplo, desenvolva a capacidade de montar estratégias, de ler os contextos, de tomar decisões adequadas a cada situação, de conhecer-se melhor a si mesmo e aos outros, etc.

Desta forma não se compreende, ou talvez se compreenda ..., como é que alguns “especialistas” e responsáveis políticos associam fundamentalmente o Desporto e a Atividade Física a uma vertente essencialmente “fisiológica”, nomeadamente enfatizando a “perda de calorías”, os benefícios cardiorrespiratórios, osteoarticulares, e afins.

Não se trata de negar as evidências científicas que apontam no sentido desses benefícios (embora não se deva esquecer que o conhecimento só é científico se for passível de refutação, em ciência não há certezas...), mas sim de alertar que não se mudam comportamentos de forma duradoura, pela simples informação, mesmo que ela seja baseada no medo, na imposição dos denominados estilos de vida saudáveis, “aconselhado” de forma massificada e estereotipada a que

se ande x minutos por dia, que se leve o cão a passear e despeje o lixo, que se utilize as escadas, que se vá ao ginásio ...

É necessário que se perceba que o Homem não é um conjunto de músculos e de órgãos que devem ser solicitados para que se tenha Saúde. Para que se induzam comportamentos duradouros, numa sociedade em que existe livre arbítrio, é necessário ter um sentido pedagógico e não fundamentalista, acusatório e discriminatório de quem não está em sintonia com os “conselhos dominantes”. Caricaturando diria que talvez seja preferível um “obeso feliz” a um “magricela deprimido”. Haja equilíbrio, haja Saúde, faça Desporto (do bom).

A resistência à mudança

(13-04-2011)

Viver é mudar. Como seres vivos estamos em constante transformação, adaptando-nos e reagindo a um contexto que nos protege mas que também nos agride.

Gerimos o esforço e o descanso na procura de um equilíbrio entre os diferentes fatores que afetam a nossa vida.

Toffler, há mais de quarenta anos, alertava-nos para o Choque do Futuro. Um aviso a que poucos ligaram, mas, de facto, a transitoriedade aconteceu e hoje debatemo-nos com uma situação para a qual as pessoas não estão devidamente preparadas.

As crises daí resultantes são evidentes, mas a tendência é para culpar as consequências e ignorar as causas. O que não deixa de ser mais um efeito da falta de preparação das pessoas.

Mudar por mudar não é, decididamente, defensável. A mudança, a transformação, é consequência da necessidade de adaptação a contextos que estão em permanente mutação. O conhecimento gera novos meios e ferramentas que oferecem novas capacidades de atuação.

Mas ainda não nos adaptámos a soluções equilibradas para resolver os problemas que temos de enfrentar, na nossa vida pessoal, nos clubes, nas associações, nas escolas, nas universidades, ou em qualquer outro tipo de instituição e contexto.

Estranhamente, as instituições (as escolas e nestas, predominantemente as universidades) que deveriam ter gerido a transformação que levaria a uma boa adaptação às condições agora disponíveis, são as que mais resistem à mudança e as que menos se adaptam às novas condições. Condições que, felizmente, até ajudaram a criar.

Nos últimos anos temos investido na análise deste fenómeno de resistência à mudança/adaptação. Dos estudos efetuados salientamos: - A oposição a transformações nos quadros de referência (o que Kuhn designa de incomensurabilidade entre paradigmas), ou seja, de forma simplificada, um diferente entendimento do mundo e do que deve ser valorizado; - O receio do novo e de tudo o que sai fora do que é rotineiro

e habitual; - Os interesses instalados e o medo de perder “regalias”, mesmo que não sejam significativas. Voltaremos ao assunto.

A mudança – Uma questão de Equilíbrios

(13-05-2011)

Tudo está em constante mudança. Por vezes a mudança dá-se em tempos que para nós são longos e é difícil apercebermo-nos dela. Para nós cinco anos são muito tempo, para a Terra mil anos são um “pisar de olhos”, uns segundos são uma eternidade quando se vai marcar um penalty que define o campeonato...

Ora isto não significa que devemos mudar ou estar parados, mas sim que temos de fazer as mudanças certas e resistir às que o não são. E a palavra “certa” tem tantos sentidos, tantos efeitos centrais e muitos outros colaterais!

Mas “deixar correr” só porque é difícil compreender o que é melhor não é uma solução aceitável. Nós conseguimos fazer coisas difíceis e somos (como espécie) suficientemente inteligentes (é verdade, às vezes não parece) para sabermos fazer escolhas racionais aceitáveis.

Os acasos não fazem a norma, embora, por vezes, possam ser, pontualmente, determinantes. Ganhar o “euro milhões” ou morrer, é, certamente, importante, mas não passa de uma situação pontual que dificilmente, por si própria marca a humanidade.

Uma invenção, o ajustamento de uma cultura, um programa educativo conseguido, a compreensão de um fenómeno, etc., podem

ser fatores mais determinantes na vida dos homens ou mesmo na vida em geral, porque têm efeitos sustentados que, mesmo “grão a grão” podem encher “os papos” (que não só os das galinhas).

Hoje, na nossa “caixa do conhecimento”, existem ferramentas que nos permitem dominar não só a compreensão de fenômenos como também o domínio de metodologias que nos facultam a capacidade de conseguir gerir um desenvolvimento sustentado. Mas, pelos vistos, faltam-nos, em todos os campos, pessoas suficientes com o conhecimento, com a capacidade de liderança e com o poder (estas três especificidades em simultâneo, ou não funciona) para fazer esta gestão de forma conveniente.

As resistências à mudança são enormes no Desporto como em todas as outras áreas. Resistência à mudança não significa só a tendência para a travar, mas também a procura de uma aceleração que não é compatível com as condições existentes. É como num carro, não só não chega a tempo quem não anda à velocidade necessária, mas também quem tem um acidente e se “espeta”.

O equilíbrio é difícil, mas possível!

Formar pessoas e ganhar campeonatos

(12-06-2011)

O desporto é um meio de transformação da pessoa. Ora essa transformação deve ter uma intencionalidade em função dos objetivos visados. Podemos, por exemplo, formar para desenvolver capacidades e competências que potenciem a autonomia, a tomada de decisão, a

montagem de estratégias, ou pelo contrário a dependência, a obediência cega, a reprodução de estereótipos. O desporto pode assim ser um meio que contribui para a modificação ou para a manutenção do *status quo* de uma sociedade.

Será que cada um dos intervenientes no processo tem consciência disso, ou seja, faz opções em função do tipo de transformação que pretende promover? Os pais são informados ou questionam-se sobre o tipo de transformação que os seus filhos, de uma forma intencional ou não, estão a “sofrer”? Os dirigentes, os treinadores, os políticos, os jornalistas, o espectador comum, preocupam-se com isso?

Será que o único indicador do trabalho realizado é o resultado desportivo? Será que já se fez uma análise séria das razões que levam a que muitos dos que nos escalões de formação alcançaram resultados de nível nacional e internacional depois abandonem ou vejam os seus resultados passarem a ser de nível mediano? Bastará agitar a bandeira da falta de apoios e da ida para a Universidade? Será que isto acontece de forma generalizada ou ocorre de forma mais acentuada em algumas modalidades e clubes, ou com alguns treinadores? Hoje já é possível que as respostas a questões deste tipo possam ser dadas com uma coerência global que ultrapasse a mera quantificação de “medalhas”.

Competir é o que nos motiva a agir, a fazer o esforço, a privilegiar o trabalho. Um trabalho que não tem que ser sacrifício, mas que tem que ser prazer. Competir é avaliar. Basta ver miúdos e graúdos a competir constantemente “por tudo e por nada”.

Ter prazer é uma forma de rendibilizar os processos. Aprender a “jogar” hoje, amanhã, e depois, é uma forma agradável de deixar de olhar só para o imediato e passar a olhar para o médio e o longo prazos, para nos preocuparmos com os diferentes tipos de capital (o financeiro, a saúde, o prazer, a educação, etc.). Aprende-se, assim, a olhar para o futuro e a incluir aí as próximas gerações.

O que fazemos ou deixamos de fazer hoje terá necessariamente repercussões mais cedo ou mais tarde.

Não há idades para os “Porquês?”

(14-07-2011)

Normalmente os adultos acham muita piada aos primeiros “Porquês?” dos mais pequenos, contudo é comum que muito rapidamente os comecem a achar incómodos, nomeadamente quando não têm respostas. Sendo também habitual que comecem a responder, “porque sim” ou “porque eu quero”.

Não é assim de estranhar que mais tarde, por um lado exista quem tenha receio de fazer perguntas (inclusive a si próprio), e por outro lado quem “castigue” os que questionam. Mas será isto normal? Aproveita a quem? Quem tem receio de ser questionado e ter de justificar o que faz ou não faz? Quem tem medo que as pessoas tenham sentido crítico?

É claro que não se trata de perguntar por perguntar, é necessário que se consigam fazer as perguntas que são pertinentes fazer em cada contexto e fenómeno.

Na Escola e no Treino estaremos a desenvolver capacidades e competências para não questionar ou pelo contrário para conseguir fazer as perguntas mais adequadas?

Será que os professores/treinadores explicam (e os alunos/desportistas compreendem) a intencionalidade do que fazem? Será que estimulam os “Porquês”, ou pelo contrário os consideram uma insolência porque pretensamente estão a colocar em causa a sua autoridade? Um pouco na lógica do “sou o chefe não tenho de explicar”.

Quem não tem dúvidas, quem não equaciona diferentes possibilidades, quem não baseia a sua intervenção num diagnóstico, numa prescrição e num controle o mais personalizado possível, em função do conhecimento existente, será que merece a nossa confiança?

Perguntar é necessário para ajudar a compreender. Porque perguntar desenvolve também, por exemplo, a capacidade e a competência de levantar hipóteses e montar estratégias para a resolução dos problemas e dominar uma metodologia que permita descobrir o que não é verdade (rejeitar conjeturas). As “verdades” que nos querem “impingir” só são verdade enquanto não tivermos “verdades melhores”. E tudo está a mudar tanto, não é?

Nas nossas Escolas/Universidades/Clubes/etc. não se pode continuar a colocar a ênfase na transmissão de conhecimentos (técnicas, táticas, truques, receitas, etc.), mas sim no domínio de uma metodologia... mas isso é “outra conversa” ...

Formar ou formatar?

(14-08-2011)

Hoje exige-se a adaptação a diferentes contextos, o empreendedorismo, o ser pró-ativo e não meramente reativo, etc. Contudo, a grande maioria das nossas escolas, clubes, universidades... continua a preparar para o passado. Transmite-se em vez de transformar, formata-se em vez de formar. A reprodução dos conhecimentos suplanta o domínio de ferramentas e metodologias.

Infelizmente é comum treinadores dizerem “isto aqui não é para inventar, pensas que és o Ronaldo?”, ou professores explicarem aos pais, “até sabe a matéria mas depois na hora da verdade (teste/exame) não demonstra”.

Mas afinal sabe ou não sabe?

O que é saber? Pode-se ou não “inventar”, leia-se procurar novos caminhos, novas formas de resolver os problemas?

Será que “tudo se vê na hora da verdade através do resultado da competição ou do exame”, como dizem alguns “doutos”?

Concordamos que tudo deve ser avaliado, até a avaliação. Mas será que os instrumentos que estamos a utilizar para avaliar, como as competições desportivas e os atuais exames, medem o que interessa?

Veja-se por exemplo:

- As competições (e os exames) regem-se por escalões etários onde jovens com diferentes tipos de maturação têm de competir;

- A alta competição é distorcida por abissais diferenças entre capitais investidos (não apenas financeiros) e por jogadas de bastidores;

- Os exames têm perguntas e critérios de correção que exigem a mera reprodução de conhecimentos e etapas que têm de ser religiosamente cumpridas senão, mesmo que a resposta esteja certa, são obrigatoriamente descontados pontos.

Se continuarmos a assobiar para o lado e a preparar para o passado, estaremos a criar desadaptados sociais. Alguns até poderão vir a ter sucesso ... no roubo por esticção ... ou mesmo a organizar tumultos como em Inglaterra.

Diríamos, com a ligeireza do tempo de férias, que apenas “estão a dar azo à criatividade e ao empreendedorismo” que lhes foi negado durante a sua formação, perdão formatação.

Avaliar a Avaliação

(14-09-2011)

Avaliar é (devia ser) um ato de gestão e não um exercício de poder. Avalia-se para provocar uma ação e para ajudar a alcançar um objetivo.

No desporto competimos, isto é avaliamo-nos em relação a um critério (o que éramos, os outros, etc.)

A avaliação e os avaliadores nunca são neutros, isentos, imparciais, objetivos...

O quadro de referência que utilizamos condiciona a forma como vemos o mundo, como valorizamos o que nos rodeia. Os instrumentos

que usamos para avaliar, os critérios que selecionamos, etc., não só influenciam os resultados que obtemos, como a interpretação que deles fazemos e as ilações que daí tiramos.

Por isso a avaliação deve ter em conta os efeitos obtidos em relação aos efeitos pretendidos, considerando os meios investidos...e tantas outras coisas.

É certo que muitos avaliam para “mandar”, para “passar os amigos e chumbar os inimigos” (que linguagem para um avaliador!).

Assim, é bom que antes de endeusarmos ou denegrirmos instituições e pessoas em função de rankings e classificações afins, nos questionemos sobre a competência dos avaliadores, a pertinência dos instrumentos e critérios utilizados, etc.

Avaliar utilizando apenas os fatores que “interessam” é fazer batota.

A avaliação responsabiliza não apenas quem é avaliado mas também quem a faz, na correção de um exame, na seleção de um desportista, etc.

E responsabiliza também quem, de uma forma ignorante ou maldosa, tenta manipular os processos.

Mas a avaliação, apesar de ainda ser muitas vezes utilizada de uma forma perversa, é um fator essencial para o desenvolvimento (quando bem feita, claro).

Avaliar é uma parte importante na realização de um diagnóstico e permite-nos, deste modo, saber onde estamos ou até quem somos. Sem

este conhecimento não é possível ter uma intencionalidade no “para onde queremos ir” ou no “que queremos ser”.

Evidentemente que a avaliação dos avaliadores é fundamental. Alguns acham que por terem “um canudo” ou “por ato divino” ganharam o direito (direito? Que parvoíce!) de avaliar. Chumbemo-los!

As avaliações são ferramentas essenciais, mas não nos podemos esquecer que uma avaliação mal feita pode ser bem pior que não haver avaliação.

SOS competência

(16-10-2011)

Educar é transformar. E tanto nos transformamos na escola como no clube, em casa como no grupo de amigos, na internet ou a ler um livro, a ver um filme ou um documentário, etc.

Para que o processo educativo tenha uma coerência global, de forma a que seja rentável é necessária a articulação (direta ou indireta) entre os diferentes intervenientes, nomeadamente, professores, treinadores, alunos/desportistas, pais.

Os pais são normalmente enquadrados em dois extremos. Aqueles que não ligam ao processo e não assumem responsabilidades (não vão à escola ou ao clube, não sabem o que os filhos fazem ou deixam de fazer) e aqueles que querem que os filhos sejam aquilo que eles nunca foram, que sejam alunos/ desportistas de excelência...

A título de exemplo, será que o treinador articula o planeamento de treino com o desportista e com os seus pais? Será que mesmo não o fazendo diretamente, tem em consideração as alturas em que o desportista está mais sobrecarregado com avaliações ou outro tipo de compromissos? É que se não o fizer, corre-se o risco do desportista nem rentabilizar o estudo, porque está cansado, nem recuperar convenientemente do treino porque em vez de descansar tenta estudar. Serve a quem este “autismo do treinador”?

Dirão alguns: mas cada um dos desportistas tem testes em dias diferentes, não é possível ter em conta os condicionalismos de cada um! Será verdade se o treinador se limitar a reproduzir as suas experiências enquanto desportista, as receitas que “bebeu” de algum guru, ou de algum professor/curso universitário que ainda viva no empirismo lógico (porventura a maioria)...

Porém, se em vez de ser reproduzidor de experiências (suas ou de outros) se assumir como produtor de desporto, em que o processo de treino é personalizado, então é possível considerar os diferentes condicionalismos.

Contudo, ao contrário do que muitos dizem, não basta ter bom senso, embora dê alguma ajuda, é necessário conhecimento e competência, só que isso dá trabalho, muito trabalho (mas pode também dar gozo a quem tenha uma capacidade, hoje fundamental, o sentido “de jogo”).

Não basta exigir que alunos e desportistas se esforcem e trabalhem para conseguir rentabilizar as suas capacidades, é também necessário que treinadores e professores se esforcem e trabalhem para não ficarem cristalizados no tempo. Não basta, por isso, ter um canudo (da federação ou da universidade) e serem espectadores passivos de algumas ações de formação, que independentemente dos galões dos preletores, na maioria das vezes, mais não fazem do que dar créditos para progredir na carreira.

Haja decoro.

Componentes críticas versus janelas de oportunidade

(14-11-2011)

Há uma crise. Andamos muito aflitos (e com razão) a contabilizar os custos a assumir para podermos “ver uma luz ao fundo do túnel”.

Contudo, poucos parecem preocupar-se com soluções de fundo, que podem até não exigir investimentos de ordem financeira, mas que são estruturantes. Para resolver o hoje ... e o amanhã.

Deveria ser evidente que é necessário “uma grande volta”, uma rotura (de facto e não apenas discurso).

No processo pedagógico, seja no sistema educativo ou no sistema desportivo (educa-se na escola e no clube) há que mudar. Como? Por exemplo deixando de procurar formatar (componentes críticas), dando “certezas estáticas” tipo “gesto técnico”, para explicar e ajudar a

aprender as “tendências evolutivas contraditórias”, que permitem tomar decisões com coerência e adaptadas ao problema.

Veja-se como num “simples” remate no futebol tantas “estrelas” falham porque, para além de fazerem um gesto, não são capazes de decidir para onde e por onde meter a bola – ora isto treina-se!

Os professores e treinadores têm que saber como decidir, deixando de ser os “despedidores” de certezas (falsas) ... que lhes dão seguranças.

“A Crise” mostra como estas certezas são enganadoras.

Algumas “vitórias” no presente (notas académicas, resultados desportivos, etc.) utilizadas para legitimar o trabalho que fazem, muitas vezes mais não são que a expressão da reprodução daquilo que os professores e treinadores “obrigam” os alunos/desportistas a “engolir e fazer”. Ora os professores e treinadores também alegam que são “obrigados” a cumprir programas desfasados da realidade. “Obrigados” para não serem despedidos ou ostracizados?

Não se pode continuar a formar para o passado. É necessário um novo conceito de escola, de aula e de treino.

Em próximas crónicas daremos exemplos de como é possível fazer esta rotura, assumindo-se o professor/treinador como um catalisador de processos de amadurecimento e não como fonte emissora de um conhecimento e avaliador da reprodução do que foi dito.

Crise? A culpa é do processo pedagógico

(14-12-2011)

Se a aula (ou o treino, pois tanto se educa na escola como no clube) for utilizada essencialmente para transmitir conhecimentos, então é legítimo perguntar: não será mais rentável (nomeadamente em termos financeiros), por exemplo, o aluno aceder a essa informação através de um CD que visionará no computador quando e onde quiser, as vezes que for preciso?

Alguns burocratas, sem visão, pensarão mas “então pode ser muito mais barato” ... e esfregam as mãos.

Ora aqui podemos seguir dois caminhos, completamente diferentes, quer na trajetória quer, o que é muito mais importante, nos objetivos visados, ou seja: 1) procuramos fazer o mesmo só que mais barato; 2) procuramos os recursos (eventualmente o mesmo capital) disponíveis para ir tão longe quanto possível.

A primeira destas hipóteses contesta-se, por absurdo, até na lógica deles – será que aceitam que não comprem um carro porque fazem o mesmo indo a pé, não andam de avião porque podem ir para Lisboa a nado, usam só umas T-shirts porque fazem o mesmo do que um fatito todo janota? Ou economia e miserabilismo são só para os outros?

Se aceitam a 2ª hipótese precisam de fazer a análise da relação custos/benefícios, o que implica na opção “docente ou computador para transmitir conhecimento” uma nítida preferência pelo computador.

Mas o docente pode ser “utilizado” de uma forma muito mais rentável a produzir conhecimento e, sobretudo, a ajudar os alunos a aprender, isto é a digerir o conhecimento adquirido (depois de colherem o conhecimento de um outro modo). Utilizar os docentes para repetirem não sei quantas vezes a “mesma aula” é um desperdício. As aulas (e os treinos) devem ser “visitas guiadas” onde a curiosidade dos alunos é conduzida, onde o aluno desenvolve a capacidade de interpretar, de levantar hipóteses, de responder e de tentar fazer, de ter sentido crítico... no fundo uma aula exige muito trabalho, pois é um local de reflexão, de debate e discussão, de experimentação ...

Tal como afirmámos no artigo anterior “É necessário um novo conceito de escola, de aula e de treino”.

É preciso também que quem faz a gestão perceba que gerir não é dar ordens mas sim saber escolher e implementar as melhores estratégias para obter as soluções escolhidas.

São necessárias grandes mudanças no processo pedagógico (na escola e no clube), não é mais possível continuar simplesmente a “mudar alguma coisa para que tudo fique na mesma”.

As Gorduras Institucionais

(16-01-2012)

Fala-se muito de cortes e pouco de aumento da produtividade. Trata-se de um erro estratégico pois a saída da crise exige uma visão de conjunto que permita analisar as consequências de cada opção a tomar

tendo em conta diferentes cenários e não cortes cegos que acabam por promover recessão e quebra de produtividade.

Cortem-se as gorduras institucionais. Ou seja, o excesso de burocracia, regulamentos, normas, procedimentos que apenas complicam e “infernizam” a vida de todos aqueles que sabem fazer alguma coisa na vida para além de preencher formulários e estar à espera de respostas e de serem atendidos em qualquer repartição ou serviço.

Já se questionou sobre os custos e benefícios de um regulamento? Mesmo antes de ser aplicado já tem custos. Por exemplo, numa Associação, Clube, Escola, Universidade, com 200 funcionários, se cada um demorar 15 minutos a ler um regulamento, tal significa que foram gastos 3000 minutos. Se tiver de preencher um formulário que demore 15 minutos a preencher, se levar 15 minutos a comentar “a estupidez do dito regulamento”, se cada um preencher três formulários por ano já vamos em 18000 minutos (300h), ou seja dois meses de trabalho de um funcionário. Quanto custa uma hora de trabalho? Se existirem 10 regulamentos ... isto para já não falar nos custos de fiscalizar o cumprimento dos regulamentos, a inibição que os mesmos promovem em quem quer empreender algo (ação de formação, evento, etc.) e não se quer consumir com burocracias ...

Dirão alguns, a culpa é das diretivas de Bruxelas, do Governo, do Tribunal de Contas, da Federação, da Associação, etc. Em parte é verdade, mas também é verdade que o grande perigo muitas vezes vem

daquele “chefe” que não sabe que gerir não é dar ordens e fazer regulamentos, mas sim criar condições para que os processos sejam mais céleres... Outros dizem que o regulamento vai trazer mais-valias, então provem-no, quantifiquem, avaliem.

Senhores professores, treinadores, dirigentes, presidentes, etc., deixem quem tem vontade, capacidade e competência para trabalhar fazê-lo. Por vezes até podem não fazer por mal, é só falta de visão, mas noutras até parece que não querem que as pessoas tenham tempo para pensar de tanto procedimento que têm de fazer, para tudo e mais alguma coisa. É preciso ter visão de conjunto. Em muitos casos se não prejudicarem já ajudam. Não compliquem.

Com tanto empenho em cortar, um conselho: Cortem à vontade na burocracia. Vão ver que “pior não fica”, antes pelo contrário.

As Gorduras na cabeça das pessoas

(13-02-2012)

Hoje fala-se muito em acabar com as gorduras das instituições. Há consenso, mas raramente se diz como o fazer.

E esquece-se que muitas vezes as “gorduras estão na cabeça das pessoas”, isto é, que é preciso mudar formas de pensar e de atuar.

Contudo, ganhámos certos hábitos e rotinas, há constrangimentos culturais e sociais, interesses instalados, uma grande dose de ignorância, etc. que dificultam a mudança, a inovação, o explorar de novos

caminhos... e levam-nos a aplicar, de forma mais ou menos estereotipada, as receitas de outrora e as soluções do costume.

Em alturas de crise, normalmente estão criadas as condições para que algumas destas resistências sejam atenuadas, para que se aceite rever aquilo que sempre se deu por adquirido e que muitas vezes se defendeu com unhas e dentes, muitas vezes de forma acéfala e sem consistência conceptual ou operativa, apenas usando e ostentando os “galões” ...

Cada um deve limpar a sua cabeça, de forma a que seja capaz de analisar e propor as melhores soluções para os problemas que surgem, sem seguidismos cegos e preconceitos retrógrados.

Não se trata só de estar disponível para mudar, para rever processos, metodologias, soluções ... é necessário ter sentido crítico e espírito de iniciativa (é preciso ter conhecimento e sabedoria), pois muitas propostas de mudança que nestas alturas alguns “iluminados” aparecem a fazer/impor, não são o melhor caminho, só servem para criar confusão e manter tudo na mesma.

Na situação em que o Desporto (mas não só) se encontra, é imperioso equacionar as melhores soluções para rentabilizar as potencialidades únicas que oferece enquanto meio de transformação do Homem. Mas para isso é necessário que não se caia na tentação de resolver problemas parcelares sem ter uma visão de conjunto. Seria o mesmo que tomar um medicamento para baixar a febre sem tratar a doença (só se mascara o problema e depois pode ser tarde demais).

As opções que hoje se tomam, no Desporto e na Educação (mas não só), terão repercussões nas próximas gerações. Se não limparmos as gorduras que temos na cabeça, dificilmente teremos hipóteses de ter sucesso.

Olhar menos para o umbigo, talvez seja um bom começo... Com o conhecimento e os meios hoje disponíveis, falhar não pode ser uma opção. Não é tolerável que se cometa tal “crime”...

“Lavar/Semear/Colher”

(16-03-2012)

Uma mesada pode ter muitos objetivos. Tanto pode servir para desenvolver capacidades e competências para planear, para tomar consciência que é preciso gerir equilíbrios, para responsabilizar e dar autonomia, etc., como para fazer precisamente o contrário...

Se a mesada for encarada como um investimento é necessário perceber como se pode medir o retorno desse investimento.

Os investimentos públicos no desporto não são mesadas, mas podem ter o mesmo tipo de objetivos. O governo deve fomentar e regular e não consumir-se a fiscalizar aspetos parcelares dos investimentos. Deve contratualizar e monitorizar os retornos (títulos, desportistas, espectadores, saúde, educação, turismo...)

É necessária maior responsabilização e simultaneamente maior autonomia de todos os intervenientes no processo, ou seja, do governo, dos dirigentes, dos treinadores, dos desportistas, dos pais, dos funcionários, etc.

A responsabilização e a autonomia exigem a capacidade de ter visão de conjunto e perceber que há tendências evolutivas contraditórias em algumas das opções que se tomam, ao nível da micro e da macro gestão.

É necessário perceber que tudo tem um custo. A título de exemplo, se em vez de demorar 5 minutos no duche demorar 10, ao fim dum ano, isso pode equivaler ao preço de uma deslocação a uma competição; se estiver a utilizar uma instalação com 15 miúdos quando podiam estar 30, isso pode significar que alguns em vez de chegarem a casa às 21.30h cheguem às 23h; se utilizarmos uma passagem aérea com quem não merece, mais tarde poderá vir a fazer falta para quem a mereça...

Contudo não se trata apenas de racionalizar custos, mas também de potenciar investimentos para captar receitas. É necessário que o produto desporto tenha qualidade para que se aceite pagar pelo seu usufruto.

Desde há muito que o homem se confronta com o ciclo lavar/semear/colher, na agricultura, na indústria, nos serviços, na educação, no desporto, etc. Mas alguns ainda não perceberam que um indivíduo ou uma sociedade para serem sustentáveis (e felizes) não podem falhar nenhum destes três aspetos em tudo o que fazem.

A Mesada

(14-04-2012)

Gerir é fácil, o que é difícil é gerir bem. Gerir não é dar ordens, é fazer com que todos participem nos processos e façam as coisas funcionarem pelo melhor. Poupa-se logo por não ter “um polícia” atrás de cada pessoa.

É fácil mandar os outros pouparem, ou ser miserabilista e viver como um “unhas-de-fome”. Encontrar os equilíbrios necessários para viver tão bem quanto possível, já exige alguma “arte” (ser um gestor competente).

Se cada um tiver consciência dos custos associados às opções que se fazem, é mais fácil gerir os equilíbrios possíveis para rentabilizar o “bolo” disponível para gastar/investir.

A mesada pode ter um valor variável em função da forma como é distribuído o “bolo” disponível para gerir a vida familiar. Por exemplo, 50% do que se conseguir reduzir com as faturas da luz, do gás, da água e do telefone revertem para a mesada. Talvez dessa forma os pais não tenham de constantemente “andar a brigar” porque as luzes ficam ligadas, porque demoram muito tempo no duche ... Claro está que pode ser uma opção passar mais tempo no duche e ter menos mesada, mas nesse caso é uma opção que é feita pelo próprio jovem. Exemplos semelhantes poderiam ser dados com a compra de roupa, com a alimentação, com as férias, com a aquisição de um carro ou de uma casa, etc.

No fundo a mesada é apenas um instrumento do processo pedagógico que pode desenvolver capacidades e competências relacionadas com a tomada de decisão, o espírito crítico, a capacidade de adaptação, etc.

Nesta altura já o leitor deve ter pensado “mas o que foi dito para a mesada aplica-se a muitas outras coisas e áreas, por exemplo um

subsídio, uma subvenção, etc”. Obviamente. Aplica-se a tudo aquilo que implique um investimento com uma intencionalidade, à gestão e à rentabilização dos meios disponíveis e ao seu desenvolvimento...

Tomo a liberdade de sugerir, caro leitor, que pense como é que algo do género pode ser aplicado na gestão dos dinheiros públicos no desporto e na educação. Como se pode investir responsabilizado (dando margem para fazer opções) os atores de cada processo (alunos/desportistas, professores/treinadores, encarregados de educação, dirigentes, etc.)?

(In) Coerências

(13-05-2012)

O desporto é um meio privilegiado de transformação. Não reconhecer todas as potencialidades do desporto é Ignorância, não as saber implementar é Incompetência, conhecer as potencialidades, saber implementá-las e não o fazer é Desonestidade.

O desporto é uma grande escola de educação porque está diretamente relacionado com eficiência/rendimento e a avaliação que faz às performances é não só permanente mas também objetiva.

Mas é fundamental evitar incoerências e/ou parvoíces!

Analisemos!

Podemos fazer um “grande jogo” e perder? Podemos, se fizemos o nosso melhor, mas o adversário conseguiu ser ainda melhor. Temos que saber perder, isto é, aprender e transformarmo-nos de maneira a poder

evoluir. Fazer “o nosso melhor” é aproximarmo-nos dos limites. Qualquer ser vivo que se aproxima de um dos seus limites (há muitos limites) adapta-se às situações, transforma-se, “educa-se”.

O objetivo no desporto é ganhar. É perseguindo este objetivo (objetivo imediato) que nos transformamos/educamos (objetivo mediato).

Podemos fazer um “grande remate” sem acertar na baliza (no futebol, por exemplo)? Não, cem vezes não. O nosso objetivo (imediato) está errado, porque não fomos eficientes ou utilizámos mal os nossos recursos (mau rendimento) e a avaliação (ela está lá sempre) é negativa. A intenção era boa mas... de boas intenções (falhadas), está o inferno cheio.

Entre o jogo e o remate há uma diferença de opção – o jogo está marcado, o remate optei fazê-lo. São, portanto, contextos diferentes.

Gerir os recursos disponíveis (rendibilizá-los), para atingir os objetivos desejados e possíveis (eficiência) e avaliar, permanentemente, esta eficiência e os rendimentos obtidos, não é exclusivo do desporto, claro.

É fundamental, também, em muitos outros campos (na educação, na economia, na política, na saúde, etc.). Mas a relação eficiência/rendimento/avaliação/objetivos (mediatos e imediatos) não é direta nestes campos e vamos, muitas vezes, “ao engano”.

“Cientificamente Provado”

(13-06-2012)

Diariamente somos bombardeados com estudos ditos científicos que alegam provar qualquer coisa. Ele é o alimento x que faz bem ou mal, a atividade física y que ajuda a morrer cheio de saúde, o método de ensino z que é o mais eficaz, etc. Numa atitude pacóvia, há quem desde logo diga “está cientificamente provado que ...”, ou seja, é assim e ponto final parágrafo. Então se os ditos estudos vierem da “América” é que não há mais volta a dar: “os Americanos dizem que...”, está dito.

Ora, em ciência, como dizia Karl Popper, não há certezas, o conhecimento só é científico se puder ser refutado. Caso contrário é um dogma. A ciência não prova definitivamente coisa nenhuma, apenas nos pode aproximar da verdade... Isto pela “simples” (?) razão que estamos, constantemente, a obter novos dados, a fazer medidas mais precisas, a conseguir melhores explicações para os fenómenos...

Hoje, com a produção acelerada de conhecimento, é cada vez mais necessário ter uma atitude crítica perante o que nos querem impingir. Por exemplo, é necessário compreender os fenómenos que os estudos abordam, em que paradigma se situam, se “são encomendados”, que variáveis, instrumentos, amostras, etc., foram utilizadas...

Na mesma linha também somos bombardeados com opiniões avulsas, mais ou menos eloquentes, mais ou menos interessantes ...

Se é verdade que hoje felizmente podemos opinar livremente (?), também parece ser necessário distinguir entre o que é uma opinião

avulsa e sem substrato, daquela que é fruto de uma análise coerente e que é colocada à discussão e refutação.

Em pleno campeonato da europa de futebol, não faltam exemplos. É fácil fazer afirmações que não podem ser refutadas: “Se o jogador x tivesse entrado em vez do y tínhamos ganho”, “Se marcássemos mais cedo tínhamos virado o jogo”, etc.

O que é difícil é interpretar o que aconteceu e o que é possível fazer para melhorar. Veja-se como jogadores (e treinadores o que é mais grave) que acabaram de perder um jogo, dizem “estamos de parabéns”, “fizemos um jogo extraordinário”... Há que analisar tendências e não apenas casos pontuais. Uma equipa que não marca golos há 4 jogos dificilmente se pode lamentar da falta de sorte... Se tiverem mais vontade de ganhar que medo de perder, talvez tenham mais probabilidades de ganhar. Mas será que treinaram para que isso seja possível, ou será que temos de esperar pela inspiração para sermos felizes? Até podemos ter a sorte de ganhar o euromilhões, mas pelo sim pelo não, talvez seja conveniente ter um emprego entretanto.

Se formos capazes de perceber as hipóteses (teorias) que são úteis e quando deixaram de o ser, teremos seguramente, uma melhor relação com o “mundo”. E saberemos adaptar-nos a este mundo em mudança.

Um mundo de possibilidades ou um mundo de certezas? Cá por mim vou pelas possibilidades...

Treinar para os exames

(13-07-2012)

Os exames, tal como uma competição desportiva, são um instrumento condicionador dos processos de formação. Assim, é desejável que condicionem no sentido que se pretende, ou seja, que solicitem os comportamentos que permitam desenvolver as capacidades e competências que se desejam.

Para aumentarmos as probabilidades de sucesso num exame ou numa competição desportiva, é necessário treinar. Mas o problema é: treinar o quê?

Infelizmente, muitos exames (a maioria?) continuam a solicitar predominantemente comportamentos de mera repetição do que foi memorizado. E as competições desportivas são encaradas (mas é mentira como vamos mostrar) como uma simples avaliação da capacidade de repetir gestos.

Assim, o mais importante não será, como nos querem fazer querer, discutir se devemos ou não fazer exames, se é ou não benéfica a existência de competições. O que realmente importa é garantir que esses exames ou competições desportivas sejam promotores de processos que levem o aluno ou o desportista a serem capazes não só ganharem meios de atuação (para os dois casos – conhecimento e capacidade de utilizar este conhecimento, “performance”) mas também de saber utilizá-los de uma forma eficiente.

Uma imagem elementar para melhor nos entendermos – numa corrida de 100 metros vemos, muitas vezes, vários corredores chegarem com poucos centímetros de diferença. E no entanto é fácil um corredor, porque não vai tão “a direito” quanto possível, por desvios “na horizontal”, mas também “na vertical”, perder 1 ou 1,5m (para citar só um pormenor) durante a corrida (tendo assim que fazer 101 ou 101,5m o que inviabiliza que seja um “bom corredor”).

Num mundo em galopante mudança, quem não conseguir dominar as metodologias e os instrumentos que permitam fazer análises e tomar decisões com uma visão de conjunto, terá mais dificuldades em ter sucesso.

Urge que as escolas, os clubes, as universidades, os pais, os políticos, os jornalistas, se preocupem menos com os rankings (os fins) e se preocupem mais com as competências que os alunos, desportistas, efetivamente têm que enfrentar (os processos).

É necessária uma rotura, mas tal não significa que tudo tenha de ser mudado de uma só vez.

É preciso sermos objetivos e ultrapassar alguma ignorância dos fatores em jogo.

Idolatrar ou Denegrir – únicas alternativas?

(05-08-2012)

É fácil idolatrar ou denegrir. Mais fácil é quando não se tem uma visão de conjunto do que pode estar em causa e nos deixamos ir no espírito da carneirada.

A título de exemplo, muitos pensam que nos Jogos Olímpicos (JO) só estão os melhores entres os melhores. Tal não corresponde à verdade. Há quotas por país ou zonas. Alguns dos melhores desportistas do mundo não podem participar porque a “vaga” já está ocupada. Por outro lado, nalgumas modalidades podem participam desportistas com performances modestas como forma de incentivar (será?) o desenvolvimento desportivo nesse país ou zona geográfica...

O grau de dificuldade para participar no JO não é idêntico em todas as modalidades. Numas, devido, por exemplo, aos critérios de seleção e ao número máximo de participantes na competição, quase todos os que lá vão têm legítimas expetativas de serem medalhados ou obter diploma olímpico e noutras a grande maioria já fica satisfeita por lá estar e não almejam a nada mais que melhorar as suas marcas pessoais (ou nem isso) e ganhar um “joguinho”.

Desta forma facilmente se percebe que colocar todos os olímpicos no mesmo saco e querer avaliá-los exclusivamente pelo seu lugar na classificação geral, não é aceitável. Até porque, para que se possa avaliar o rendimento de algo, temos de saber não só o resultado final mas também o capital que foi investido.

No caso particular dos JO, mas podendo generalizar-se a outras áreas e contextos, é necessário que no início dos processos, por exemplo, se esclareçam quais os objetivos, qual o investimento que irá ser feito (não apenas financeiro) e qual o retorno que se pretende obter. Ou seja, é preciso saber para que tudo isto serve.

Infelizmente nem existe esse hábito nem exigimos que passe a existir. Pelo contrário, alguns políticos, professores, pais, jornalistas, etc., que durante o ano inteiro menosprezaram, por ação ou omissão, o valor educativo da Educação Física e do Desporto enquanto meio de transformação do Homem (levantando dificuldades de acesso à prática desportiva, não disponibilizando condições dignas de preparação, levantando problemas aos alunos desportistas que têm de se ausentar para participar em estágios e competições), estejam agora na primeira linha para aplaudir e idolatrar os “vencedores” e para apontar o dedo e ostracizar os que não tiveram sucesso.

Prezo muito a liberdade de expressão, mas haja decência. Sejam exigentes e avaliemos o rendimento, isto é, a relação entre o investimento feito e o que de lá retiramos.

Selecionar a assobiar para o lado

(14-09-2012)

De uma forma “naïve” (simplória) diremos:

- Num território em altitude corriam atrás das vacas. Os melhores podiam ter mais vacas, isto é, mais leite e carne para os filhos ou para

trocar por outras coisas. Adaptaram-se e selecionaram-se os que corriam mais. Hoje os descendentes “limpam” as medalhas nas provas de fundo.

Tal como se adaptam e selecionam os que melhor 1- suportam o stress de um combate de judo, 2- se integram no grupo no futebol, 3- dominam a precisão de movimentos na ginástica, etc., ou, no ensino, os que melhor “fazem contas’ e ‘despejam conhecimento’ (quase dizíamos ‘vomitam’).

Nesta altura milhares de jovens estão a inscrever-se no ensino superior e outros tantos começam uma nova época desportiva. Nalguns casos praticamente não existiu seleção, ou foi feita uma seleção sem que se questione se é bem feita.

Será que a forma mais correta de selecionar quem entra no ensino superior é considerar a nota do ensino secundário e respetivos exames? Será que a seleção de jovens para a prática desportiva, baseada (de forma encapotada) na sua maturação biológica e tempo de prática, pretensa garantia de sucesso a curto prazo, é aceitável?

Considerando o estado a que chegou o país (da economia ao desporto) talvez se possa suspeitar que não. Contudo, continuamos a assobiar para o lado, todos satisfeitos com os nossos filhos futuros doutores e craques do desporto, campeões de qualquer coisa...

Critica-se o ensino básico e secundário, por exemplo, com os seus programas enciclopédicos e um plano curricular cartesiano, por não desenvolver o espírito crítico, o empreendedorismo, a capacidade de tomar decisões, etc. e por apelar essencialmente à capacidade de

memorização e à reprodução do que é transmitido, mas depois aceita-se que as notas obtidas sejam o único fator de seleção dos alunos!

Critica-se que no desporto jovem se valoriza em demasia os resultados desportivos de curto prazo, mas depois endeusamos os jovens craques e não pedimos responsabilidades quando os mesmos abandonam a prática desportiva ou não evoluem...!

Hoje já há alternativas credíveis. Porém, parece não existir vontade em discuti-las e aplicá-las. Talvez por isso o país esteja como está e não se vislumbrem grandes esperanças que no médio prazo ocorram alterações significativas.

Entretanto cada um lá se vai tentando desenrascar, mesmo que muitas vezes vá dando umas pisadelas, uns encontrões e em alguns casos deixando “cadáveres na beira da estrada”...

A pergunta terá que ser: “atrás de que vacas” devemos correr para nos adaptarmos e selecionarmos para os objetivos pretendidos?

Diploma e Qualificação

(11-10-2012)

É comum ouvirmos alguns “governantes” apregoarem que esta é a geração mais bem preparada e qualificada de sempre.

Não se estará a confundir o diploma com a qualificação? Ou seja, hoje há incomparavelmente mais diplomados do que há alguns anos atrás (licenciados, mestres, doutores, “treinadores”, etc.). Contudo, será o diploma um reconhecimento da capacidade empreendedora, da

capacidade de adaptação a diferentes contextos, da capacidade de tomar decisões adequadas em situações críticas, da autonomia e da criatividade, ou pelo contrário é essencialmente um reconhecimento da capacidade de memorização e reprodução de estereótipos?

Tendo em consideração, a título de exemplo, os planos de estudos e o tipo de avaliação que é feito no ensino básico e secundário, no ensino universitário, na formação de treinadores e afins, bem como os critérios de seriação para entrar no ensino superior e nos cursos de treinadores, a resposta infelizmente inclina-se claramente para que o diploma reconheça essencialmente a capacidade de memorização e reprodução de estereótipos.

No desporto a avaliação das competências é simples, é feita através da performance desportiva (mesmo que por vezes possam existir grãos na engrenagem – grãos a que alguns chamam árbitros, secretaria, etc.). Ou se consegue ou não se consegue alcançar o objetivo. É uma avaliação que é feita de forma objetiva em cada competição.

No sistema educativo, também se tem de responsabilizar as instituições formadoras pela qualidade daqueles que formam.

Há roturas que podem ser feitas com medidas aparentemente simples mas estruturantes.

No entanto simples não significa fáceis. Mudar a estrutura (reestruturar) implica encontrar alternativas mais válidas (e, possivelmente mais simples).

Mas é preciso perder o medo de tentar novas soluções para podermos sair do impasse em que estamos, no desporto, na educação, tal como na economia, na sociedade, nas instituições, etc. As ferramentas (as tecnologias, o conhecimento, etc.) hoje disponíveis permitem ir muito mais além. Os bloqueios estão, pensamos, nas pessoas e nas vontades.

Desenvolver o Espírito Crítico

(10-11-2012)

Felizmente hoje existe liberdade de expressão (será?). Não é assim de estranhar que, nas redes sociais, nos meios de comunicação social, em privado ou em público, muitos desatem a opinar sobre tudo e mais alguma coisa. Até pode ser um excelente exercício de cidadania e desenvolvimento pessoal.

Contudo, sabemos que será pedir muito que apenas o façam quando tiverem refletido um pouco, tiverem alguns conhecimentos e competências sobre os assuntos em que emitam opinião, pois infelizmente isso dificilmente acontecerá.

Como a “ignorância é atrevida”, mais uma vez não é de estranhar que muitos destes “fazedores de opinião” tenham dificuldade em opinar sobre a sua área de competência (académica, profissional, etc.), expondo-se assim à salutar crítica dos seus pares e preferiam opinar sobre outras áreas, por exemplo o Desporto e a Educação. Nada de mais, até porque defendemos que a divisão cartesiana de áreas científicas policiada corporativamente não se justifica e até é

contraproducente, pois hoje o que se exige é a inter e a transdisciplinaridade.

Agora, esses mesmos “fazedores de opinião” não se podem sentir como “virgens ofendidas” se alguém do Desporto ou da Educação também opinar sobre a Saúde, a Justiça, a Economia, a Comunicação Social, etc.

Aliás, pode ser muito benéfico que existam diferentes olhares e visões, nomeadamente de quem não está diretamente implicado na gestão dos processos (ou seja, de quem não é da área) e se assuma essencialmente como consumidor.

É por isso que o fundamental não é discutir e tentar limitar quem deve ou não opinar sobre determinados temas e áreas (não podem existir vacas sagradas em que só alguns iluminados podem opinar), todos devem ser bem-vindos à discussão. O que é necessário é que o processo pedagógico (na escola e no clube) desenvolva, entre outras competências, o espírito crítico, para que quem emita opinião pense duas vezes antes de o fazer e quem leia ou ouça essas opiniões seja capaz de lhes dar o valor e credibilidade que eventualmente mereçam.

Talvez dessa forma fiquemos todos um pouco mais protegidos da Insolência dos Ignorantes.

O Discurso e o Percurso

(10-12-2012)

Na “Escola e no Clube”, como em tantas outras áreas, muitas vezes (infelizmente demasiadas vezes), é gritante o desfasamento, diríamos mesmo a incoerência, entre o que se diz defender e o que efetivamente se faz.

Compare-se, por exemplo, os quadros competitivos federados dos escalões de formação e a avaliação que é feita no ensino básico, secundário e universitário, com o que está plasmado na legislação, na missão e objetivos das instituições, nos planos estratégicos, nos planos de desenvolvimento, nos contratos programa, nos projetos educativos de escola, nos regulamentos internos, nos planos anuais, nos planos curriculares de turma... e num sem número de despachos, circulares, comunicações internas e afins (tanta coisa!!!...o que já por si é uma incoerência se pretendemos fazer e não só ficar pelo discurso).

A incoerência entre o discurso e o percurso impede a resolução dos problemas e leva a que o processo educativo (tanto se educa na escola como no clube) continue, predominantemente, a preparar para o passado.

Mas o que é que cada um pode fazer, sem se desculpar que têm de cumprir ordens (em Nuremberga muitos alegaram que só cumpriam ordens e foram enforcados)?

Considerando que a avaliação é estruturante dos processos, devemos equacionar o que é que cada treinador pode alterar ao nível da

sua equipa/clube (no treino) e o professor na avaliação na sua disciplina/escola!

Há alternativas à reprodução dos quadros competitivos decalcados dos adultos e à avaliação que predominantemente se limita a seriar em função da capacidade de memorização e reprodução de estereótipos (daremos exemplos em próximos artigos). Mas será que estamos dispostos (e temos a competência!) para analisar e implementar processos que permitam dar um salto qualitativo, ou preferimos continuar num pedestal a exhibir os “galões”?

Como sabemos, há opções que se pagam muito caro ...

Ano Novo, Vida ...

(10-01-2013)

Estamos em plena época de promessas. Ano novo, vida nova. Será? Não será apenas mais um discurso insequente?

Prometemos (aos outros e a nós próprios) que agora é que é, seja em temos pessoais, familiares ou profissionais, por exemplo, que, faremos atividade física, teremos cuidado com a alimentação, estudaremos mais, nos organizaremos de outra forma, refrearemos o espírito consumista, perderemos menos tempo com coisas inúteis, seremos mais compreensivos, etc. Há promessas para todos os gostos e feitos.

É certo que há mudanças que podem ser estruturantes e promover e potenciar uma rotura (que é o que necessitamos, pois já não bastam

acertos pontuais), mas na maior parte dos casos, mesmo que levássemos à prática as nossas intenções apenas seriam pequenas pedradas no charco, pois no essencial tudo ficaria na mesma (há mudanças que não dependem de voluntarismos individuais, são estruturais).

Não basta querer mudar, é preciso saber para onde se quer e pode ir.

A título de exemplo, se quisermos mudar a Escola e o Desporto, para não continuarmos a preparar para o passado, em primeiro lugar temos de definir onde queremos estar daqui a 15/20 anos. Temos de identificar o que tem de ser alterado desde já e onde teremos de estar ao fim de um, cinco, dez anos...

Mas para que isto seja possível, não nos podemos ficar por opiniões pontuais, na maior parte das vezes baseadas essencialmente em crenças e dogmas e muito pouco no estudo e reflexão.

Para atuarmos de forma coerente e rentável é necessário utilizar uma metodologia adequada, há assim que, por exemplo, perceber os fenómenos, saber como atuar sobre eles, definir os meios disponíveis, montar estratégias de atuação, desenvolver as estratégias consideradas mais adaptadas e controlar a sua evolução e aplicação.

Mas haverá disponibilidade para mudar? Ou melhor, será que temos consciência que a mudança é inevitável (há mudanças que já deveriam ter ocorrido há décadas)?

É que se não temos consciência disso... estamos conversados (“tramados”).

“O Vilão espertinho”

(10-02-2013)

Nos mais variados âmbitos de intervenção e áreas profissionais, confunde-se muitas vezes esperteza com inteligência.

A título de exemplo, há algumas pessoas com responsabilidades que são espertas, mesmo muito espertas, só é pena que não sejam inteligentes. Isto é, são “desenrascados”, aprenderam a utilizar um conjunto de técnicas e expedientes, e dão respostas rápidas em algumas situações tipo mais frequentes e o resultado no curto prazo parece garantido. Contudo, quando as coisas se complicam as soluções estandardizadas e as espertezas já não dão resposta, é necessário uma outra abordagem.

O mesmo se passa com os jovens que têm sucesso no Desporto ou na Escola, enquanto lhes basta reproduzir (nos exames e nas competições) o que lhes ensinaram a fazer. Quando passa a ser necessário analisar os problemas, montar estratégias, fazer opções analisando os efeitos colaterais..., já não têm arcaboço para isso. Foram treinados para reproduzir.

Não basta ser esperto, é necessário ser inteligente. Ou seja, é necessário ter uma visão mais ampla, ser capaz de ir ao fundo dos problemas e compreender os processos, construir e esperar para agir,

perceber as funcionalidades e as tendências evolutivas contraditórias que possam existir.

É necessário ser capaz de jogar (no Desporto, na Matemática, no Português, na Biologia, etc.) sentindo o prazer de pesquisar, de descobrir, de evoluir e usufruir do processo e não apenas do resultado final.

É necessário que se assuma que, na Escola e no Desporto, o que está essencialmente em causa não é a transmissão de conhecimentos e técnicas (por muito pertinentes que sejam), mas sim o domínio de uma metodologia e de instrumentos que possibilitem jogar com o conhecimento que todos os dias é produzido a uma velocidade vertiginosa.

Não nos podemos transformar, nem transformar os nossos filhos, alunos e desportistas em “vilões espertanhos” que, do alto da sua ignorância, se acham os reis do mundo.

Já agora, é provável que quem costume pensar “mas se o problema fica resolvido com umas ‘bocas’... para quê preocupar-me”, tenha tendência para “vilão espertanho”.

Soluções e Problemas

(10-03-2013)

Numa sociedade de “pronto a consumir” querem-nos vender a ideia de que, para resolver os problemas, basta importar soluções que já foram aplicadas noutros contextos. Ora o problema é esse mesmo, os

problemas mesmo que pareçam idênticos, são sempre diferentes, de país para país, de região para região, de escola para escola, de clube para clube, de pessoa para pessoa, e até com a própria pessoa em diferentes momentos.

Se as soluções encontradas pelos Finlandeses para a educação estão a dar resultados, é muito provável que cá não deem. Se a forma como o Messi e o Ronaldo resolvem os problemas que se lhes colocam em campo (e fora dele) dão resultado, é provável que não deem resultados para os outros.

Nem os problemas são todos iguais (embora um diagnóstico apressado e superficial o possa indicar), nem as capacidades, competências, meios e tempo disponíveis para dar respostas são idênticos.

É claro que isso não significa que não conheçamos e analisemos os problemas e as soluções que foram encontradas noutros contextos, antes pelo contrário. Contudo, há muita gente (e com responsabilidade) que “fala de ouvido” e impõe soluções ditas milagrosas sem que tenha uma visão de conjunto das implicações centrais e colaterais que as mesmas implicam (seja na economia, na educação, no desporto, na saúde, na justiça, etc.), no fundo, na vida de cada um de nós e até daqueles que ainda não nasceram (há medidas que hipotecam gerações, na educação então ...).

Uma prescrição eficaz só é possível se fizermos um bom diagnóstico dos problemas que interessam e é necessário resolver.

Há aspetos que são fundamentais, por exemplo, não se confundam os sintomas com as causas e não se façam abordagens parcelares sem ter uma visão de conjunto. É que, se continuarmos a arranjar soluções pontuais para atenuar os sintomas, não conseguiremos resolver e tratar as causas ou só o faremos com custos muito superiores aos que teríamos se o fizéssemos no tempo certo.

TODAS AS DECISÕES TÊM CONSEQUÊNCIAS. Será que temos consciência disso?

Porque que é que às vezes as coisas não acontecem?

(12-04-2013)

Entre uma ideia brilhante e os resultados da sua aplicação há uma série de passos. Isto na escola, no desporto, no comércio, na indústria, etc.

Surge uma ideia. Algumas são brilhantes. Mas mesmo estas se ficarem por aqui “morrem”.

Colhe-se informação, verifica-se a viabilidade, concebe-se um projeto. Ainda é só papel ou uma ideia – um desenho ou “o sonho de ir até ao Real Madrid”.

Começa a juntar-se conhecimento, mas é preciso testá-lo – constrói-se um protótipo. Funciona? É preciso mais conhecimento? Correções? Dois, três, n protótipos! São feios, remendados, caros, mas permitem colher dados e criar conhecimento. Vale a pena correr o risco de continuar?

Como produzir? E financiar? Custos? Processos e tecnologias? Mais conhecimento que é necessário, um contexto aberto à inovação, gente competente para todas as áreas necessárias, etc. É possível?

Empreendedores? Parceiros? Mercados? Vendedores e compradores? Que opositores, concorrentes? Obstáculos? Etc...

Se forem ultrapassados os “impedimentos” aqui indicados de uma forma sintética, então sim, os resultados da ideia brilhante podem fazer-se sentir...

No clube – veja-se “O Ronaldo - uns chutos na rua, um sonho - gosto e sou capaz!” Um projeto - o Andorinha/Nacional. Vale a pena? Então - Sporting, Manchester, Real Madrid, de protótipo a produção industrial. Sorte? Não só! Encontrou o seu caminho (por acaso?) e deu todos os passos. Cada pessoa é um caso – um projeto, uma trajetória.

Na escola – na que forma/educa (não na zombie do “come e cala...”, que mata o sonho). Que funções da primária ... à universidade? A mesma sequência – projeto, protótipos, pré-produção, produção.

Há docentes competentes e preocupados – mas a estrutura foi feita para transmitir e reproduzir conhecimento. Que ajuda para encontrar o caminho e definir um trajeto?

Os contextos (família, clube, escola, região, país, etc.) podem ajudar a evoluir ou a matar os percursos. Teremos de depender das “sortes” e “azares” da vida?

Projetar o futuro

(12-05-2013)

No início do mês, numa iniciativa da delegação regional da ordem dos economistas, o Mar foi tema central do turismo na RAM. Já em novembro, numa organização UMa/CNF, o Congresso Internacional Desporto e o Mar tinha focado a atenção na mesma temática. Centrar no Mar o futuro da RAM é óbvio se pensarmos que a Zona Económica Exclusiva terá 446108 km² (a do Continente 327667 km² e a do Açores 948439 km²). Mas não basta dimensão (embora as dimensões alterem muitas coisas), é preciso “desbravar”.

Numa discussão séria (o que é raro), há um conjunto de potencialidades e constrangimentos que é necessário ter em conta.

A título de exemplo, na RAM, temos:

- Condições únicas de proximidade “Mar-Serra” e micro climas muito diversos, que permitem que se minimizem os custos e maximizem os benefícios ao nível dos comportamentos que podem ser solicitados, quer a residentes, quer a turistas;

- Uma Universidade dinâmica e aberta que tem sabido estabelecer e potenciar sinergias com a administração pública, associações, clubes, escolas, autarquias, entidades privadas, etc., e se tem constituído como um polo de desenvolvimento regional;

- Um conjunto de professores, treinadores, dirigentes e outros agentes desportivos, educativos, económicos, etc., que aliam o capital de experiência adquirido a um espírito empreendedor e vontade de inovar ...

Contudo, também é evidente que existem, para além da habitual resistência à mudança e receio do novo, interesses instalados, “ódios de estimação” e “dores de cotovelo” ...

É verdade que é necessário, nesta fase de transição, regularizar algumas das graves disfuncionalidades criadas e não resolvidas, mas é fundamental que, ao mesmo tempo, não fiquemos presos no debate do passado. Há que partir de onde estamos e sermos capazes de projetar o futuro.

O Desporto deve assumir-se como um fator de desenvolvimento regional. Já há propostas em “cima da mesa” que defendem que é possível coordenar e gerar dialéticas com a educação, o turismo, a saúde, a cultura...

Com uma metodologia adequada, é necessário continuar a discutir, refutar, apresentar alternativas, de modo a que se possam tomar decisões que não hipotéquem ainda mais o futuro...

Quem quer partir para o futuro? Quem quer ficar a fazer o papel do “velho do Restelo”?

“Achologia”

(12-06-2013)

Não é de agora que a “achologia” parece estar enraizada e a fazer escola. Cada um tem direito ao seu “eu acho que ...”, independentemente do assunto que esteja em causa e de já ter ou não sobre ele pensado um pouco.

Nada de mal viria ao mundo se tal fosse um exercício que ajudasse à discussão, que contribuísse para que os assuntos fossem analisados e dissecados sem perder a visão de conjunto e permitisse a compreensão das causalidades. Contudo, o normal é que cada um defenda o seu “acho que”, construído a partir do “seu umbigo”, como se fosse uma certeza absoluta, o que não contribui para o diálogo mas sim para que se façam autênticos monólogos sem contraditório.

Este “acho que”, na maioria das vezes, é sustentado por generalizações abusivas e pelo debitar de frases feitas (basta ouvir muitos dos nossos comentadores desportivos e “políticos”), ou então pelo simples “puxar dos galões”.

É assim corrente argumentar que nos Estados Unidos, na Europa, no Continente ... se passa isto e aquilo. Associar atributos ou vícios a determinadas classes profissionais, por exemplo, professores, treinadores, advogados, médicos, jornalistas. Caracterizar as hipotéticas virtudes e defeitos de certas pessoas, etc. Tudo isto sem que percebam (alguns até percebem) que estão a confundir o acontecimento com o processo e que pode existir uma grande diferença entre dados pontuais e tendências.

Há opiniões para todos os gostos e feitios, umas certamente genuínas, umas para acertar contas antigas, outras porventura encomendadas... porém, esta “achologia” sem fundamentação assume contornos dramáticos quando é praticada por aqueles que têm obrigação de tomar decisões com implicações sobre terceiros.

Numa altura de reformas, por exemplo na educação e no desporto, é fundamental que o “acho que” seja sustentado e se compreendam, por exemplo os objetivos visados a médio e longo prazo e as possíveis estratégias alternativas que existam para que sejam alcançados. Acho que se cada um tivesse de assumir a responsabilidade...

Mas será que queremos discutir alternativas ou preferimos comprar soluções miraculosamente já prontas a consumir? O que é que ACHA?

“Consta que ...” versus “Cientificamente provado”
Duas mentiras
(13-07-2013)

Há mais de 20 anos Toffler falava-nos de três fontes radicais de controlo social (poder): violência (músculo), riqueza (dinheiro) e conhecimento (mente). E afirmava que o conhecimento era a de mais alta qualidade, a mais democrática e versátil...

Ora ao nível do conhecimento somos diariamente confrontados, diríamos mesmo condicionados e manipulados (por escolas, universidades, clubes, comunicação social, governo, etc...) entre dois extremos:

1- O discurso do cientificamente provado que nos remete para pseudo verdades e certezas muito pouco científicas, como já demos conta em anterior artigo;

2- O “consta que ...”, que se baseia essencialmente no boato, no alegadamente, no parece que, ou seja, na maior parte das vezes, numa

mão cheia de nada com o objetivo de auto promoção (porque se diz algo que os outros não sabem) ou para denegrir ou enaltecer alguém.

A ciência interpreta, com modelos cada vez mais poderosos. Se provasse... seria um dogma. A verdade absoluta seria imutável, uma vez alcançada parava. Não é isso que se verifica.

O “consta que ...” está de tal maneira enraizado que, muitas vezes de forma impensada, somos o seu principal sustento e fonte de disseminação. Basta que nos lembremos de alguns dos emails que reenviamos, das conversas que fazemos. O requinte chega ao ponto de muitas vezes se dizer: “eu não acredito, mas parece que ...”. Ou seja, lança a farpa mas desculpabilizo-me ao mesmo tempo. É uma espécie de gosto perverso em dizer algo, misturado com um toque de consciência ou com um lavar de mãos para não ser responsabilizado.

Ora a escola e o clube, como meios privilegiados de educação (de transformação do jovem) não podem alinhar no “consta que ...” nem nas verdades absolutas do “cientificamente provado”. Pelo contrário deverão promover o sentido crítico, a análise das situações, o domínio de metodologias e instrumentos ... Contudo, para que isso seja possível não podemos continuar centrados na transmissão do conhecimento e “nas ditas formas certas de fazer as coisas”.

No fundo, há muitas maneiras de ser desonesto, o “consta que...” e o “está cientificamente provado” são duas delas.

Dez minutos por dia

(13-08-2013)

Somos constantemente bombardeados com a promessa de dez minutos milagrosos. Dez minutos por dia para perder a barriga ou ter peitorais de aço, dez minutos para meditar e evitar uma depressão, dez minutos à hora de deitar para ler uma história aos filhos e reforçar os laços para a vida, dez minutos para rir e aumentar a produtividade no trabalho, dez minutos para ...

Sendo que estes dez minutos muitas vezes, na cabeça das pessoas, se assumem como uma espécie de absolvição de todas as asneiras que possam ter feito nos restantes 1430 minutos do dia. No fundo podemos pecar todo o dia que naqueles dez minutos dissipamos tudo o que possa ter efeitos nefastos.

Mas dez minutos não podem ser muito importantes? Claro que podem. A título de exemplo, se um aluno ou desportista estudar/treinar melhor (e não apenas mais) dez minutos por dia que outro colega isso significa que numa semana estudou/treinou melhor setenta minutos, ao fim de um mês aproximadamente 300 minutos (5h), num ano ... em dez anos ...

Porém, para que uns simples dez minutos se possam assumir como relevantes tem de existir uma coerência de conjunto em todo processo e não a aposta em acontecimentos isolados.

Efetivamente, se existem áreas onde o efeito cumulativo de tudo o que se faz (ou deixa de fazer) assume uma relevância acrescida elas são

a “educação e o desporto”. Mas para que esse efeito cumulativo de dez minutos seja rentabilizado é necessário que os estímulos sejam relevantes (não estamos a falar apenas do “fisiológico”) de modo a levarem a adaptações e posteriormente a transformações no indivíduo ou indivíduos envolvidos.

A personalização do processo pedagógico na escola e no clube é um elemento chave em toda esta dinâmica. Contudo, na maioria das vezes preferimos, num “espírito de carneirada”, ir atrás daquilo que nos é apresentado com um rótulo dourado e não questionamos a substância...

É sintomático que, por vezes, seja difícil arranjar dez minutos para analisar onde podemos rentabilizar melhor o nosso dia a dia... e outras vezes nem sequer pensemos nisso...

Regras e Normas

(11-09-2013)

As regras e as normas são instrumentos de gestão que devem ser utilizadas em função das intencionalidades pretendidas e não perpetuar-se acefalamente em função de crenças, tradições ou caprichos. As regras e as normas condicionam os comportamentos que são solicitados, potenciam uns em detrimento de outros, por vezes proíbem, outras vezes impõem.

Numa altura em que se inicia mais um ano letivo e uma nova época desportiva é conveniente (caso se procure rentabilizar os processos) que pais, professores, treinadores e demais implicados no processo

educativo (tanto quanto possível de forma articulada), voltem a refletir se as regras e normas que utilizam (em casa, na escola ou no clube) são as mais adequadas para promover os comportamentos que querem solicitar aos seus filhos, alunos, desportistas.

Não basta plasmar em “projetos educativos” e fazer declarações de intenções que se pretende desenvolver a criatividade, o espírito crítico, a autonomia, a capacidade de adaptação a novos contextos e em situações críticas, o espírito de sacrifício, o trabalho em grupo, etc., é necessário que as regras e normas que “impomos” o permitam e potenciem.

Por vezes (demasiadas vezes), mesmo que involuntariamente (o que não pode servir de desculpa), o que se passa é que as regras e normas têm tendências evolutivas contraditórias, chegando mesmo a potenciar comportamentos completamente opostos aos que dizemos querer solicitar e induzir.

Mas sabemos de facto qual o efeito das regras e normas ou só as usamos porque “no nosso tempo era assim”? As condições que hoje temos são as “do nosso tempo”?

Não é uma tarefa fácil, mas já existem conhecimentos e meios disponíveis que permitem rentabilizar o processo pedagógico tendo em conta a coerência do todo e não apenas intervindo mais ou menos isoladamente em algumas das suas partes.

É claro que podemos sempre optar por utilizar as regras e normas como simples meios de imposição e repressão. Aparentemente a nossa

função de pais, professores e treinadores, no curto prazo, parece ficar simplificada...

“Preparar para a imprevisibilidade”

(11-10-2013)

O mundo mudou e continua a mudar, tal como tem acontecido ao longo dos tempos. Só que hoje isso acontece a uma velocidade vertiginosa, obrigando a adaptações constantes aos mais diferentes níveis e âmbitos de intervenção.

Contudo, instituições com obrigações formativas (escolas, universidades, clubes...) continuam, na esmagadora maioria dos casos, a preparar para o passado. Estão enleadas em teias burocrático-administrativas inibidoras e castradoras... impostas por decisores (?), ou melhor, por burocratas que se julgam iluminados por uma espécie de mandato divino, com ideias feitas e “crenças saudosistas”, onde a transmissão do conhecimento, a memorização e a repetição acéfala de padrões pré-estabelecidos e estereótipos assumem um papel central.

Desenvolver o espírito crítico, a curiosidade e a pesquisa, a capacidade de adaptação a diferentes contextos, a tomada de decisão, etc. parece não ser uma preocupação, ou melhor só é uma preocupação ao “nível legislativo”. Veja-se por exemplo o tipo de avaliação que generalizadamente é feito na escola e na universidade, como são seriados os candidatos ao ensino superior, como é feita a seleção e progressão na carreira dos professores (da “pré-primária à universidade”)...

Culpar apenas quem está ao nível das macro decisões, pelas disfuncionalidades existentes, não só é simplista como perigoso. Em Nuremberga muitos foram condenados à morte apesar de dizerem que apenas cumpriam ordens.

Cada um, independentemente do nível em que estiver na “cadeia de decisão”, do processo pedagógico (seja, por exemplo, na família, na escola ou no clube), tem margem de manobra para modificar alguma coisa.

O Desporto, pelos princípios ativos que possui, pelos comportamentos que solicita, pela imprevisibilidade inerente ao comportamento dos desportistas, pela relevância social que tem, pode assumir-se como um polo dinamizador da rotura com um processo pedagógico que não aguenta mais remendos. Assim o saibamos e queiramos utilizar de forma adequada...

Mas queremos mesmo? E somos capazes de nos divertir a fazê-lo? Ou preferimos viver (?), como pobres diabos sem vida própria, através dos golos do Ronaldo e dos discursos do Jesus (o do Benfica)?

Um Mar de oportunidades

(10-11-2013)

O Mar tem um enorme potencial e oferece-nos um grande leque de oportunidades. Contudo, como foi sobejamente realçado no II Congresso Internacional “ O Desporto e o Mar”, uma organização conjunta do Clube Naval do Funchal e da Universidade da Madeira, que

decorreu no início deste mês, pode afirmar-se que, ao contrário de um passado longínquo, estamos de “costas voltadas” para o Mar.

É que não basta saber que existe Mar, não basta estar informado, ter alguns conhecimentos, é necessário compreender as suas potencialidades e como podem ser utilizadas e potenciadas.

Um dos principais constrangimentos é a falta “de cultura marítima” que Portugal continua a demonstrar.

Ora, a Escola pode ser uma estrutura de suporte (parte integrante do tal cluster do Mar) que combata e inverta essa tendência. Sendo que, o Mar, por outro lado, enquanto instrumento, pode e deve ser potenciador da rotura no processo pedagógico. Isto porque o Mar sempre exigiu pensamento prospetivo, planeamento, adaptação permanente, etc. que são competências que a Escola deve desenvolver e potenciar.

É preciso que o aluno não se limite a decorar e reproduzir “truques”, mas sim que se adapte com sentido crítico...Ou seja, que tenha consciência do que está a fazer, levante hipóteses, faça escolhas, monte estratégias, experimente e analise os resultados das opções feitas e dos processos de implementação utilizados ...

Talvez assim se consiga mudar a tendência da Madeira ser encarada essencialmente como um local contemplativo (tempo, beleza natural, simpatia das pessoas, segurança). A Madeira tem de ser vivida ... havendo por isso que despertar nos turistas (e nos residentes) a

“vontade de voltar” para responder aos desafios que ficaram por alcançar/cumprir.

A Escola pode e deve ter um papel na construção desses desafios e nessa vontade (necessidade) de criar e responder a desafios.

Não é deixar de educar mas fazer uma educação como deve ser.

O Mar é uma ferramenta, tal como a Serra, mas ferramenta na caixa não faz obra. Usemos estas ferramentas para produzir no turismo, no processo pedagógico...no futuro.

Infelizmente continua a existir uma grande diferença entre o Discurso e o Percurso.

O Desporto - uma ferramenta poderosa

(10-12-2013)

O Desporto é uma ferramenta poderosa – mas quem utiliza uma ferramenta tem que lhe dar um sentido, uma intencionalidade e um objetivo, para além de compreender as potencialidades que ela tem e ter a destreza para a utilizar – ou então a obra ...é lixo e perda de tempo.

Como fator de Desenvolvimento Regional a ferramenta Desporto põe, portanto, exigências que têm que ser cumpridas. Repetimos – um sentido, uma intencionalidade, um objetivo e a compreensão das suas potencialidades.

Deixemos o “nacional porreirismo”, as “boas intenções” e o “serem boas pessoas” para ir “beber uns copos”, o que “também é bom para o

turismo” (tem mais consumidores). São necessárias respostas que utilizem as capacidades e potencialidades existentes. Dessa forma, na atual conjuntura, a título de exemplo, uma possível resposta ao problema que se vive pode passar por:

1. Manter o paciente (Desporto) ‘ligado à máquina’ enquanto se definem alternativas, pois trabalhar a sério implica planear e projetar e isto não se faz de improviso. Leva algum tempo. Teremos, assim, um plano cauteloso de curto/médio prazo (um/dois anos) em que os escassos recursos existentes (públicos e privados) devem ser otimizados de forma que não se deixe “morrer o doente”.
2. A constituição de uma equipa de trabalho (não mais uma comissão de estudo...), com um caderno de encargos, um prazo para entregar respostas e parâmetros enquadramentos da política regional bem definidos. Tudo claro e público. Não só para que haja responsabilidades, mas também para que possa existir colaboração/participação de todos os que queiram contribuir.

Vivemos um período de roturas que permitem reformular estratégias e formas de agir para que seja possível responder de forma eficiente aos problemas e capacidades de um mundo que se transforma de forma violenta e que oferece potencialidades com que nem sonharíamos há pouco tempo.

Seremos (eu, tu, ele, nós...) competentes para fazer a rotura que se exige, respeitando o passado, dando resposta ao presente, sem hipotecar o futuro.

“Os Iluminados”

(13-01-2014)

Seja no âmbito pessoal ou profissional o mais normal é que ao longo da nossa vida (da escola primária à universidade, da família ao grupo de amigos, do emprego às atividades de lazer, ou mesmo através dos órgãos de comunicação social) já tenhamos conhecido, contactado ou mesmo convivido com algum “Iluminado”.

Ou seja, com alguém que age como se possuísse uma superioridade intelectual em relação a tudo e todos, como se fosse o único (ou um dos poucos) que pensa, que tem visão, que sabe o caminho a seguir, que age como se não existissem alternativas à sua opinião, que julga que nasceu para liderar e ser seguido, que possui como que um mandato divino para decidir e iluminar o caminho de toda a gente...

Evidentemente existem em vários formatos e graus. Desde os que despudoradamente agem dessa forma até aos que assim pensam mas de forma envergonhada só saindo da casca quando ganham (ou lhes oferecem) alguns galões ou cargo (independentemente do seu grau de importância, pois até podem ser “os chefes máximos do pessoal mínimo”).

Normalmente estes “Iluminados” falam muito e ouvem e escutam muito pouco, sendo que, por um lado, gostam de se rodear de

bajuladores acéfalos ou interesseiros e por outro lado, consideram qualquer opinião contrária à sua como sendo uma afronta ou uma conspiração ...

Com um sistema educativo que não procura desenvolver as capacidades e potencialidades de cada um, que não estimula o espírito crítico, a criatividade e a autonomia, mas antes pelo contrário continua a exigir a memorização e reprodução padronizada ... é muito natural que os “Iluminados” continuem a florescer e se julguem detentores de grande poder.

Porém é conveniente não esquecer que a vida tem múltiplas facetas, que todas as pessoas possuem mais-valias que podem ser potenciadas e que não há legitimidade para tratar tudo e todos como meros números e “massas orgânicas”, dispensáveis e descartáveis ao sabor de interesses pontuais e conjunturais. Por vezes, para alguns “Iluminados”, até parece que é uma maçada que as pessoas estejam vivas ou vivam tanto tempo, só estorvam as suas ideias e propostas luminosas...

Contudo, em termos de poder, é necessário lembrar que ele pode assumir várias *nuances*, por exemplo, todos sabemos que em certas circunstâncias quem tem verdadeiro poder é quem tem a chave da casa de banho ...

Talento versus Trabalho

(10-02-2014)

Há algumas semanas, a propósito da morte de Eusébio e da Bola de Ouro atribuída a Ronaldo, recordou-se que para além do enorme

talento, tinham outras particularidades que os distinguiam da maioria: a dedicação, a capacidade de trabalho e o compromisso com a profissão ..., sendo do conhecimento geral que quer um quer outro, não só se empenhavam totalmente em cada treino, como muitas vezes ficavam por sua iniciativa a treinar (nomeadamente a marcação de livres) quando todos os outros já tinham ido para os balneários e até para casa.

Contudo, quando num programa televisivo tal era recordado, um dos doutos presentes sai-se com uma pérola do género: “mas não acham que ao realçarmos que eles treinavam mais que os outros estamos a diminuir os seus méritos?”

Não se espante caro leitor pois este tipo de raciocínio, em que parece que o esforço e o trabalho são sacrilégio, não só é mais comum do que se pode julgar, como muitas vezes está enraizado em muitos de nós sem que disso por vezes tenhamos consciência.

A título de exemplo, basta pensar:

- Nos miúdos na escola que se gabam de ter boas notas estudando pouco ou copiando e onde o que assume que estuda e se esforça é muitas vezes apelidado de “cromo” ou de “totó” (embora em abono da verdade quem tenha pachorra para estudar certas coisas que lhe querem impingir ...).

- No treinador que coloca a jogar o jovem que faltou aos treinos sem justificação válida e que não se esforça (mas cujo “talento” lhe permite ter prestações melhores) e relega para o banco ou nem sequer convoca

o que foi a todos os treinos e se esforçou em função das solicitações que lhe foram feitas...

- No que faz o mais pacato e honrado cidadão quando vê uma possibilidade de ganhar dinheiro fácil (mesmo sabendo que o que ganhar é função daquilo que outros vão perder) ...

No fundo, todos conhecemos as promessas precoces (na voz dos pais, treinadores, professores ...), ou seja, os sobredotados da escola, da família ou do “bairro”. Aliás em “cada esquina” parece existir um potencial Einstein ou um Ronaldo.

Todavia, em abono da verdade, a questão central não deve ser colocada no Talento versus Trabalho. O que é central é que Educar (no clube, na escola, em casa, etc.) é, ou deveria ser, desenvolver as capacidades e potencialidades de cada indivíduo, sejam elas quais forem. Educar o exercício do talento, isto é trabalhar bem. E se cada um trabalhar mesmo bem os seus talentos (todos temos alguns talentos frutuoso) teremos de facto um mundo muito melhor.

Desporto e Ciência

(10-03-2014)

Existirá, ainda, alguém que não tenha reparado que o conhecimento mudou profundamente (na qualidade que apresenta, no seu aumento explosivo, na disponibilidade com que a ele podemos aceder)? No computador, na net, nas revistas, nos livros e em tantos outros suportes a informação abunda, os saberes ‘entram-nos pelos olhos, ouvidos, pele...’, as novidades ‘afogam-nos’.

E no entanto alguns defendem, ainda, visões maniqueístas onde confrontam posições que são afinal complementares. Mas, claro, tudo depende do ponto de vista de quem olha, como tudo, aliás. O que não quer dizer que tudo pode ser como nós vemos e, ainda menos, como nos dá jeito e nos convém.

Veja-se, por exemplo, no desporto. Parece evidente que muitos dos ditos teóricos se dedicam a ‘brincar com alguns instrumentos’ para ‘descobrir aquilo que toda a gente já sabe’ e a publicar ‘coisas’ que apenas são lidas pelos pares e servem principalmente para a sua progressão na carreira académica no ensino superior (mas não só). Por outro lado, muitos dos ditos práticos, vivem à sombra de um passado de desportistas, mesmo que apenas tenham sido ‘campeões do bairro’ (e não só no desporto – até os pais com o ‘no meu tempo’), limitando-se essencialmente a obrigar os outros a reproduzir as suas vivências, proclamando em alto e bom som que já está tudo inventado e o que interessa é não complicar, afirmando inclusive, de forma eloquente, que o ‘apoio laboratorial não ganha jogos e não marca golos’.

A questão central não deve ser alimentar este tipo de discussão (felizmente há cada vez mais profissionais que não embarcam neste ‘tipo de jogo’), mas sim saber como é que o exponencial aumento de conhecimento e de meios, dos últimos anos, ajudou ou pode ajudar a rentabilização da prática desportiva, seja ela de âmbito federado ou não.

As Análises Clínicas, a TAC, a Ecografia ... não curam o doente. Contudo, podem aumentar a precisão com que se faz o diagnóstico e o

controlo do processo de modo a que a prescrição possa ser a mais adequada e personalizada possível.

Porém, não basta utilizar apoio laboratorial, é necessário que o mesmo meça as variáveis que são importantes, use os indicadores relevantes e que quem as vai utilizar as saiba analisar e integrar no complexo processo de tomada de decisão. Caso contrário é não só um desperdício (tempo, dinheiro, ...) como uma espécie de publicidade enganosa em que só se utilizam alguns instrumentos, testes, etc. para não ficar atrás daquilo que outros fazem (ou dizem fazer).

Caso queira confirmar ou refutar o que aqui dizemos tem uma boa oportunidade de o fazer participando no Seminário Desporto e Ciência, organizado anualmente pela UMA, que este ano decorrerá nos dias 14 e 15 de março, no Auditório da Reitoria.

Os pais e o processo pedagógico

(11-04-2014)

Afinal parece que não são só os generais que se preparam sempre para a guerra anterior. O mundo mudou muito nas últimas dezenas de anos, mas o que é que mudou ao nível da função dos pais? A ação dos pais no processo educativo e formativo dos filhos não pode ser como ‘no meu tempo’ (frase que enfureceu tantos dos pais atuais quando eram filhos) nem, o que no fundo vai dar ao mesmo, um desequilíbrio com consequências, graves por vezes, na vida dos filhos, “agora faço o contrário do que no tempo dos meus pais”.

Os pais são um elemento estruturante do processo pedagógico, seja por ação ou por omissão. A família como agregado é uma instituição e como todas as instituições tem de se adaptar às mudanças, não em resposta atrasada aos problemas que vão surgindo, mas por antecipação, com uma capacidade de antecipar os problemas e mesmo de prever para prover.

O apoio que não tolhe e permite o atrevimento da experiência é, também, uma função dos pais, sobretudo até numa altura como a que hoje vivemos em que a maioria das instituições, da UE ao país, da escola ao clube, da segurança à justiça, parecem ter perdido o rumo e estar desorientadas sobre as funções que devem exercer e os caminhos que devem seguir.

A título de exemplo, no que se refere ao ‘acompanhamento’ dos filhos ao nível Escolar e Desportivo, podemos dizer que normalmente o perfil se situa entre dois extremos: pais ausentes e pais demasiado presentes.

Ausentes no sentido de ficarem indiferentes perante as dificuldades, a evolução, o insucesso e o sucesso dos seus filhos. Por vezes até estão fisicamente presentes mas é como se não estivessem ...

Por outro lado, há aqueles que têm um comportamento sufocante, têm de saber todos os pormenores do que se passa na escola, estudam sempre com eles, estão em todos os treinos, são eles que vivem com mais intensidade a vida dos filhos. Se pudessem faziam os testes e exames e competiam no seu lugar. Contudo é necessário não esquecer

que o desporto e a escola são espaços distintos e exigem cuidados e acompanhamentos específicos. Basta ver algumas tristes figuras que são feitas nos recintos desportivos deste país ... para compreender um pouco o que afirmamos.

É evidente que cada caso é um caso e que mesmo os comportamentos ‘mais radicais’ podem ter uma justificação e serem os mais adequados a cada situação. Porém, na maioria das vezes o problema é que se tratam de comportamentos que não têm em conta as implicações futuras na transformação dos jovens. E cada idade necessita do seu pai e da sua mãe. Mesmo quando num ‘rancho’ de filhos com idades e necessidades tão diferentes cada um precisa de coisas ‘à sua medida’.

Os pais não são nem camaradas, nem irmãos, nem opositores, nem cúmplices... são pais.

É muito difícil ser uma mãe ou um pai e por isso são tão importantes.

No meu tempo ...

(10-05-2014)

O mundo mudou, as pessoas também. Contudo, muitos não só continuam agarrados ao passado, como também nos querem lá fazer regressar. Fazem uns embrulhos bonitos, utilizam falinhas mansas e demagógicas apelando à natural nostalgia que alguns (compreensivelmente diga-se) sentem do seu tempo.

A título de exemplo, é normal ouvirmos que a antiga instrução primária é que era boa. Ou seja, é um claro indicador que não se pensa fazer uma rotura no processo pedagógico de forma a que a educação seja o desenvolvimento das capacidades e potencialidades de cada um, nomeadamente, desenvolvendo o espírito crítico (credo que blasfémia!), a autonomia, a criatividade, a capacidade de adaptação e a montagem de estratégias (tudo modernices). O que parece ser desejado e necessário (para acabar com as atuais disfuncionalidades e trapalhadas em que se transformou o atual sistema educativo) é o regresso ao passado e ensinar a ler, escrever, contar e ter orgulho na pátria (mesmo que tudo isto seja feito de forma muito encapotada, repetimos).

É normal que cada um de nós olhe para o seu passado e lhe atribua a razão de ser daquilo que hoje é. Trata-se de um processo típico de solicitação-adaptação-transformação.

Assim, por um lado, há aqueles que recordam que começaram a trabalhar aos 10 anos e só ao domingo é que descansavam, ou melhor iam à missa de manhã e passeavam no jardim público da parte da tarde. Por outro lado, outros enaltecem os três meses de “férias grandes” em que construíam os próprios brinquedos, jogavam e se divertiam até que o corpo deixasse ou os pais chamassem, etc.

Mas o tempo não volta para trás, por mais que o queiramos, os tempos são outros, as solicitações são diferentes, os problemas a que temos de dar resposta são de outra natureza e complexidade. Querer

voltar ao passado é o mesmo que querer continuar a utilizar os carros de hoje mas nas estradas de há 50 anos.

Mas o que é um tempo? Já pensou que quando não tem mesmo nada que fazer ou tem de aturar uma maçada, cinco minutos nunca mais passam e quando está divertido ou entusiasmado, uma hora passa num instante? Mais do que um relógio, cada um de nós é a medida do seu tempo. O tempo depende do contexto e nesse contexto podemos mexer. Mas antes de mais temos de saber o que queremos e ter o sentido crítico necessário para sabermos também o que não queremos. Mas há quem se sente e fique à espera que o “tempo” lhe caia em cima. E depois ainda se queixam.

Está tudo a andar, a vida é um jogo permanente nas pessoas, nas instituições, na sociedade. Temos de saber jogar, ter prazer em jogar.

É bom que não se renegue o passado, mas também não podemos querer voltar para trás só porque somos ignorantes (se não conhecermos as potencialidades que hoje existem), incompetentes (se as conhecemos mas não as sabemos utilizar e desenvolver) ou desonestos (se as conhecemos, se as sabemos desenvolver, mas não o fazemos).

Coordenar capacidades e potencialidades

(10-06-2014)

Por esta altura andamos muito entretidos a “mandar palpites” sobre se o Ronaldo vai jogar ou não, se estará a 100% ... Podemos até conjeturar se esta ‘paragem’ não será benéfica, por exemplo, se ele não

estiver em condições de explorar os limites de algumas das variáveis (como a velocidade) se isso não o levará a privilegiar outras, como criar e aproveitar janelas de oportunidade para passar a bola a colegas que estejam melhor colocados...

É evidente que a presença em campo de um jogador como o Ronaldo se reflete, de forma significativa, nas dinâmicas do jogo pois, por exemplo, condiciona a estratégia e a tática das duas equipas.

Ora, no treino de uma Seleção o que é fundamental é coordenar, gerir variáveis com tendências evolutivas contraditórias, procurando encontrar os equilíbrios mais favoráveis entre as diferentes capacidades e potencialidades de cada um dos jogadores.

Neste caso o treino serve para criar e desenvolver coordenações, não para ensinar os jogadores a passar e rematar, etc. Contudo, não nos podemos esquecer que as capacidades e potencialidades dos jogadores são aquelas que eles apresentam no momento e não aquelas que já deram mostras noutras alturas da época.

Como bem sabemos (mas muitas vezes esquecemos), não se pode pedir aquilo que as pessoas não têm condições para dar nem aquilo que não trabalhámos (solicitámos).

No processo de treino é necessário alargar os limites (mínimos e máximos), porque quando não solicitamos alguns limites perdemos capacidade de adaptação e não evoluímos.

O problema da adaptação (não é só no desporto) começa na formação, até porque depois pode ser mais difícil de conseguir e podem existir disfuncionalidades (inaptações), inclusive algumas resultantes de resistências a novos processos e solicitações.

É assim necessário que se conheça qual é a capacidade de adaptação que cada um tem. Temos de saber o que queremos solicitar e qual a posologia mais adequada a cada um para que as adaptações sejam as mais rentáveis, em função dos objetivos visados.

Para que se obtenham as rentabilidades máximas é necessário que se faça uma coordenação adequada.

Há uma boa parte deste tipo de processo que pode e deve ser explicada ao público em geral (não é segredo de estado). Cabendo ao treinador, ou a quem na estrutura possa ter esse tipo de funções e competências, fazê-lo.

Mas afinal os espectadores querem compreender as dinâmicas a partir de uma informação sobre os funcionamentos ou pretendem só olhar para os músculos do Ronaldo e ouvir umas tricas e alguns ‘fait divers’?

Expetativas e Frustrações

(10-07-2014)

Dois factos marcaram os últimos tempos:

1. O Campeonato do Mundo de futebol;

2. A contagem decrescente para os alunos do secundário saberem os resultados dos famigerados exames.

Altura, portanto, de grandes expectativas e, por vezes, de enormes frustrações.

Nada de novo, quando se tem da vida uma visão de “oito ou de oitenta”, quando os sonhos passam automaticamente a expectativas, sem que se tenha em conta as reais capacidades e potencialidades dos indivíduos, das equipas e das organizações. Sem que se tenha definido objetivos claros e feito um planeamento passível de ser controlado.

No fundo, sem que se tenha utilizado, ao nível da macro e da micro gestão, o conhecimento e os meios hoje existentes para tomar decisões adequadas, fruto de um permanente processo de diagnóstico, prescrição e controlo.

Há que saber definir cenários e, para cada um, equacionar que condições são necessárias para os concretizar. É muito provável que cheguemos à conclusão que, para muitos deles, apesar de eventualmente serem os mais desejados, ainda não existem condições, nem é possível criá-las em tempo útil, e por isso terão de ser preteridos, temporária ou definitivamente.

Para que exista evolução é necessário trabalhar nos limites, ter objetivos ambiciosos e não ficar permanentemente na nossa zona de conforto.

É necessário correr riscos, não ter medo de experimentar e assumir que é perfeitamente natural que por vezes não consigamos alcançar os objetivos a que nos propusemos. Mas para que isto venha a ser uma realidade temos de ter um outro processo pedagógico, uma outra escola, um outro desporto.

Será que aqueles que estiveram implicados no processo de preparação da nossa seleção para o campeonato do mundo e os alunos, pais, professores, escolas, ministério, etc. implicados no processo de exames e de acesso ao ensino superior fizeram o que estava ao seu alcance para que existisse sucesso?

Mas o que é ter sucesso? É ganhar o mundial? Ter uma nota elevada? Entrar na universidade?

Será isto o mais importante na vida das pessoas e das sociedades? Ajudará a melhorar a qualidade de vida individual e coletiva no curto, médio e longo prazo? Que projetos de vida?

Tudo dependerá da capacidade e competência não só para aproveitar as oportunidades que surgem depois dos sucessos (ou insucessos), mas essencialmente da capacidade de ter uma visão prospetiva tendo em conta os processos e as suas interdependências, ou seja, que não trate pontualmente e casuisticamente cada evento e momento da vida das pessoas.

Entretanto podemos continuar comodamente na expectativa de que nos saia o Euromilhões mesmo sem registar o boletim.

“Des-confianças...”

(09-08-2014)

Parece que meio mundo desconfia do outro meio mundo. Desconfia-se dos professores e das escolas e das universidades, dos clubes e dos treinadores e dos jogadores, dos tribunais e dos juízes e dos advogados, dos hospitais e dos médicos e dos enfermeiros, das oficinas e dos mecânicos, dos empreiteiros e dos mestres e dos trolhas, dos bancos e dos “banqueiros”, dos órgãos de comunicação social e dos jornalistas, dos partidos e dos políticos, etc., no fundo desconfia-se de tudo o mexa e mesmo do que não mexe.

Mas há ou não razões para desconfiar? Será um fenómeno recente ou houve alturas em que tal não acontecia? Será que a partir de alguns casos particulares em que os processos foram pouco transparentes e os intervenientes “contornaram a lei, a ética e a deontologia profissional” se generalizou e no fundo confunde-se a árvore com a floresta?

Certamente que cada um, em função dos seus conhecimentos e das suas vivências, terá uma resposta que muito provavelmente considera indiscutível.

Mas porque é que isto acontece?

Certamente não serão razões pontuais porque o problema é geral e está em todo o lado.

A causa profunda não estará num processo pedagógico (na escola, no clube, na comunicação social, etc.) que privilegia a capacidade de reproduzir conhecimentos (ou só informação?), fazendo dos alunos, em

todos os âmbitos, ‘fotocopiadoras’ da matéria do exame? Num mundo em que o saber pode ser acedido de milhares de formas e maneiras e é cada vez mais amplo e mais poderoso, potenciado pela pressão de meios cada vez mais influentes?

Conhecimento, informação, saber, sabedoria são tudo coisas diferentes, note-se.

Sem um sentido crítico apurado e seletivo a riqueza do conhecimento pode tornar-se um risco e um perigo. E, claro, não defendemos a ignorância.

Certamente que num quadro destes é fácil vender e promover idolatria a partir de alguns sinais exteriores de “sucesso”, mesmo desconhecendo em absoluto quais os seus alicerces.

Não aprendemos mesmo depois de sermos confrontados com alguns “ídolos com pés de barro”, por exemplo banqueiros que afinal manipulavam as contas, campeões apanhados nas malhas do doping, “equipas e dirigentes de sonho” que viciavam os resultados, etc., continuamos alegremente a assobiar para o lado passando rapidamente a venerar novos personagens.

As únicas alternativas não são idolatrar ou denegrir, é necessário desenvolver a capacidade de compreender os fenómenos, analisando processos e não apenas acontecimentos. Não podemos continuar a valorizar mais o embrulho do que o conteúdo.

Novas etapas ... velhos problemas

(09-09-2014)

Muitas crianças e jovens iniciam agora uma nova etapa na sua vida. Mudam de escola/clube, de professores/treinadores, alteram horários e rotinas, alguns até mudam de cidade e deixam de viver na zona de conforto dos pais. Para muitos serão mudanças que provavelmente recordarão para o resto da vida. Mas será que no essencial as mudanças serão assim tão significativas? Será que não continuarão sufocados num sistema (educativo, desportivo, social, cultural, ...) que lhes limita a criatividade, a autonomia, o espírito crítico, ...? Não continuarão a exigir-lhes que sejam essencialmente recetores (autenticas esponjas) e a tentar reproduzir aquilo que alguns iluminados foram buscar ao ‘tempo deles’ e entendem ser “obrigatório ensinar”?

Contudo, apesar do sistema ser fortemente castrador de personalidades e das capacidades e potencialidades de cada um, é claro que não é indiferente ter um ou outro professor/treinador, estar numa escola ou noutra, num clube ou noutro, ir para uma universidade ou para outra, ter uns pais ou outros...

Mais tarde é normal reconhecemos que houve pessoas, instituições, situações, que nos marcaram mais que outras (nem todas pelas melhores razões).

É provável que recordemos alguns professores/treinadores por serem “boas pessoas” mas enquanto professores/treinadores deixarem muito a desejar ..., outros por “perceberem muito da matéria” mas na

dimensão humana serem uns autênticos ditadores ou “bichos do mato”

...

Ora a questão não deve ser colocada nesses termos, uma vez que o professor/treinador ou é ou não é competente. Ou seja, consegue ou não consegue rentabilizar o processo pedagógico (e o custo da mudança) desenvolvendo as capacidades e potencialidades de cada um. O que está em causa é se o professor/treinador (ou qualquer outro interveniente no processo pedagógico - não esqueçamos a comunicação social e tantos outros) consegue ou não levar o aluno/desportista aos seus limites, solicitando os comportamentos (com a posologia adequada) que promovam adaptações e conseqüentemente as transformações que se pretendam em cada um - na formação de uma pessoa.

A grande questão é saber gerir os equilíbrios para que possa existir rentabilidade dos processos. Não queiram uniformizar e padronizar escolas, universidades, clubes, aulas, treinos, relações humanas ...

Um dos grandes desafios que continuamos a ter pela frente enquanto sociedade é fazer uma rotura no processo pedagógico. Mas não se pense que para fazer uma rotura se tem de mudar tudo - por vezes “basta” que cada um deixe cair as suas certezas, tenha abertura para verdadeiramente ouvir e discutir outras alternativas e perspetivas - definido assim o seu caminho e objetivos visados.

“Desenrascanços...”

(10-10-2014)

O desenrascanço é referenciado como uma das principais virtudes dos portugueses. É normalmente visto como uma espécie de capacidade inata de resolver problemas com escassos meios e “em cima da hora”. O mestre do desenrascanço é, muitas vezes, encarado e idolatrado como um salvador, um verdadeiro herói do pronto-socorro. Seja no seio da família, na escola, no desporto, nos negócios, em viagem, etc.

O que muitas vezes, demasiadas vezes, não se questiona, é se poderíamos ter feito algo que evitasse a necessidade de um desenrascanço. Será que a maioria dessas situações acontecem porque não houve uma visão estratégica e um planeamento adequado e atempado? Porque não se analisaram suficientemente bem as situações e as suas implicações? Porque não se equacionaram e tiveram em conta diferentes cenários e não se estudaram e treinaram, de forma adequada, diferentes possibilidades de resposta?...

É evidente que, por melhor que se planeie, não se pode controlar tudo, há sempre espaço e tempo para a imprevisibilidade (que também se planeia). Contudo, quanto melhor nos prepararmos, mais probabilidades teremos de ter sucesso sem ser necessário depender da sorte ou de um salvador de última hora.

Veja-se como a linha entre o desenrascanço e o expediente, que subverte a lógica dos processos, é muito ténue.

Não é, assim, de estranhar que, desde muito cedo (na escola, no desporto, no grupo de amigos, ...), comecem a despontar verdadeiros mestres da manipulação e da vigarice, alimentados por um contexto permissivo, que não valoriza o esforço e não premeia o mérito, que não estimula a realização de obra útil mas sim a encenação e o trabalhar “para a fotografia”. Sendo por isso natural que, mais tarde, uns se transformem no típico “chico-esperto”, enquanto outros se aprimorem e transformem em autênticos “bandidos” (alguns com colarinho branco) que irão influenciar, de forma significativa, a nossa qualidade de vida individual e coletiva.

É conveniente que quem tem responsabilidades no processo pedagógico (pais, professores, treinadores, jornalistas, dirigentes, políticos, ...) não esconda a cabeça na areia, se deixe de endeusamentos e se preocupe mais com a produtividade e o rendimento (não só a nível financeiro) que é obtido em função dos investimentos feitos.

Não pode valer tudo para alcançar os objetivos. Até porque, se forem ultrapassados certos limites, dificilmente se poderá voltar para trás sem que existam elevados custos.

Porque será que ciclicamente estamos de tal forma aflitos que não há desenrascanço possível? Será a nossa sina ou será porque não aprendemos e continuamos a cometer os mesmos erros e a fazer as mesmas asneiras?

Educar para a impunidade?

(11-11-2014)

A impunidade que grassa nos mais variados âmbitos e contextos é um potencial foco de disfuncionalidade, nomeadamente de desregulação social.

A noção de impunidade que muitos sentem e interiorizam, normalmente expressa-se entre dois extremos: 1- Os que, pela calada, de forma dissimulada, lá vão fazendo as mais variadas tropelias; 2- Os que, de forma despudorada, fazem gala em exhibir que não estão sujeitos às mesmas regras que o comum dos mortais, tudo podendo fazer e não tendo que assumir as consequências das suas “infrações”.

Todos conhecemos casos destes, uns mais mediáticos, normalmente com implicações diretas no nosso bem-estar coletivo, outros que atingem especificamente pequenos grupos ou alguma pessoa em particular. A sensação de injustiça que se sente esbarra, muitas vezes, num sentimento de impotência para alterar o estado de coisas e somos tentados a baixar os braços, a deixar andar como se tudo fosse uma inevitabilidade. A partir de certo ponto perde-se, inclusive, a capacidade de indignação. Ora, quando isso acontece, podemos estar muito próximo de entrar numa espécie de “modo vegetativo”.

Os níveis de responsabilidade da atual situação certamente são distintos mas, de uma forma ou de outra, por ação ou por omissão, todos nós, voluntária ou involuntariamente, não só temos responsabilidades na manutenção deste estado de coisas como,

enquanto educadores (na escola, na universidade, no clube, na comunicação social, na família, no grupo de amigos ...), também alimentamos e ajudamos a criar o “monstro”.

Não pode valer tudo desde que o “árbitro/professor/polícia/pai/vizinho” não veja ou não possa fazer nada. Copianço nas avaliações, puxões e simulações numa competição, falcatura nos negócios e nos concursos, manipulação da informação, maledicência, etc., não podem ser estimulados e, muitas vezes, até ensinados e “treinados”. Ou melhor, poder podem, mas a punição (inclusive a moral) tem de ser suficientemente dissuasora para, no mínimo, fazer pensar duas vezes se vale a pena correr o risco.

Mas não basta que as pessoas pensem duas vezes antes de fazer algo, é importante que as decisões que tomem não sejam em função do medo de eventuais punições, mas por terem uma capacidade de análise e sentido crítico alicerçado em bases culturais sólidas onde a ética, a deontologia e a moral não são apenas adornos de poetas ...

Com a manutenção do processo pedagógico dominante, por exemplo, no sistema educativo (do pré-escolar à universidade) e no sistema desportivo (da iniciação ao alto rendimento), será difícil sair deste espartilho de impunidades, injustiças e impotências. Contudo, cada um no seu âmbito de atuação pode ajudar a fazer a diferença, assim saiba e queira... Entretanto, sempre se pode ter a fraca consolação que tudo tem um tempo e que, no final, ninguém escapa

impune ao inexorável ciclo da vida. O problema é que enquanto isso não acontece lá vão infernizando a vida dos outros...

A árvore e a floresta

(12-12-2014)

Por hábito, comodismo, ignorância, falta de “arte”, má-fé e muitas outras razões, por vezes, confunde-se a parte com o todo, seja para tecermos os maiores elogios seja para denegrirmos algo ou alguém.

É assim normal fazermos generalizações do tipo: - Na América, na Europa, no Continente, na Madeira ..., é que é bom ou mau; - Os professores, os treinadores, os médicos, os advogados, os mecânicos, os pedreiros, os jornalistas, são impolutos ou uns vendidos.

Até parece que, em cada um desses “locais” ou categorias profissionais, as pessoas e as instituições são todas iguais, têm as mesmas características, os mesmos “defeitos e virtudes”.

É verdade que é possível identificar algumas características que podem prevalecer, com maior incidência, em certos grupos ou regiões (ou noutra tipo de categorias). Contudo, isso não nos deve toldar o discernimento ao ponto de cairmos no facilismo de rotularmos, de forma grosseira e superficial, algo ou alguém, só porque isso nos interessa, seja para esconder a nossa falta de conhecimento e capacidade de compreensão dos fenómenos, seja para endeusarmos ou denegrirmos, a nosso belo prazer, e darmos uma de eruditos na mesa de café, na família, nos órgãos de comunicação social, no local de trabalho, etc.

Uma das possíveis explicações para este tipo de fenómeno/comportamento é o facto de sermos educados/formatados (na escola, no clube, na família ...) através de processos massificados onde, com a desculpa de todos terem de ser tratados da mesma maneira, não se personalizam os processos de modo a desenvolver, de forma contextualizada, as capacidades e potencialidades de cada um. Agrupar facilita mas, como tudo, tem também inconvenientes.

As pessoas são todas diferentes, que o digam os pais que têm mais do que um filho, que, por vezes, se lamentam que os educaram da mesma forma mas “tiveram resultados tão diferentes”! Pois, se eles já eram diferentes, não deveriam ter sido educados da mesma forma. Ou seja, podemos manter os princípios e almejar objetivos educativos semelhantes, por exemplo, que tenham espírito crítico, sejam autónomos, criativos, responsáveis e com capacidade de adaptação, mas depois não podemos aplicar “receitas” pré formatadas independentemente das características de cada um, do seu nível de desenvolvimento e da capacidade de resposta ao que lhes é solicitado.

Temos (professores, treinadores, pais, ...) de atuar em cima da resposta que é dada e não de progressões pedagógicas estereotipadas, crenças e “fezadas” que impomos a nós próprios através das nossas vivências.

É evidente que não é fácil ser professor, treinador ou pai, ... com tantos constrangimentos, por exemplo, de ordem “burocrático-administrativa”, da pressão dos resultados de curto prazo (exames ou

competição) ou mesmo das solicitações consumistas ou propostas de “trabalho/ocupação do tempo” bem mais apelativas que a escola, o clube ou o ambiente familiar. Contudo, já há conhecimento e meios disponíveis para personalizar os processos, mesmo quando temos a responsabilidade de educar “muitos ao mesmo tempo”. Assim queiramos sair da nossa zona de conforto e saibamos assumir as nossas responsabilidades ...

“Falar para o Boneco”

(13-01-2015)

Nas mais variadas situações e contextos há muita gente que se lamenta de “falar para o boneco”. Pais que “acusam” os filhos de não ligarem nenhuma aos seus conselhos e recomendações, professores que dizem que, por mais estratégias que utilizem, os alunos não os ouvem e continuam alegremente a não fazer nada, treinadores que se queixam que avisam os desportistas para terem atenção a certos aspetos e estes não ligam, “chefes” que se queixam dos funcionários, políticos que se dizem incompreendidos pelos eleitores, etc.

Certamente que cada caso é um caso e que cada pessoa e situação são distintas, contudo, sem querer ser redutor, numa problemática com tanta complexidade, a título de exemplo, podemos dizer que o problema pode ser gerado pela própria comunicação (emissor, canal, recetor), pelo próprio conteúdo (a pertinência que ele tem para quem o emite não ser percecionada da mesma forma por quem o recebe), pela credibilidade atribuída à fonte emissora, etc.

Na ótica dos emissores, na maioria dos casos, apontam-se as responsabilidades essencialmente para os destinatários. Ou seja, a culpa é dos filhos, dos alunos, dos desportistas, dos funcionários, dos eleitores, etc. e dos “tempos loucos” que vivemos. No fundo, continua-se a pensar no “meu tempo é que era bom”.

Ora, um dos principais problemas pode estar mesmo aí. O mundo mudou e continua a mudar a uma velocidade vertiginosa. O tempo do “comer e calar”, do fazer assim “porque eu quero e mando”, ainda do agrado de muitos, perde espaço à medida que sobe o nível de compreensão da complexidade e dinâmica do mundo em que vivemos, ou seja à medida que aumenta o nível de educação (não confundir educação com a obtenção de canudos - um conflito entre o que devia ser complementar, que, por vezes leva a que alguns, muitos, fartos de ouvir superficialidades e até boçalidades se defendam deixando até quem tem razão a “falar para o boneco”).

As resistências à mudança/rotura no sistema educativo, no sistema desportivo, e não só, vivem, assim, da falta de capacidade para destrinçar entre as enormes possibilidades que se nos oferecem e o que já passou do prazo de validade e está obsoleto e incapaz de dar resposta aos desafios que hoje se colocam. O “velho do Restelo” tinha razão, ali na praia não havia nada de novo e interessante, deviam tê-lo metido nas caravelas - não havia televisão para viver ao longe!

A título de exemplo, algumas das disfuncionalidades que ajudam a perpetuar o estado de coisas são evidentes na centralização dos

processos de decisão e na burocratização dos procedimentos, nas estruturas organizacionais das escolas com horários típicos das fábricas do Séc. XIX, com mesas e cadeiras, nas salas de aula, orientadas para o quadro e para o professor e com programas completamente desfasados da realidade, nas estruturas organizacionais das federações, associações e clubes esclerosadas e centralizadas muitas vezes numa só pessoa, nos processos de treino muito pouco personalizados, etc.,

Depois ainda nos queixamos que “não nos ouvem”?

Porém, por outro lado, também é necessário ter em conta que, por vezes (poucas vezes), apesar de, no curto prazo, se ficar com a ideia que se está a “falar para o boneco”, a médio e longo prazo se acabar por verificar que o que foi dito afinal até foi percecionado, compreendido e assumido. Não nos podemos esquecer, que, por vezes, há um tempo para “estar no contra”, para rejeitar tudo o que “soe a autoridade”, mas depois ...

Se o leitor teve a paciência de chegar até aqui então talvez eu não tenha estado a “escrever para o boneco”.

Indiferença e indignação

(11-02-2015)

Nos dias de hoje, nas escolas, nas universidades, no desporto, na família, no grupo de amigos e em tantos outros locais públicos e privados, somos muitas vezes confrontados com um sentimento de indiferença, uma espécie de fazer de conta que não se passa nada. No

fundo até parece que muitas vezes as pessoas ligaram o modo de sobrevivência e já se sentem muito felizes pelas desgraças só acontecerem aos outros.

Assim, não é de estranhar que não exista grande indignação (diríamos mesmo que não parece existir nenhuma), por exemplo ao nível do sistema educativo e desportivo, por:

- Existirem escolas (normalmente sempre as mesmas) que, de forma sistemática, ao longo dos anos inflacionam as notas dos seus alunos para que eles tenham mais probabilidades de entrar no ensino superior;

- Existirem universidades e politécnicos (normalmente sempre os mesmos) que inflacionam as notas dos alunos dos cursos de formação de professores para que eles tenham vantagem nos respetivos concursos de acesso à profissão;

- Existirem resultados desportivos viciados, seja por intermédio de programas de dopagem (inclusive patrocinados, por ação ou omissão, por países e organizações institucionalizadas), seja por truques e expedientes mais ou menos camuflados (muitos deles de conhecimento público) que vão da competição em si até às engenharias orçamentais;

- O ensino básico e secundário e o ensino superior não darem resposta aos desafios que hoje se colocam e continuarem a preparar para o passado (comentário que nada tem a ver com empregos, mas sim com a formação de pessoas);

- O Desporto estar a ser utilizado essencialmente como um fim em si mesmo e como meio de “promoção de egos” (dos desportistas, dos treinadores, dos dirigentes, dos pais, dos adeptos...), ou pior ainda, como “distrador” - de onde resulta indiferença perante situações graves - e não como um meio privilegiado de transformação do Homem; - etc.

Tal como a avestruz até parece que se enterramos a cabeça na areia os problemas não existem ou desaparecem. Porém, o mais provável é que com a nossa indiferença e muitas vezes com a nossa cobardia, estejamos a contribuir para agravar o problema, pois tal como na maioria das doenças quanto mais tarde for feito o diagnóstico e começar o tratamento mais difícil será a sua resolução.

Contudo, muitas vezes, o problema é bem mais grave que a indiferença pois ser indiferente significa que temos consciência de algo e optamos por não agir, ou melhor, agimos com indiferença. Outra coisa é nem sequer ter consciência dos problemas, aceitar que é tudo normal, que é a lei da vida, sempre foi assim e continuará a ser. Ora aí está outro grande equívoco, pois tudo tem um prazo de validade, mesmo que existam ciclos a mudança é inevitável. O ciclo de mudança é que pode ir de “um nanosegundo a vários milénios...”.

A modificação deste estado de coisas, ao contrário do que por vezes se pensa, não se faz por decreto nem num “estalar de dedos”, é necessário, a título de exemplo, uma profunda modificação no processo pedagógico (nas escolas, nas universidades e politécnicos, nos clubes,

na família...) de modo a que verdadeiramente se desenvolvam as capacidades e potencialidades de cada um e não que se continuem a formatar pessoas de acordo com as vivências pessoais e com crenças e dogmas do séc. XIX (ou mais antigos).

Prestar contas para evoluir

(13-03-2015)

A prestação de contas (no sentido lato do termo e não apenas do ponto de vista financeiro) não parece estar enraizada na nossa sociedade. Antes pelo contrário, até parece existir o receio de pedirmos contas não vá “o feitiço virar-se contra o feiticeiro” e termos de ser nós a prestá-las. É mais fácil acusar, lançar boatos, insinuar, no fundo o habitual “eu não acredito mas parece que...”

A exigência da prestação de contas é, muitas vezes, encarada como um indicador de desconfiança para com quem é responsável pelos investimentos e/ou pelos processos e não como um normal procedimento que, em primeiro lugar, deve ser feito pelos próprios responsáveis como mecanismo de autocontrolo para verificar se estão ou não a alcançar os objetivos visados.

Uma análise custo-benefício é fundamental para que se possam definir e alcançar rentabilidades que otimizem os investimentos que são feitos (em todo o tipo de capitais). Não basta lançar uns números e mandar umas bocas, é necessário comparar o lucro obtido com o capital que foi investido.

Por exemplo, se não for feita uma análise séria será lícito concluir que nas universidades, nas escolas e nos clubes, as coisas correm “às mil maravilhas” só porque: - a nível académico há muito mais mestres e doutores e publicam-se muitos artigos; - as escolas todos os anos têm muitos projetos extracurriculares e aulas de apoio que os alunos podem frequentar; - há muitos núcleos do desporto escolar e participam muitos alunos nas competições; - os clubes têm muitos desportistas nos escalões de formação e ganham muitos títulos?

Só por si com estes dados, em tese, tanto é lícito dizer que está tudo bem como afirmar que mestrados, doutoramentos e artigos publicados pouca utilidade prática têm e servem maioritariamente para a progressão na carreira dos docentes e investigadores; que os projetos extracurriculares, as aulas de apoio e as horas do desporto escolar servem mais para completar os horários dos professores que para os alunos; que a dita formação dos clubes serve essencialmente para que os treinadores tenham um complemento salarial, que os pais sonhem com uma reforma dourada à conta do trabalho dos filhos ou se afirmem através deles, que os dirigentes e adeptos alimentem o ego por ficarem à frente dos rivais...

É necessário que exista uma cultura de exigência e isso implica uma prestação de contas transparente em que os números não sejam torturados até que digam o que queremos, em que não se meta debaixo do tapete o que correu menos bem, onde não se manipulem, com conivência de terceiros, as informações que são tornadas públicas ou realçadas, etc.

O erro e o insucesso fazem parte do processo pedagógico e são naturais quando almejamos altos rendimentos pois, ao nos aproximarmos dos limites para que existam adaptações e transformações significativas, também estamos a diminuir as margens de segurança...

A cultura de fazer análises custo-benefício e prestar contas (que não sejam meros exercícios de fachada) para que, por exemplo, seja possível reforçar ou reformular os objetivos, os meios e as metodologias utilizadas, é algo que deve ser estimulado e trabalhado de forma intencional e competente na escola, no clube, na família, na comunicação social, no ensino superior..., ultrapassando, sem complexos, a crença que só se pode idolatrar ou denegrir, rotulando gratuitamente (ou talvez não) tudo e todos de “bestas ou bestiais” mesmo que não tenhamos informações e conhecimentos suficientes para o fazer...

Através da história, abundam exemplos do que pode acontecer quando se confia cega e acefalamente em “iluminados” acima de qualquer suspeita... contudo, parece que nunca aprendemos...